ANSELMO JOSÉ DA GAMA SANTOS

TERREIRO MOKAMBO: ESPAÇO DE APRENDIZAGEM E MEMÓRIA DO LEGADO BANTO NO BRASIL

Universidade do Estado da Bahia
NOVEMBRO/2008

Á
ALTANIRA MARIA CONCEIÇÃO SOUZA
MÃE MIRINHA DE PORTÃO
(IN MEMORIAM)

AGRADECIMENTOS

Logo de início, gostaria de reconhecer publicamente que minha vida, até aqui, tem se resumido a agradecer o que me deixa muito feliz. Agradeço primeiramente a Ngana Nzambi (DEUS) que permitiu ao Nkisi Dandalunda que me escolhesse entre milhares de seres humanos e me encaminhasse para o Candomblé de origem banto. Aprendi o respeito às divindades para as quais fui iniciado e também a aceitar essa missão com amor e vontade de servir aos meus irmãos que, como eu, passam por esta vida com o único intuito de crescer e aprender, não aqueles saberes condicionantes, mas aqueles que nos fazem seres humanos completos que possam olhar para trás e dizer do fundo do coração: como a vida me ensinou. Como cresci. Como pude ajudar ao outro.

Agradeço a minha espiritualidade pela forma precisa com que tem conduzido minha vida religiosa até o momento e pelo entendimento que me deu sobre minha missão nesta terra, fazendo prevalecer a máxima que diz **"quem não vive para servir, não serve para viver".**

Passado o agradecimento divino, vamos aos agradecimentos terrenos. Agradeço ter nascido de pais como **Severino José dos Santos e Amália Lopes da Gama Santos**, seres humanos maravilhosos que a vida fez a benesse de colocar frente a frente em situação bastante adversa, daí surgindo uma família sólida, com muito amor, carinho e 14 filhos para compartilhar de toda sabedoria deles. Fui o 13º filho e aprendi valores tão importantes que ainda hoje, na idade em que estou, consigo ouvir os conselhos do meu pai, que contribuíram muito para o meu crescimento. Minha forma de pedir desculpas pelos erros, que certamente cometi durante minha convivência com eles, é estar nesta academia enaltecendo a formação familiar recebida, pois foi através dela que cheguei até aqui.
Obrigado por existirem.

Aos meus irmãos e irmãs, cunhados e cunhadas, sobrinhos e sobrinhas, sobrinhos-netos e sobrinhos bisnetos. Obrigado por fazerem parte da minha vida.

Como a vida sempre foi generosa comigo, além dos agradecimentos que fiz até o momento, jamais poderia deixar de agradecer aos meus amigos mestrandos que,

convivendo comigo no cotidiano, vendo a minha entrega absoluta e a vontade de obter cada vez mais conhecimentos, não se furtaram à possibilidade de me ajudar promovendo momentos maravilhosos de discussões e aprendizado sem nunca ter deixado que me sentisse diferente em qualquer momento, por ter como objeto de pesquisa minha ancestralidade negra e do Candomblé. Com eles aprendi que a academia é o lugar onde podemos usar nossa intelectualidade para melhorar a qualidade de vida de tantas outras pessoas através da nossa forma mais ampla de enxergar o mundo e das saborosas trocas de saberes que a academia nos proporciona. A academia deixou de ser para mim um lugar de sonhos e inatingível para ser um lugar real e com imensas contribuições para a nossa sociedade.
Aos meus colegas de mestrado. Muito obrigado.

Meu ciclo de amizades foi aumentando sem que me dessa conta e, neste caminhar acadêmico, descobri pessoas maravilhosas, entre elas Maristela Gomes e Ana Lúcia Velame, que muito contribuíram para este momento acontecer.
A elas meu muito obrigado.

À Professora Doutora Vanda Machado pelo apoio que sempre deu durante minha trajetória no mestrado e por ter possibilitado a chegada de duas amigas para a nossa convivência: as Professoras Doutoras Denise Pini Rosalem da Fonseca e Tereza Marques de Oliveira Lima (a quem chamo carinhosamente de Dinda) que foram as responsáveis pela minha primeira aventura literária através da participação no livro *"Caminhos de luz – Apostolados afro-descendentes no Brasil"*, organizado por elas.
Muito obrigado.

A FAPESB/CAPES, cujo apoio foi fundamental para a conclusão do meu trabalho proporcionando-me a tranqüilidade necessária para tal.
Muito obrigado.

A minha amiga, filha e grande colaboradora Bibliotecária da UNEB Hyldete Pita Costa, pela imensa colaboração durante meu trajeto para a concretização desta jornada.
Muito obrigado.

O mestrado me reservou ainda poder compartilhar da convivência de duas pessoas maravilhosas que considero presente dos Deuses e a elas dedico um imenso carinho, amor e respeito. A minha querida imortal YEDA ANTONITA PESSOA DE CASTRO minha orientadora, pequena grande mulher, de uma generosidade ímpar que certamente irá no meu coração para sempre (Mbote, Malunga Kisimbi). Minha ilustríssima plena e co-orientadora JACI MARIA FERRAZ DE MENEZES, sensível, prestativa e solidária. Pelos momentos importantes que vocês dedicaram a este trabalho de pesquisa, meu muito obrigado.

Agradeço aos meus filhos-de-santo, Tatas e Makotas do Terreiro Mokambo, que estiveram ao meu lado nos momentos de alegria e de tristeza durante a construção deste trabalho, a quem dedico com amor e carinho o título de **Mestre em Educação e Contemporaneidade.** É para vocês todo o conhecimento que tenho adquirido e que venha a adquirir daqui por diante.

Ao Nkisi Nzaze que colocou CELINA CONCEIÇÃO DOS SANTOS (ZAMBAZAN) e ao Nkisi Dandalunda que colocou RAIMUNDA SANTIAGO CONCEIÇÃO (DANDALECI) ao meu lado para contribuir com minha missão, meu muito obrigado. Seria muito difícil citar todos que hoje compõem o Terreiro Mokambo, mas agradeço à família que construí ao lado de Dandalunda e Tempo por este momento, e à minha mãe, dedico esta oração:

ORAÇÃO A MAMETO DANDALUNDA

Kiwá Nkisi Dandalunda ! Salve dourada senhora da pele de ouro, benditas sejam suas águas que lavam o meu ser e me livram de todo o mal. Dandalunda sublime RAINHA, belo Nkisi, venha a mim caminhando na lua cheia trazendo em suas mãos oh ! mãe querida, os Lírios do amor e da paz. Torne-me doce, sedutor e suave como és, minha senhora adorada Mameto Dandalunda, proteja-me hoje e sempre, meu fiel Nkisi, faça com que o amor seja uma constante em minha vida. Dê-me a possibilidade e a sabedoria de amar a tudo que existe. Proteja-me sempre contra as mandingas e feitiçarias. Dê a mim o néctar de sua doçura, mãe do ouro, da beleza e do amor, senhora da mais pura energia (nguzo), valha-me hoje e sempre. Minha adorada mãe que a senhora em sua suave ternura cubra seus filhos com seu belo manto de divina doçura, luz e força, trazendo para todos nós paz, saúde, felicidade, harmonia e muito amor. Kiuwá minha doce mameto Dandalunda, sua benção.

Kiuwá Nkisi Dandalunda Kisimby Kya Maza !

S U M Á R I O

Introdução 01

Capítulo 1 – O povo banto

1.1 Quem são e de que parte da África foram trazidos 05
1.1.1 A cosmovisão banto 07
1.1.2 As irmandades de origem banto 15

1.2 O tráfico África/ Brasil 17
1.2.1 A distribuição do povo banto no Brasil 20

1.3 Construindo a invisibilidade banto 21

1.4 O legado banto 24
1.4.1 Gastronomia 25
1.4.2 Cultura 28
1.4.2.1 Samba 28
1.4.2.2 Congada 28
1.4.2.3 Bumba-meu-boi 29
1.4.2.4 Capoeira 30
1.4.2.5 Maculelê 30
1.4.2.6 Jongo 32
1.4.2.7 Caixa 34
1.4.2.8 Quitanda 35
1.4.3 Línguas 37
1.4.4 Candomblé 38

Terreiro Mokambo
Salvador - Bahia - Brasil

Capítulo 2 – Minha aprendência na religião

2.1 Candomblé – Fonte de resistência e manutenção das tradições do povo banto ····· 42
2.1.1 Entendendo o "ser banto" ····· 45
2.1.2 O acolhimento dos caboclos no candomblé banto ····· 46
2.1.3 O culto ao caboclo e o candomblé banto ····· 49
2.2 Meus caminhos no candomblé Congo/Angola ····· 54
2.2.1 Aprendendo as tradições do povo banto ····· 56

Capítulo 3 - Bahia: minha raiz

3.1 Mãe Mirinha de Portão – O encontro predestinado ····· 60
3.2 Convivência no Terreiro São Jorge Filho da Goméia ····· 63
3.2.1 Casos e aprendizado pelo exemplo ····· 65

3.3 Conhecendo minha ancestralidade ····· 72
3.3.1 Sr. Severiano Manoel de Abreu (Jubiabá) ····· 72
3.3.2 Sr. João Alves Torres Filho (Joãozinho da Goméia) ····· 80

Capítulo 4 – O Terreiro Mokambo – Nzo Nguzo za Nkisi Ndandalunda ye Kitembo

4.1 A pedagogia dos terreiros ····· 89
4.1.1 Transmissão de saberes através do exemplo ····· 91
4.1.2 Transmissão de saberes através dos rituais ····· 92
4.1.2.1 A iniciação ····· 92
4.1.2.2 A musicalidade ····· 92
4.1.2.3 As danças ····· 93
4.1.2.4 As cantigas ····· 93

4.2 Nasce o Terreiro Mokambo ····· 94

Considerações finais ····· 116
Fontes e bibliografia ····· 120

RESUMO

Os povos banto, oriundos da África subsaariana, tribos que povoavam a parte situada abaixo da linha do equador, foram os primeiros negros trazidos da África para o Brasil a partir de séc. XVI e aqui escravizados. Apesar de todo o processo de desumanização sofrido por esses povos durante a dominação, foram desenvolvidas técnicas de resistência que atendessem às necessidades de manutenção das suas tradições religiosas, culturais e de seus costumes, para que pudessem exercer uma resistência ética visando fortalecer sua identidade de origem. Para não sucumbirem diante dos dominadores, os banto adaptaram-se rapidamente ao novo mundo e promoveram a reinvenção de todo o seu processo civilizatório sem, no entanto, perder sua autenticidade, guardada a sete chaves, sendo por isso reconhecidos erroneamente como um povo dócil, amoroso, que não ofereceu resistência ao domínio, sem cultura e sem tradições religiosas. Através deste trabalho procuraremos contribuir no processo de construção da visibilidade deste povo e de todo o legado herdado pelo povo brasileiro, reconhecido hoje em sua formação étnica e cultural, bem como promover sua reparação junto a nossa sociedade.

Palavras Chave: História, Tradições e Educação.

ABSTRACT

The Bantu people, who came from the Sub-Saharan Africa, tribes which used to be settled in a part located under the line of Equator, were the first black people brought from Africa to Brazil from the XVIth century onwards to be made slaves. Despite the inhuman process suffered by these people during the domination, they could develop techniques which suited their needs to keep their religious traditions, culture and costumes, in order to have an ethics of resistance to strengthen their origin identity. In order not to be devastated by the dominators, the Bantu people, as fast as they could, adapted themselves to the new world and they started to reinvent their whole civilization process without losing their authenticity, keeping it in secret, and because of this behavior they were known as a docile and lovely people who were not resistant to the domination and who had neither culture nor religious traditions. Through this work, we will try to contribute not only to the process of the construction of these people visibility and their overall inherited legacy by the Brazilian people, recognized nowadays in their ethnic and cultural formation, but also to promote their reparation with society.

Key words: History, traditions and education.

INTRODUÇÃO

Sempre tive simpatia pelas religiões de matrizes africanas no Brasil, antes até de ter aproximação concreta das mesmas. Minha iniciação no Candomblé tradicionalmente de nação Congo/Angola no ano de 1975, colocou-me definitivamente na prática religiosa, na qual fui sempre muito próximo, muito mais do que um simples adepto. Minha ancestralidade estava conduzindo meus caminhos e a partir desse momento meu destino religioso estava sendo selado, sem que eu disso me desse conta.

O mundo do Candomblé para mim era algo extremamente diferente de tudo que eu conhecia sobre religião. Minha família biológica vinha de uma tradição católica muito forte e também mantinha seus preconceitos em relação às religiões de matrizes africanas. Comecei a entrar em choque com alguns membros da minha família por defender as atividades religiosas do Candomblé uma vez que, como iniciado na religião, comecei a conhecer mais profundamente seus rituais e, a partir daí, pude perceber a falta de conhecimento de muitos daqueles que o estigmatizavam.

A realidade é que, mesmo não tendo convivido diretamente com religiões de matrizes africanas, após minha iniciação percebi que todo aquele conhecimento era um pedaço que faltava para que pudesse me sentir um ser completo. A partir do entendimento que tive dos rituais do Candomblé como fonte de equilíbrio para o ser humano, através das injunções religiosas, de saber identificar com quais energias o Candomblé trabalha, de poder compreender que tudo que emanava de conhecimento do terreiro era para o meu bem e para a manutenção da tradição banto, despertei para minha missão religiosa e dei início a minha jornada.

Por tratar-se de uma tradição oral e como nossos ancestrais africanos escravizados no Brasil não tiveram acesso à cultura escrita, nossa tradição ancestral, com o passar do tempo, foi sofrendo perdas em relação a sua forma original africana, apesar de compreendermos o Candomblé como uma manifestação brasileira, ou seja, a forma com que os rituais africanos de origem banto se adaptaram ao Brasil. Não temos a pretensão de reivindicar pureza de rituais.

Durante os primeiros anos do tráfico transatlântico, a maioria dos negros trazidos do continente africano era de origem banto, o que possibilitou uma convivência maior e uma absorção de hábitos e costumes locais, que logo foram colocados em prática pelos negros escravizados visando uma melhor convivência na nova terra. Essa proximidade entre os negros africanos e os nativos brasileiros também acabou contribuindo para que se desenvolvesse uma estratégia de comportamento para ludibriar os dominadores, pela qual os negros banto, possivelmente, se passavam por mais dóceis com a finalidade de atingir seus objetivos de sobrevivência, inclusive física. Isso lhes custou a fama de não possuírem cultura própria e de não lutarem para manter suas tradições.

Até mesmo entre os povos africanos que foram trazidos para o Brasil, o povo banto foi discriminado e ainda foi colocado à margem de qualquer tipo de estudo pelos pesquisadores da época sob a alegação de terem seus rituais tradicionais e seus costumes perdidos no tempo e de se utilizarem de costumes de outras etnias africanas para permanecerem vivos.

Houve um momento em que essas informações começaram a me deixar intrigado, pois apesar de tantas referências negativas sobre o povo banto, eu, como iniciado nesta tradição, tinha diversos motivos para que procurasse investigar e pesquisar mais profundamente sobre ela, com o objetivo de dar visibilidade a uma cultura que, seguramente, deu sua contribuição à formação étnica e cultural do povo brasileiro.

Assim surge o **"TERREIRO MOKAMBO: ESPAÇO DE APRENDIZAGEM E MEMÓRIA DO LEGADO BANTO NO BRASIL"** trabalho de pesquisa que tem como objetivo principal buscar elementos da história banto que nunca foram disponibilizados à sociedade, ratificando o terreiro de Candomblé como um espaço de resistência e manutenção da cultura negro-africana que pratica, preserva e mantém vivo todo um conhecimento ancestral recebido oralmente e transmitido aos membros do mesmo durante gerações, cujo conteúdo pedagógico é de significativa relevância para o fortalecimento da identidade brasileira. Sua finalidade é contribuir para aumentar o sentimento de pertença ao grupo religioso e cultural banto, fortalecer a auto-estima e, por fim, para informar a sociedade sobre o legado banto e sua importância para o povo brasileiro.

No primeiro capítulo falaremos sobre a origem do povo banto, sua cosmovisão, sua presença no Brasil através de movimentos sociais (irmandades religiosas) que tinham a finalidade de promover a liberdade através da compra de alforrias, alguns aspectos do tráfico transatlântico, a distribuição do povo banto no Brasil, as interferências que contribuíram para a desvalorização das tradições de origem banto e a herança cultural, gastronômica, religiosa e lingüística banto que contribuiu para a formação do povo brasileiro.

No segundo capítulo utilizaremos do nosso conhecimento como adepto do Candomblé durante 33 (trinta e três) anos e nossa experiência como sacerdote para esclarecer alguns aspectos que são significativos para um melhor entendimento da cultura banto pela sociedade brasileira, enfatizando as diferenças entre cultura africana e cultura ameríndia nas suas manifestações religiosas. Isso foi feito através de pesquisa de campo com a entrevista de uma pessoa que mantém a tradição (há mais de 50 (cinqüenta) anos) das práticas que conhecemos como "Candomblé de Caboclo", cuja diferença ritual para o Candomblé é muito singela em virtude da interação e troca de informações entre africanos e indígenas no Brasil Colônia, mas que são ritualisticamente diferentes. Por último, faremos um relato autobiográfico para chegar à fundação do Terreiro Mokambo e sua dinâmica pedagógica visando a manutenção das tradições banto.

No terceiro capítulo discorreremos sobre a base religiosa em que está fundamentada a criação do Terreiro Mokambo, uma vez que o Candomblé é organizado hierarquicamente pela ancestralidade. Conheceremos a história ancestral do terreiro que vai desde Severiano Manoel de Abreu (Jubiabá), passando por João Alves Torres Filho (Joãozinho da Goméia), Altanira Maria Conceição Souza (Mirinha de Portão) até chegar aos dias atuais no terreiro que está sobre a nossa regência.

No quarto e último capítulo faremos uma etnografia do Terreiro Mokambo ressaltando o papel dos terreiros como instituições pedagógicas, destacando sua importância para a manutenção das tradições do povo banto no Brasil, bem como agente multiplicador desta tradição para a sociedade brasileira em geral e a baiana especificamente.
Por se tratar de um processo êmico, na condução da nossa pesquisa qualitativa foram utilizadas a linguagem coloquial em alguns momentos e a linguagem acadêmica em outros, visando uma melhor compreensão do nosso trabalho que foi construído com a

metodologia fenomenológica que se preocupa com a descrição direta da experiência tal como ela é, dando importância ao sujeito/autor no processo de construção do conhecimento.

Através de reflexões sobre as formas de transmissão dos conhecimentos nos terreiros de Candomblé, tentaremos contribuir para um melhor entendimento sobre as tradições banto e sua forma específica de conviver com as diferenças fazendo das mesmas um ponto de partida para a boa convivência entre todos, lutando contra todo o tipo de discriminações, centrismo e autoritarismo, privilegiando uma forma de educação inclusiva que contribua para o crescimento espiritual e cultural das pessoas.

Terreiro Mokambo
Salvador - Bahia - Brasil

CAPÍTULO I

O POVO BANTO

1.1 Quem são e de que parte da África foram trazidos

Primeiramente, é necessário que se entenda o significado da palavra "BANTU", para que doravante possa me referir à mesma com convicção daquilo que estarei falando e querendo me fazer entender a outras tantas pessoas que a este trabalho terão acesso.

O termo "MUNTU" significa homem, pessoa e o plural "BANTU" homens, pessoas, povo, logo, o termo "BANTU" que foi proposto por W. Bleek, em 1862, para nomear a nova família lingüística descoberta, não significa nenhuma raça, etnia ou cultura em especial, sendo uma palavra utilizada para definir um conjunto de populações da África subsaariana, ao sul do Equador, que têm em comum, nas línguas faladas por eles, o fato de serem oriundas de um mesmo tronco lingüístico chamado de "PROTO-BANTU", falado há milênios atrás. Portanto, essas populações com aproximadamente 190.000.000 (cento e noventa milhões) de indivíduos pertencem a uma enorme diversidade étnica e cultural, o que torna a definição de Povo Banto muito mais abrangente do que as pessoas possam pensar.

As línguas africanas dividem-se em quatro grandes famílias, conforme a classificação de Greenberg (1955) e de Güthrie (1953):

1) Afro-asiática
   1.1 – Chádico (hauçá);
   1.2 – Semítico;
   1.3 – Egípcio Antigo;
   1.4 – Cuxítico;
   1.5 – Bérbere.
2) Koissã
3) Nilo saariano
4) Congo Cordofoniano (Região subsaariana: Níger - Congo e Cordofoniano)
   4.1 – Níger Congo

4.1.1 – África Subequatorial – Benue-Congo (Bantu)

4.1.2 – África Central –Adamaua Oriental

4.1.3 – África Ocidental – Atlântico ocidental, Mandê, Voltaico, Kwá.

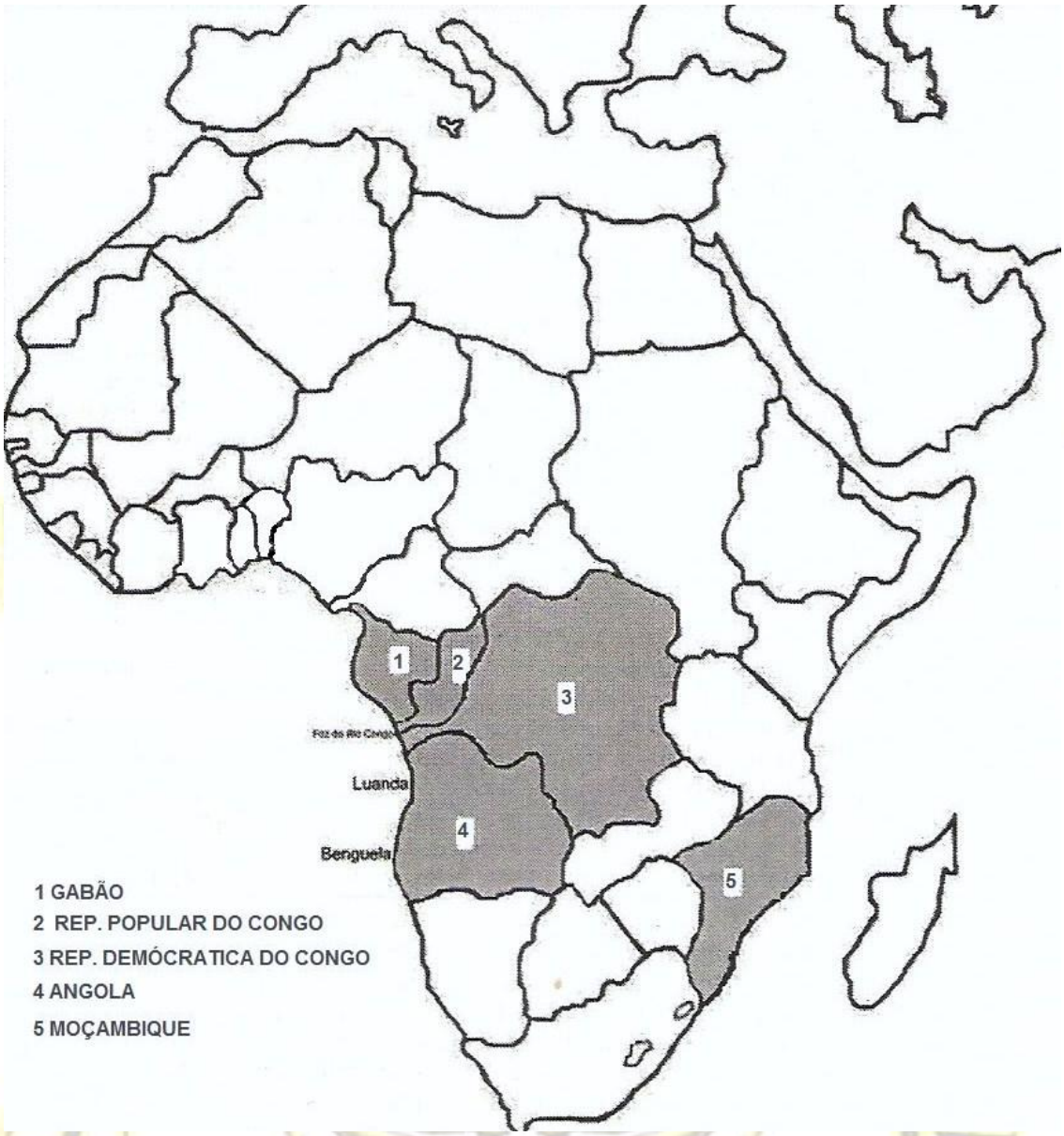
4.2 – Cordofaniano

No livro *Angola: povos e línguas* (2002), os autores João Fernandes e Zavoni Ntondo classificam os grupos etnolingüísticos banto de Angola e suas respectivas línguas, como segue:

Grupo etnolingüísticos	Língua
Tucokwe	Cokwe
Ambundu	Kimbundu
Bakongo	Kikongo
Vangangela	Ngangela
Ovanyaneka-Nkhumbi	Olunyaneka
Ovahelelo	Oshielelo
Ovambu	Oshikwanyama/Oshindonga
Ovimbundu	Umbundu

Esses indivíduos habitam territórios com mais de nove milhões de km² compreendidos em toda a extensão abaixo da linha do equador englobando países da África Central, Oriental e Meridional: República Centro Africana, Camarões, Guiné Equatorial, Gabão, Angola, Namíbia, República Popular do Congo (Congo-Brazzaville), República Democrática do Congo (RDC ou Congo – Kinshasa), Zâmbia, Burundi, Ruanda, Uganda, Quênia, Malauí, Zimbábue, Botsuana, Lesoto, Moçambique e África do Sul.

ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO DO TRÁFICO TRANSATLÂNTICO DO POVO BANTO TRAZIDO PARA O BRASIL



Fonte: Pessoa de Castro, *Falares africanos na Bahia*, 2001

1.1.1 – A cosmovisão banto

A filosofia banto é uma filosofia de energia. Por ser focada mais no movimento que na racionalidade, o povo banto dá ênfase ao movimento do ser, não ao ser metafísico. A existência é a existência da Força Vital (nguzo). O mundo é constituído de energias e o acúmulo de energias significa a matéria em si. Para Placide Tempels, missionário belga na antiga República do Zaire, o pensamento banto é constituído por "uma filosofia

fundamentada numa metafísica dinâmica e numa espécie de vitalismo que fornecem a chave da concepção do mundo" (Tempels, 1969:39-66) para a população cultural.

Pensar a filosofia banto em termos de uma metafísica dinâmica é pensar de outro modo que a racionalidade construída pela filosofia européia – da clássica a moderna. O pensamento banto não se preocupa com o problema da origem, da finalidade, da essência, do ser. A filosofia banto é mais uma ontologia dinâmica do que uma metafísica do ser, utilizando-se dos termos da própria filosofia européia. Na cultura banto não existe correlato para a noção de "SER". Na cultura banto fala-se em força. Conforme o missionário Placide Tempels, "a noção de força toma o lugar da noção de ser, e desta forma toda cultura banto é orientada no sentido do aumento dessa força e da luta contra sua perda ou diminuição" (Tempels, 1969:39-66).

O mais importante para o povo banto é a Força Vital (Nguzo) que anima a vida. Ela mesma é a vida em si. Sendo assim, o primeiro critério e o valor supremo é a Força Vital (Nguzo). Portanto, o imperativo fundamental da filosofia banto é a afirmação categórica de que todo ser é força. "*Force is the nature of being, force is being, being is force"* (Temples, 1969:51).

Em qualquer circunstância devemos aumentar a Força Vital. Tudo que aumenta a Força Vital é benéfico para a comunidade promovendo seu bem-estar. O pensamento banto não é um pensamento de punição e restrição, de culpa e de escassez: ao contrário, é uma filosofia de abundância e da generosidade, da liberdade e da comunhão. A única coisa que é maléfica é a diminuição da Força Vital (Nguzo).

Os adivinhos e sacerdotes conhecem as palavras e os ritos que aumentam e reforçam a vida e, de alguma maneira, eles são os "manipuladores" da energia vital presente no mundo. Munidos de sabedoria ancestral, os sacerdotes utilizam-se do princípio máximo da filosofia banto que é a reprodução da vida. Já os feiticeiros, que também conhecem os ritos de manipulação de energia, utilizam desse conhecimento para proveito próprio, esquecendo-se da comunidade. Utilizar a Força Vital em benefício próprio significa diminuir a Força Vital, posto que ela é um fenômeno eminentemente social. Por isso os feiticeiros são afastados da comunidade e passam a ocupar lugares ermos, uma vez que

não aceitam as regras comunitárias ditadas pela sociedade. Se seu trabalho beneficia apenas a si mesmo, viverá consigo mesmo em solidão, isolado do convívio social.

A relação sexual é um ato de reprodução da vida. Talvez por isso o vigor sexual do homem e da mulher seja tão festejado. No sexo está presente uma fração da força que faz crescer a vida, daí a fertilidade ser muito valorizada entre o povo banto.

Morrer é diminuir a Força Vital. A morte é indesejada, pois ela seria a interrupção da Força Vital. No entanto, os ritos funerários funcionam como um rito de permanência e não de passagem, como dissemos anteriormente. Quando morre um membro da comunidade, sua energia vital pode ser reconstituída através dos rituais fúnebres que têm como principal função transformar a energia vital do indivíduo em Força Vital para a comunidade, daí não existir para o povo banto a reencarnação.

A energia passa de pessoal e individual para comunitária. A morte é apenas uma etapa do ciclo de vida. Vida e morte sucedem-se num movimento contínuo de circulação da Força Vital, sendo etapas de perda e restituição da energia que anima o universo. O pensamento banto busca compreender e experimentar essa movimentação da vida e por isso, os ritos funerais não enterram defuntos apenas, sendo seu significado mais amplo, pois ali geram ancestrais. O nascimento de um ancestral é um aumento qualitativo de Força Vital no mundo e são os rituais que manipulam a Força Vital numa relação de troca contínua. O sacrifício de animais, a utilização de folhas, o uso dos minerais são elementos simbólicos constantemente ofertados porque são plenos de energia vital. Um pacto de restituição e promoção da vida foi selado entre os ancestrais e seus descendentes. Como vida é movimento, para que este exista é necessário que haja trocas e para isso são oferecidos sacrifícios e oferendas, trocas essenciais para a restituição da energia vital. As trocas simbólicas são ritualmente controladas para que seus efeitos sejam pragmaticamente sentidos pela comunidade.

A Força Vital não é um atributo exclusivo dos humanos: ela é fonte de toda a vida. O universo africano, como vínhamos dizendo, é integrado e seus elementos são independentes e para que a integração exerça o seu papel de conectar os seres, é necessário que todos os seres estejam animados pela Força Vital. Ou seja, a

concatenação dos seres no movimento de integração é já o que chamamos de energia fundamental da vida: a Força Vital.

Na cultura banto, na antiga região do Reino do Congo, a força vital é um elemento tão integrado no cotidiano do africano que seu nome recebe as insígnias desta força. Seu primeiro nome lhe dá a identidade social, e nele identificamos sua linhagem, qual sua aldeia de origem, etc., sendo que, do segundo nome em diante, ele será identificado pelos feitos relevantes que fez na vida, ou seja, quando ele passar pelo rito de iniciação, quando fizer uma boa caça, quando se casar, ou vir a se tornar chefe do conselho de ancião, se vencer uma disputa esportiva, terá incorporado em sua identidade (seu nome) os feitos que o destacam no meio social. O primeiro nome é indicativo de sua identidade nata, fornecida pela comunidade, sem que ele tenha feito esforço algum para isto. O primeiro nome é, por assim dizer, o recebimento da dádiva da Força Vital. Do segundo nome em diante será acrescentado em sua identidade tudo o que ele fez para aumentar a Força Vital recebida da comunidade preexistente. O indivíduo só terá outros nomes se realizar atividades que aumentem a Energia Vital do grupo e, conseqüentemente, de si mesmo.

Com esse esboço da filosofia banto, podemos avançar na direção de caracterizar os principais elementos estruturantes das sociedades banto. Esses elementos estruturantes, portadores de uma cosmovisão africana, permaneceram entre os afro-descendentes no Brasil. Em síntese, pode-se afirmar que as sociedades banto estruturaram-se de acordo com o que o Pe. Altuna (citado por Lopes, 1988) chamou de Pirâmide Vital.
A Pirâmide Vital dos banto é ordenada desta forma:

Ser Supremo: Nzambi, Nzambiapungo, Ngana Nzambi, Mulunga, Unkululu;
Fundadores do primeiro clã de humanos;
Fundadores dos grupos primitivos;
Heróis civilizadores;
Espíritos tutelares e gênios da natureza;
Antepassados qualificados (ancestrais);
Antepassados simples;
Humanos vivos.

A Pirâmide Vital dos povos banto privilegia os antepassados. O culto aos ancestrais, como estamos insistindo, é a base da cosmovisão de mundo africana. O povo banto encontra em sua estrutura social, tanto produtiva quanto cultural, a presença marcante dos antepassados e do culto aos ancestrais.

É bom notar que na Pirâmide Vital aparecem vários itens que se relacionam somente com os antepassados e não com os ancestrais. Como em todas as religiões africanas, entre o povo banto existe sempre o preexistente, aquele que antecede a criação do mundo. Porém, quanto à criação do universo, temos a impressão que os banto não estão muito preocupados com isto e sim como esse mundo se estrutura. A estruturação cosmológica desse mundo está baseada, sobretudo, na figura dos antepassados – seja na forma dos fundadores do primeiro clã, dos fundadores dos grupos primitivos, seja na forma dos heróis civilizadores. O respeito e a repetida referência aos antepassados demonstram como esses povos valorizam sua cultura e a situação dos membros que marcaram as comunidades e sua história.

Existem os antepassados qualificados e os antepassados simples. Os qualificados são aqueles que conseguiram ascender, por causa de seus feitos notáveis, a uma condição de divindade, tornando-se ancestrais. Os simples são aqueles antepassados que se preservaram humanos, porém destacados pelo empenho em aumentar a Força Vital de suas famílias e comunidade.

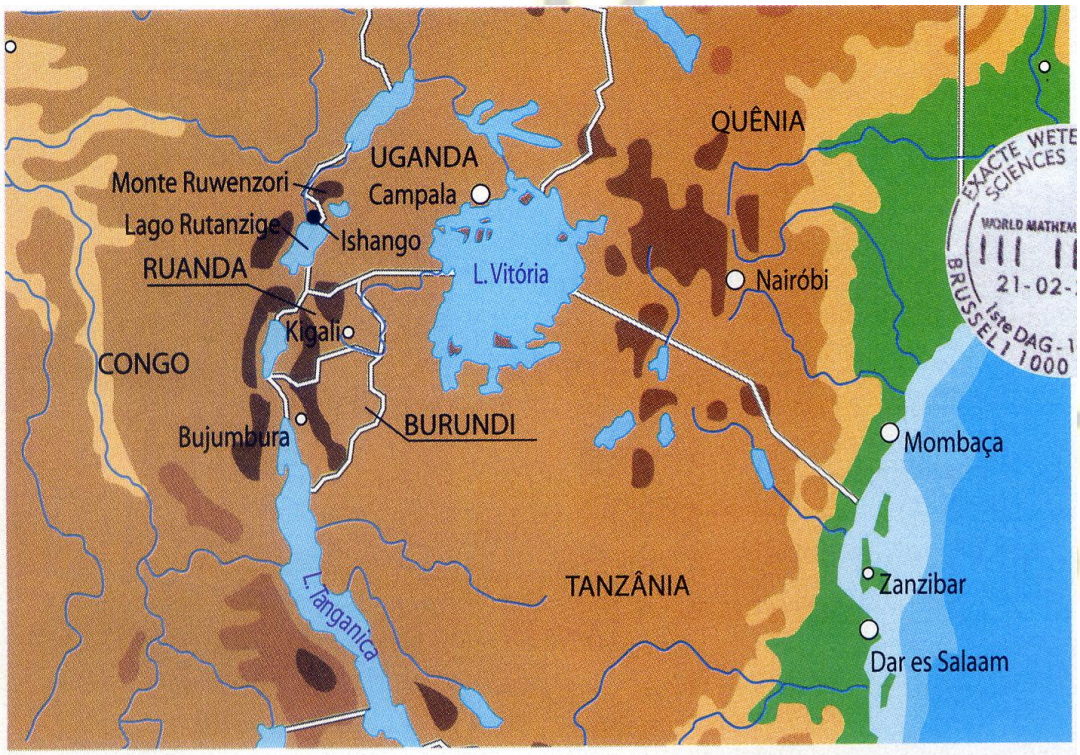
A concepção de vida entre esses povos é cíclica. Como observamos, a morte é a diminuição da Força Vital, mas ao nascer uma criança a restitui. Ao se realizar um rito funerário, translada-se para a Força Vital da Comunidade. Diminui a Força no Sasa (mundo ancestral), mas aumenta no Zamani (mundo real). Toda essa dinâmica está centrada no culto aos antepassados e aos ancestrais.

Não apenas os antepassados são referendados na estrutura cultural dos banto. Também a natureza é referendada. Os espíritos tutelares e os gênios da natureza são a própria natureza divinizada. Elementos essenciais para a sobrevivência do grupo, como os rios, as ervas, etc., são divinizados e a eles são rendidos cultos plenos de oferendas e sacrifícios. O que se convencionou chamar de animismo é, na verdade, uma forma sofisticada de culto à natureza.

Vale lembrar que a população banto veio em maior número para o Brasil na época da dispersão negra (a partir do século XVI). Se sua filosofia ainda não foi bem estudada, se sua história ainda não foi bem contada é porque sofreram uma discriminação racial mais severa do que qualquer outra etnia no Brasil. Mesmo os adeptos dos terreiros de Candomblé Ketu ou Jeje relegaram as manifestações religiosas do povo banto para um segundo plano. Tanto quanto ou mais que o povo-de-santo das nações de língua ioruba, os intelectuais ligados organicamente aos terreiros Ketu criaram o que se chama convencionalmente de "nagocentrismo". Os banto foram desvalorizados até mesmo entre seus irmãos de dispersão. Agora já é tempo de pesquisar com mais profundidade a importância desses povos que, mesmo desprestigiados e inferiorizados, souberam responder criativamente e afortunadamente aos desafios civilizatórios que se lhes apresentaram. "O povo banto soube viver os princípios que assentam a cosmovisão africana, a saber: integração, diversidade e ancestralidade" (Oliveira, David Eduardo de, 1972, p. 111-115).

Muito embora já existam, em maior número, pesquisadores trabalhando sobre a temática dos povos bantos, precisamos trabalhar mais ainda para trazermos à luz da nossa sociedade algumas contribuições importantes como a que está descrita na Revista "Scientific American", Edição Especial nº 11 que versa sobre a Etnomatemática, comprovando, através de estudos científicos, que diversas formas de culturas, das mais diferentes regiões, desenvolveram métodos próprios de solucionar problemas que são usados até a presente data. Uma matéria me chamou a atenção em especial cujo título é "África, berço da matemática" (p. 42-47), que fala de um osso petrificado encontrado entre o Congo e Uganda e sugere que há mais de 20 mil anos a humanidade já era capaz de pensar matematicamente e certamente um povo que já tinha essa possibilidade já deveria contar com uma manifestação religiosa própria, o que nos prova a antiguidade dos povos banto, conforme transcrevo o artigo a seguir:

"Nos anos 1950, o arqueólogo belga Jean de Heinzelin empreendeu escavações no Congo, perto da fronteira com Uganda, às margens do lago Rutanzige (ex-lago Alberto). A administração colonial responsável pelos Parques Nacionais o encarregou de inspecionar um sítio perto do Vilarejo de Ishango".



O VILAREJO DE ISHANGO, onde foi encontrado o bastão, fica situado no Congo, na fronteira com Uganda, ao norte do lago Rutanzige. O artefato foi homenageado durante o Ano Mundial da Matemática, em 2000, pela emissão de um selo no qual figuram os três e seis traços do osso

Nessa região vulcânica, havia a esperança de encontrar uma Pompéia Africana da pré-história, e o jovem geólogo entendeu sua importância. Ele levou os objetos encontrados para o Instituto Real das Ciências Naturais, na Bélgica, e especialmente um deles chamou a atenção: um pequeno osso petrificado, de apenas 10 cm de comprimento, ornado com um cristal de quartzo em uma extremidade e que trazia três séries de entalhes, agrupados.

O BASTÃO DE ISHANGO, exposto no Instituto Real de Ciências Naturais da Bélgica, constitui o mais antigo testemunho matemático da humanidade

O objeto é misterioso por diversas razões. As ferramentas manuais eram raras entre as populações do grupo banto, **aparentadas** ao povo de Ishango. Além disso, o cristal de quartzo – que não pode ser separado do cabo – faz do objeto um tipo de instrumento para gravação, numa cultura que supostamente não conhecia a escrita. Ignora-se, hoje, de qual animal provém o osso petrificado, mas o problema da datação já foi resolvido. Na época da descoberta, existiam poucas tábuas de correção para datar, pelo carbono 14, objetos petrificados encontrados em regiões vulcânicas (as tábuas de correção são

necessárias para considerar variações temporais das quantidades de carbono 14 atmosférico). Mas aos poucos o método foi sendo afinado e os resultados corroborados por outros métodos: o objeto tem entre 20 mil e 25 mil anos. Veremos que, além da idade, o ineditismo caráter matemático desse osso torna o objeto extremamente precioso."

1.1.2 – As irmandades de origem banto

A formação das irmandades religiosas tem início na África com a conversão das tribos negro-africanas ao cristianismo. A Vila de São Paulo de Assunção de Luanda foi fundada em 1576 e elevada à categoria de cidade em 1605 e é tida como a primeira fundação urbana européia no ocidente africano. Estrategicamente situada, oferecia

segurança para o futuro centro administrativo e político da conquista e ainda tinha uma enorme facilidade de penetração pelo interior via Rio Kwanza, facilitando o tráfico atlântico e o fornecimento de escravos. Em decorrência do intenso tráfico de escravos para a América, houve um grande crescimento de Luanda que acabou tornando-se "o maior porto negreiro do Atlântico. (Alencastro, Luiz Felipe. *O trato dos viventes*. 2000). Algumas irmandades existem em Luanda como a Confraria do Corpo de Deus, que congregava os cidadãos mais respeitosos da cidade, a Confraria da Senhora do Socorro que abrigava quase todos os brancos da cidade, a irmandade de São Francisco Xavier que agregava um maior número de moradores da cidade e a confraria do Rosário que reunia negros forros e escravos e tinha sob sua responsabilidade uma capela particular onde faziam suas festividades acompanhando as confrarias dos brancos com seus pendões, tendo sermão e missa cantada, com senhor exposto, com gasto de cera, danças dos mesmos pretos" (Cadornega, Antonio de Oliveira de 1972).

Como podemos observar, a chegada do povo banto ao Brasil tornou-se apenas uma continuidade do que já vivia em território africano, o que para muitos estudiosos foi a causa do engano histórico ocorrido quando, ao pesquisarem sobre as etnias africanas no Brasil seguindo e utilizando uma modalidade de classificação através de diferenças físicas e comportamentais além das habilidades pessoais, que serviam para mensurar a valorização no mercado, ocasionaram, desta forma, preferências e escolhas. Essas avaliações não se davam apenas ao negro africano, mas também aos crioulos como eram denominados os negros nascidos no Brasil, em Luanda, ou ainda em outras colônias portuguesas na África. Neste trabalho pretendo levantar algumas questões que são, a meu ver, de extrema relevância para a ratificação do legado banto para a formação da nacionalidade brasileira.

A Irmandade do Rosário dos Pretos das portas do Carmo, na Bahia (banto) é tida como uma das mais antigas da América portuguesa, sendo que no Brasil apenas as irmandades do Rosário do Rio de Janeiro e Belém, organizadas em 1639 e 1682, são anteriores a mesma (Carneiro, Edson. *Ladinos e crioulos*, 1964. p.68).

1.2 – O tráfico África/Brasil

O tráfico de africanos para o Brasil tem início na segunda metade do século XVI (1559) e se consolida efetivamente com a expansão da produção açucareira no século XVII e com a descoberta de ouro no século XVIII.

A justificativa para que se praticasse esse atentado contra a pessoa humana, que conhecemos como ESCRAVIDÃO, tinha um cunho moral e a crença da suposta superioridade cultural dos portugueses, em nosso caso, o que na realidade foi um grande engano e uma prova inequívoca da falta de habilidade na condução das colônias conquistadas, pois não procuravam saber, e muito menos preservar, o bem cultural que era diferente do seu. Hoje com o aprofundamento dos estudos, inclusive na área antropológica, estamos aos poucos desvendando a realidade que durante tantos séculos não nos deixou enxergar o que são as culturas negro-africanas em toda sua plenitude, beleza e especificidade.

Como podemos perceber nos escritos iniciais, toda a conquista portuguesa se dá com povos de origem banto que tinham características campesinas, vivendo nos interiores da África, dominando a agricultura e as técnicas do ferro desde seu surgimento como povo nômade que foi conquistando e se fixando em territórios situados abaixo da linha do equador, até formarem seus Clãs, Vilas e, desta forma, cuidar daquela terra, muito embora na visão do povo banto a terra seja propriedade de todos e todos tenham o direito a viver em sua terra, não como proprietários, pois a terra é de Ngana Zambi (Senhor Deus), mas sim como usuários. A partir dessa visão comunalista da utilização do solo, o povo banto foi iludido ao acreditar que vindo trabalhar como escravo na Colônia teria sua alma salva, pois nas condições que viviam eram afastados do Deus católico. Essas questões fazem parte do fenômeno da evangelização dos povos dos reinos do Congo, Matamba e Ngola, iniciado no século XVI e que promoveu a desestruturação desses reinos originais. A partir daí começaram os desentendimentos e os portugueses se aproveitaram disto sabiamente e colocaram uns contra os outros, e logo estavam formados grupos que aprisionavam os próprios irmãos e os vendiam aos portugueses para serem enviados para a Colônia e trabalhar como escravo.

A partir daí, começaram os desentendimentos e os Portugueses se aproveitaram disto sabiamente, colocando uns contra os outros e desta forma, logo estavam formados grupos que aprisionavam os próprios irmãos e os vendiam aos Portugueses para serem enviados a Colônia e trabalharem como escravo.

Dos milhares de africanos trazidos para o Brasil (durante todo o processo de tráfico negreiro) de diversas etnias, os dominadores tinham como lema afastar em solo brasileiro todos aqueles que eram próximos ou aparentados no continente africano, inclusive separando muitas famílias, objetivando uma dificuldade na comunicação, pois sem comunicação seria mais difícil uma articulação entre eles, logo não haveria revoltas. Os negro-africanos falam aproximadamente 1.500 línguas das 2.000 línguas diferentes faladas no continente africano.

O que eles não previram foi que existiria uma língua criada pelos africanos em solo brasileiro que foi baseada no sofrimento, no sentimento de abandono, na cumplicidade e na fé ancestral de que aquele pesadelo passaria um dia, que são fragmentos de diversas línguas africanas preservadas nos terreiros de Candomblé, resultado do poliglotismo que é uma característica dos povos negro-africanos.

A dispersão do povo africano acabou por trazer para o Brasil uma nova forma de viver e conviver com sentimentos tão profundos de ligação entre as pessoas e os elementares da natureza. Várias etnias africanas tiveram que aprender lado a lado em solo brasileiro, pois naquele momento elas não tinham valores étnicos para defender o que tinham para defender e que era muito maior que tudo: a **LIBERDADE** essencial a todo ser humano, independente da etnia a qual pertença.

A participação do povo banto na formação étnica e cultural do povo brasileiro, além de importante, é fácil de comprovar pelo grande número de indivíduos trazidos ao Brasil como podemos observar a seguir:

Desembarque de africanos escravizados no Brasil, por procedência regional Períodos de 1701 – 1710 a 1801 – 1810			
PERÍODOS	TOTAL	Desembarque estimado de escravos africanos	
//////////////////////////	//////////////////////	PROCEDÊNCIA REGIONAL	
//////////////////////////	//////////////////////	COSTA DO MARFIM	ANGOLA
1701 – 1710	153.700	83.700	70.000
1711 – 1720	139.000	83.700	55.300
1721 – 1730	146.300	79.200	67.100
1731 – 1740	166.100	56.800	109.300
1741 – 1750	185.100	55.000	130.100
1751 – 1760	169.400	45.900	123.500
1761 – 1770	164.600	38.700	125.900
1771 – 1780	161.300	29.800	131.500
1781 – 1790	178.100	24.200	153.900
1791 – 1800	221.600	53.600	168.000
1801 – 1810	202.200	54.900	151.300
T O T A L	**1.891.400**	**605.500**	**1.285.900**

Fonte: *Brasil 500 anos de povoamento*, Rio de Janeiro: IBGE, 2000**.**

Chefes políticos e mercadores da África Centro-Ocidental (hoje região ocupada por Angola) forneceram a maior parte dos escravizados em toda a América portuguesa.

No século XVIII, o comércio do Rio de Janeiro, Recife e São Paulo era suprido por negros escravizados trazidos da costa leste africana (Oceano Índico), particularmente Moçambique.

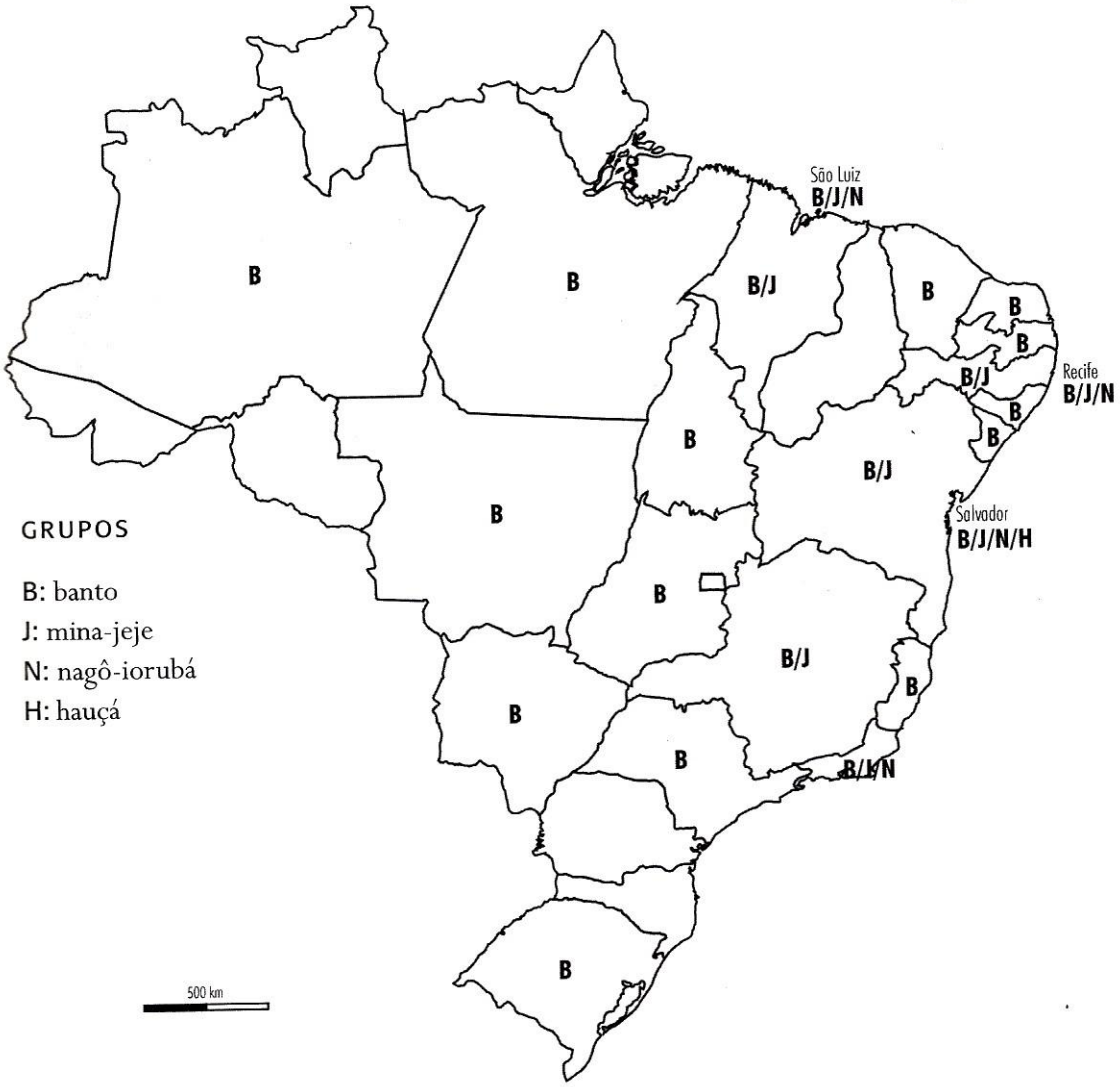
No comércio baiano, a partir do século XVIII e até o fim do tráfico em 1830, os escravizados eram oriundos do Golfo do Benin, sudoeste da atual Nigéria. (cf. Vianna Filho, Luiz. 1988:158)

Não se pode negar que no período pré-colonial africano existia a escravidão, entretanto o conceito de ESCRAVO era bem diferente do conceito de escravo comercial europeu cujo tráfico persistiu durante séculos, trazendo lucros incalculáveis sobre a carga humana retirada do continente africano para ser escravizada no Brasil. A escravidão na antiga África Atlântica era doméstica, de parentesco ou de linhagem, ou seja, funcionava como um status que o indivíduo possuía, mas que lhe dava plena mobilidade social entre deveres e direitos, podendo o escravo exercer funções de grande valia para a sociedade da época, inclusive possuindo bens e podendo ser remunerado pelos seus préstimos, enquanto o conceito europeu era de dominação do ser humano, impondo aí o trabalho cativo sem o reconhecimento de nenhum direito social, inclusive passando por um processo cruel de perda de identidade, esquecimento de sua cultura e de sua religião, passando à condição de coisificação sem nenhuma humanidade, o que causou muito sofrimento para os africanos escravizados.

Entre os fatores que concorreram para a instituição da escravização comercial no continente africano foi a fragmentação do poder político local; havia muitas guerras entre reinos e tribos rivais e, conseqüentemente, aqueles que perdiam acabavam servindo de escravo para os vencedores que ficavam com alguns para os serviços locais e acabavam comercializando os outros com europeus que a esta altura já estavam fincando os pés no continente africano, começando, desta forma o tráfico negreiro, muito embora para os africanos o conceito de escravo era o mesmo entre eles e os europeus, mas, com o passar do tempo, foram descobrindo o engano e constatando que a escravidão desta forma comercial era um verdadeiro flagelo.

“O tráfico internacional de escravos se apropriará desta tradição e transformará a África Atlântica em fornecedora de braços para lavouras e minas localizadas no outro lado do oceano. O restante do continente teve pouquíssima importância nas engrenagens do comércio de almas para o Novo Mundo. Moçambique e Madagascar, responsáveis por 10% do total de escravos traficados, teve 2/3 deles destinados ao mercado muçulmano” (cf. Priore e Venâncio. 2004:37).

1.2.1 – A distribuição do povo banto no Brasil



Fonte: Pessoa de Castro, *Falares africanos na Bahia*, 2001

Atividade principal	Século de introdução maciça			
	XVI	XVII	XVIII	XIX
Agricultura	B	B/J	B/J/N	B/J/N
Mineração			B/J	
Serviços urbanos				B/J/N/H

Fonte: Pessoa de Castro, *Falares africanos na Bahia*, 2001

1.3 – Construindo a invisibilidade do povo banto no Brasil

Mesmo antes da contribuição do trabalho científico do médico Raimundo Nina Rodrigues, que foi o precursor na descoberta da pluralidade étnica dos negros africanos escravizados no Brasil, já havia certo ar de comparativos entre eles, como podemos observar num trecho de uma correspondência da época a seguir:

"Quanto aos negros cativos, só posso informar-te que os vindos da Costa da Mina são mais bem reputados que os vindos de Angola e Benguela e dizem ser ***gente melhor****; eu, porém acho que a* ***preferência*** *é por serem mais asseados e caprichosos; eles, porém são mais ásperos e traidores, quando os de Benguela são mais amoráveis e dóceis, e percebem e falam a nossa língua melhor e com mais facilidade."*

Fazendo uma análise simples do texto acima que data do ano de 1802, podemos observar que as considerações feitas não levam em conta que os povos trazidos de Angola e Benguela já tinham sido conquistados pelos portugueses em seu próprio território e por isso falavam a língua com mais facilidade e já tinham sido moldados para o papel de escravo, enquanto os negros trazidos da Costa da Mina não tinham a mesma experiência, com os portugueses e a dura escravidão naquele momento, logo tinham uma outra postura diante do dominador.

Reconhecer e valorizar diferenças físicas e descobrir certas habilidades que contribuiriam muito para o desenvolvimento de certas tarefas era bastante comum quando se tratava de comércio dos africanos escravizados no Brasil, porém o que causou uma forte aproximação do povo banto (Angolas e Benguelas) com a realidade brasileira foi o fato de Diogo Cão ter cruzado a barra do Congo em 1483, na primeira expedição européia chegada a essa extremidade do mundo, com a intenção de encontrar o Preste João e o caminho para as Índias. Topou com o Reino do Congo e abriu um dos capítulos mais dramáticos da presença européia na África. ([2]) A partir desse momento, com a conquista e catequese da África Central, começou a existir a predominância portuguesa entre o povo banto que, desde o século XVI, abasteceu a Colônia Portuguesa no novo mundo de mão-de-obra para o desenvolvimento.

Assim sendo, podemos compreender porque o povo banto contribuiu para facilitar o trabalho do tráfico negreiro no continente africano e como eles se ajustaram tão bem e rapidamente à realidade encontrada no Brasil. Claro que esse fato fez com que suas culturas, religiões e todas as suas manifestações na sociedade sofressem um processo de adaptação à realidade brasileira muito mais efetiva do que qualquer outra etnia africana. Nesta época (séculos XVII e XVIII) era comum a propaganda dessa mercadoria humana por parte dos traficantes. Se de um lado os comerciantes baianos exaltavam as qualidades do negro mina, os portugueses interessados em acabar com este comércio enalteciam as qualidades dos Congos e Angolas.

Por tratar-se de práticas seculares, as marcas ficaram também nas relações étnicas dos afro-descendentes contemporâneos que ainda hoje tentam reproduzir essa prática cruel da qual foram vítimas seus antepassados.

Podemos citar alguns exemplos de desorientação metodológica de alguns dos nossos estudiosos influenciados por uma excessiva valorização do culto jeje-nagô em detrimento ao de origem banto. Edison Carneiro, por exemplo, que publicou um artigo no jornal "O estado da Bahia" em 26 de outubro de 1936, intitulado "Culto da natureza entre os negros banto" em que demonstra sua opinião como segue:

-*"Os negros bantos eram, e são ainda, atrasadíssimos em cultura. Daí sua dificuldade em generalizar. Difíceis de imaginar a natureza como um todo à parte, esses negros são, porém, inexcedíveis no conhecimento das "folhinhas" do mato, indispensáveis não só ao desenvolvimento dos cultos afro-brasileiros de influência banta (banhos de folhas, ofertas fetichistas, etc.), mas ainda à própria profissão de curandeiros e de feiticeiros e, mesmo, em certos casos, a sua terapêutica pessoal".*

Como Edison Carneiro valorizava em excesso a cultura dos Candomblés Iorubas, pois contava com a boa vontade destes para falar de sua tradição religiosa e, em contra-partida, os negros banto, apesar de aparentarem docilidade e obediência, guardavam seus segredos a sete chaves e, quando se sentiam ameaçados provavelmente mudavam o rumo da conversa, conclui-se que esse artigo é uma prova de que o povo banto sempre deteve o domínio do conhecimento sobre as folhas (*nsaba*) tanto para receitar como

para uso próprio e, por isso, eram chamados de curandeiros e de outras formas pejorativas para a época.

Outro exemplo que podemos citar é a concepção que Carneiro tinha do que seria o Nkisi Kitembo (Tempo), como representante da natureza, tempo-hora, tempo diferenças atmosféricas, acreditando ele que seria apenas uma identidade de nomes, pois seu entendimento é que o culto banto ao Nkisi Tempo seria semelhante ao culto ioruba a Iroco e que este último teria servido de modelo, e desta forma, ficaria comprovada a supremacia dos negros do norte em detrimento aos do sul do Equador.

Na realidade, Edson Carneiro deixou de conhecer o que seria o Nkisi Kitembo que é a Divindade Banto denominada "Rei dos Candomblés Congo/Angola no Brasil", que habita o pé de gameleira branca e cuja grafia foi confundida no português falado no Brasil como Tempo e, desse modo, contribuído para a falta de entendimento sobre a Divindade Banto. A negação dos valores culturais de origem banto em benefício de outras etnias africanas sempre foi uma forma de tornar invisível aos olhos da sociedade a forte influência banto, não só para o Brasil, mas para a humanidade.

1.2 – O legado banto

De todos os povos africanos trazidos e escravizados no Brasil, acredita-se ser o povo de origem banto aquele que mais contribuiu para a formação do povo brasileiro. Não acredito nisso tentando passar a imagem de superioridade ou de maior importância banto entre os povos africanos, até porque se agisse desta forma estaria incorrendo no mesmo erro de inúmeros estudiosos do passado que tentaram fazê-lo, sem levar em consideração que o tempo se encarregaria de mostrar a verdade. Pregar uma superioridade ou inferioridade entre os povos africanos, já descobrimos não ser verdade, apenas faço uma constatação legítima pelas diversas manifestações culturais e religiosas de origem banto que circundam a minha própria vida durante mais de 30 anos dedicada ao Candomblé Congo/Angola (banto) e suas manifestações culturais sobre as quais pretendo saber cada vez mais e poder manter a tradição viva para gerações futuras.

Alguns estudiosos insistem em afirmar que a tradição sofre alterações no decorrer do tempo, o que a meu ver acaba descaracterizando o saber ancestral de um povo. Tendo

plena certeza de que aqueles, como eu, que lutam pela manutenção da tradição sabem que ela sofre alterações em decorrência do próprio tempo, mas o que muda efetivamente são as formas e comportamentos de lidar com a tradição, pois precisamos nos adaptar à contemporaneidade, afinal, o Candomblé é uma religião dinâmica como a própria vida, o que não significa que podemos mudar uma tradição milenar ao nosso bel prazer sem resistir e lutar para que possamos mantê-la em sua integridade, apenas acompanhando a evolução dos tempos, até onde for possível.

A fusão étnica africana no Brasil foi muito grande, entretanto, mesmo sendo obrigados a manter a união para que juntos superassem as adversidades e os sofrimentos e pudessem resistir e lutar juntos pelo anseio maior dos povos africanos no Brasil que foi a LIBERDADE, cada povo trouxe consigo suas referências religiosas e culturais específicas (identidade) e, mesmo sabendo que todos são aparentados por terem vindo do mesmo continente e viverem a mesma realidade, pequenas alterações culturais e religiosas nos levam a perceber a sutil diferença entre as etnias africanas no Brasil, as quais tiveram, na criação do Candomblé, a sua maior fonte de resistência.

O que distingue basicamente uma casa de Candomblé da outra é a sua ancestralidade africana, que faz uma diferença ritual que salta aos nossos olhos, por exemplo: o povo banto utiliza em sua linguagem religiosa aportes das línguas Kikongo, Kimbundu e Umbundu, enquanto os Candomblés de Ketu utilizam sua linguagem religiosa baseada na língua ioruba e o Candomblé Mina-Jeje, na língua ewe-fon. A forma de tocar também é diferente: os banto tocam os ngomas (tambores) com as mãos e os outros tocam atabaques (tambores) com uma varinha que chamam aquidavi, daí por diante, conhecendo mais o mundo do Candomblé, saberemos outras diferenças que só são percebidas aos olhos atenciosos de quem pratica a religião.

1.4.1 – Gastronomia

“Desembarcados, exaustos, sangrando pelo “mal de Luanda”, o escorbuto infalível, ulcerados, arquejando ao peso da “barriga d’água”, os escravos, quase sempre, iam recuperar as forças e recobrar a saúde acampados debaixo de cajuais extremamente ricos de ácido ascórbico. Costume velho. Já os negreiros e os senhores de engenho praticavam o internamento dos negros debilitados pela longa travessia oceânica ou dos

atacados de ascites, cobertos de feridas, esgotados pela árdua tarefa dos eitos, nos cajuais praieiros, de onde dois ou três meses depois regressavam curados”
(Cascudo. *História da alimentação no Brasil*, p. 223)

Foi através dessa tirania oceânica que os africanos trazidos para o Brasil já iniciavam a sua luta pela sobrevivência num mundo tão distante e diferente daquele em que sempre viveram. No meio dessas complexas relações sociais podemos contar a história de um povo e sua trajetória. Temos como produto dessas relações a gastronomia que, no caso do nosso país, contou com diversas contribuições, principalmente a indígena, africana e européia, as três mais importantes, de cuja grande mistura surge a gastronomia brasileira.

Nosso povo sempre foi marcado pela mistura biológica e, como disse o Professor Darcy Ribeiro em sua obra *O Brasil como problema,*1995 RJ*:*

“- O Brasil tem sido, ao longo dos séculos, um terrível moinho de gastar gentes, ainda que também, um prodigioso criatório. Nele se gastaram milhões de índios, milhões de africanos e milhões de europeus. Nascemos de seu desfazimento, refazimento e multiplicação pela mestiçagem. Foi desindianizando o índio, desafricanizando o negro e deseuropeizando o europeu e fundindo suas heranças culturais que nos fizemos. Somos, em conseqüência, um povo síntese, mestiço na carne e na alma, orgulhoso de si mesmo, porque entre nós a mestiçagem jamais foi crime ou pecado. Um povo sem peias que nos atenham a qualquer servidão, desafiado as florescer, finalmente como uma civilização nova, autônoma e melhor”.

O descrito acima aconteceu com diversos povos africanos que foram trazidos ao Brasil com a finalidade de tornarem-se escravos sob a alegação de trabalhar para o crescimento da colônia, nascendo desta forma uma rica cozinha com forte contribuição africana e, em sua grande maioria, contribuições do povo banto.

Embora as pimentas fossem largamente utilizadas pelos indígenas, foram os africanos que contribuíram com esta iguaria para dar sabor e excelente paladar aos pratos que criavam. O inhame, a pimenta, o dendê, as sementes de frutas, secas e aromatizadas, as folhas tenras e, sobretudo, as papas e os mingaus africanos, alimentos líquidos e semi-

líquidos, exercem uma forte influência na cozinha brasileira. A base alimentar da escravaria brasileira era constituída de angu (fubá de milho cozido com água), feijão, sal, pirão, caça e pesca, farinha de mandioca, banana e laranja.

Foram as negras escravizadas as que mais contribuíram para a diversificação das misturas hoje reinantes na cozinha brasileira de um modo geral. Sua luta árdua para a compra de alforria fazia com que os produtos elaborados pelas mesmas tivessem o status de força mágica, quase religiosa. Muitas vezes as negras cozinheiras eram chamadas de mães bentas, isto porque, para a cultura africana, a transformação do alimento, seu ritual de preparo e, por fim, sua ingestão, são rituais sagrados para todos, pois se acredita nesta cultura que somos movidos por duas energias fundamentais para a vida e o equilíbrio: a energia física, que nos dá sustentação através da alimentação, e a energia espiritual, que nos dá equilíbrio através de rituais religiosos.

Desta forma, a contribuição banto, a qual me refiro em especial, foi de extrema importância para a hoje, e mundialmente famosa, gastronomia brasileira tanto em pratos quentes, sopas, caldos e outras diversas comidas salgadas, como também os doces que enchem os tabuleiros das baianas de quitutes que dão água na boca.

O diferencial da cozinha herdada pelos nossos antepassados africanos consiste no sabor apurado e a inigualável mágica gastronômica que se fazia com as sobras de alimentos que chegavam das casas grandes, ou seja, dos dominadores.

Uma das mais famosas formas de alimentar a escravaria era a tradicional feijoada, feita à base de feijão e carnes salgadas menos nobres, com gordura, que não eram consumidas pelos senhores de engenho. Outro prato que também era feito de sobras era o cozido composto por diversas verduras e com sobras de carne.

Além desses pratos, tinha também o mulato velho, um peixe de qualidade inferior e que era salgado para imitar o bacalhau português, cozido com pedaços de quiabo e abóbora em bastante água que, após o cozimento do peixe, era transformado num suculento pirão. Outras iguarias muito apreciadas eram a sopa de leite que consiste de carne seca assada coberta com um delicioso pirão de leite, e o famoso capitão de feijão, bolinhos de feijão com farinha de mandioca. Além disso, há também uma milonga gastronômica

nos doces como cocada (feita à base de coco e açúcar), rapadura (feita de cana-de-açúcar), bolinhos de estudante (feitos à base de tapioca e coco), entre diversas iguarias como caruru, vatapá, xinxim de galinha, acarajé e abará.

Devemos às escravas negras africanas a arte da diversidade dos sabores misturando gostos e costumes de etnias diferentes, perpetuando a gastronomia brasileira que possui um paladar específico e uma grande variedade de cores e sabores.

1.4.2 – Manifestações culturais

O povo banto tem uma riqueza de diversidade cultural que foi se espalhando em todos os cantos através da dispersão dos negros pelo mundo afora. Essas manifestações estão bem vivas, apesar dos séculos, no cotidiano dos terreiros de Candomblé Banto e até mesmo no dia-a-dia do Brasil e de outros países que incorporaram muitas destas tradições com tanta fidedignidade que passaram a cultivá-las a seu modo, na maioria das vezes de forma reinventada, mas de raiz banto.

1.4.2.1 – "Samba"

Ritmo musical de raízes banto, mas que hoje significa a presença brasileira no mundo e sua tradução é rezar ou orar. Hoje esse gênero musical simboliza a música popular brasileira em qualquer parte do mundo. O primeiro registro com a palavra "samba" apareceu em Pernambuco no dia 3 de fevereiro de 1838, sendo que o primeiro "samba" gravado no Brasil foi composto pelos sambistas Donga e Mário Almeida e se chamava "Pelo Telefone".
O Samba é considerado uma das maiores contribuições da cultura banto para o Brasil.

1.4.2.2 – "Congado"

A identidade do congado, auto popular em que se celebra a coroação do rei do Congo (Manicongo) e da rainha Nzinga, é brasileira acima de tudo, desde África, e são 500 anos de história, desde a viagem no Atlântico (Kalunga), a escravidão, as lutas, os reinados e tudo hoje. Os irmãos do Rosário estão vivos e sua identidade é dinâmica, mesmo quando pretendem conservar suas tradições, sabedorias e organização. O

congado e a irmandade do Rosário dos Homens Pretos são fruto de muita criatividade desde o princípio, criatividade essa que é de beleza e fé, porém principalmente provém da necessidade de sobrevivência.

No congado distinguimos vários grupos: o candombe, o moçambique, congada, marujos, caboclinhos, catopés e os cavaleiros de São Jorge. Em Araçuaí (MG) têm os tambozeiros, sendo que lá ninguém fala "congado" e sim "tambozeiros do Rosário". As irmandades do Rosário comprovam que é possível viver no Brasil a diversidade própria e tradicional africana, mantendo viva a memória da África banto.

A identidade faz parte do tripé história, língua e cultura. As raízes do congado estão na África, principalmente entre os povos banto. Como toda identidade tem uma história, no congado os antepassados, reis, rainhas, capitães falecidos são lembrados e reverenciados. A cultura congadeira é fiel aos ancestrais.

1.4.2.3 – "Bumba-meu-boi"

A origem do bumba-meu-boi remonta ao Ciclo do Gado, no Brasil Colonial (século XVIII), resultante das relações desiguais existentes entre os escravos e os senhores de engenho nas casas grandes e nas senzalas, refletindo as terríveis condições sociais em que viviam os negros e os índios.

Contado e recontado através dos tempos, na tradição oral nordestina e depois espalhada pelo Brasil, a lenda fundante adquire contornos de sátira, comédia, tragédia e drama, conforme o lugar, mas sempre levando em consideração a estória de um homem e um boi, ou seja, o contraste entre, por um lado, a fragilidade do homem e a força bruta do boi e, por outro, a inteligência do homem e a estupidez do animal.

Ao espalhar-se pelo Brasil, o bumba-meu-boi adquire nomes, ritmos, formas de apresentação, indumentárias, personagens, instrumentos, adereços e temas diferentes. Dessa forma, enquanto no Maranhão, Rio Grande do Norte e Alagoas é chamado de bumba-meu-boi, no Pará e no Amazonas é Boi Bumbá ou Pavulagem; em Pernambuco é boi Calemba ou Bumba; no Ceará é Boi de Reis, Boi Surubim e Boi Zumbi.

Na Bahia é Boi Janeiro, Boi Estrela do Mar, Dromedário e Mulinha-de-ouro; no Paraná e em Santa Catarina é Boi Mourão ou Boi de Mamão; em Minas Gerais, Rio de Janeiro e Cabo Frio é Bumba ou Folguedo do Boi; no Espírito Santo é Boi de Reis; no Rio Grande do Sul é Bumba, Boizinho ou Boi Mamão, e em São Paulo é Boi de Jacá e Dança do Boi.

1.4.2.4 – "Capoeira"

A homogeneização dos povos africanos sob a opressão da escravatura foi o catalisador da capoeira. A capoeira foi desenvolvida pelos escravos do Brasil como forma de resistir aos seus opressores, praticar em segredo a sua arte, transmitir a sua cultura e fortalecer o seu moral.

Há registros da prática da capoeira nos séculos XVIII e XIX nas cidades de Salvador, Rio de Janeiro e Recife, porém durante anos a capoeira foi considerada subversiva, sendo sua prática proibida e duramente reprimida. Devido a essa repressão, a capoeira praticamente se extinguiu no Rio de Janeiro, onde os grupos de capoeiristas eram conhecidos como maltas e, em Recife, onde segundo alguns a capoeira deu origem à dança do frevo, era conhecida como o passo.

Em 1932, Mestre Bimba fundou a primeira academia de capoeira do Brasil em Salvador. Ele acrescentou movimentos de artes marciais e desenvolveu um treinamento sistemático para a capoeira, estilo que passou a ser conhecido como Regional. Em contraponto, Mestre Pastinha pregava a tradição da capoeira com um jogo matreiro, de disfarce e ludibriação, estilo que passou a ser conhecido como Angola. Devido à dedicação desses dois grandes mestres, a capoeira deixou de ser marginalizada, e se espalhou da Bahia para todos os estados brasileiros e para o mundo.

1.4.2.5 – "Maculelê"

É uma dança de origem afro-indígena, pois foi trazida pelo negro banto da África para cá e foi mesclada com alguns itens da cultura dos índios que aqui já viviam. Os africanos diziam que essa dança era mais uma forma de luta contra os horrores da escravidão e do cativeiro. Enquanto os negros dançavam com os cepos de cana no meio do canavial, cantavam músicas que evidenciavam o ódio, entretanto eles as cantavam nas línguas que trouxeram da África para que os feitores não entendessem o sentido das

palavras. Assim como a “brincadeira de Angola” camuflou a periculosidade dos movimentos da capoeira, a dança do maculelê também era uma maneira de esconder os perigos das porretadas desta dança.

Aos golpes e investidas dos feitores contra os negros, estes se defendiam com largas cruzadas de pernas e fortes porretadas que atingiam principalmente a cabeça ou as pernas dos feitores de acordo com o abaixar e levantar do negro com os porretes em punho. Além dessa defesa, os negros pulavam de um lado para o outro, dificultando o assédio do feitor. Para as lutas travadas durante o dia, os negros treinavam durante a noite nos terreiros das senzalas com paus em chama que retiravam das fogueiras, trazendo ainda mais perigo para o agressor.

O maculelê pode ser feito com porretes de pau, facões ou facas, mas alguns grupos praticam o maculelê com tochas de fogo ou “tições” retirados na hora de uma fogueira que também fica no meio da roda junto com os dançarinos.

O maculelê é, portanto, um bailado guerreiro que foi desenvolvido por homens negros, compreendendo dançadores e cantadores, todos comandados por um mestre, denominado Makota. Os participantes usam um bastão de madeira com cerca de 60 cm de comprimento, exceto o Makota, que tem um mais longo. Os bastões são batidos uns nos outros, em ritmo forte e compassado. Essas pancadas presidem toda a dança, funcionando como marcadoras do pulso musical.

A banda que anima os dançarinos é composta por atabaques, pandeiros e, às vezes, violas de doze cordas. As cantigas são puxadas pelo Makota e respondidas pelo coro. Há músicas tradicionais e outras circunstanciais, dependendo da destreza do chefe. Quando se apresentam em alguma casa ou estabelecimento de eventos, iniciam com uma saudação ao dono do lugar, e seguem-se várias cantigas a gosto do mestre, concluindo com Despedida e Agradecimento. Na rua executam a Marcha de Angola, que contém letra com termos africanos adaptados. A área de maior incidência do maculelê á a região de Santo Amaro (BA).

O maculelê nos faz reencontrar com a alma perdida do negro, que muito ajudou a construir este nosso país. Nosso passado escravista não é motivo de orgulho, mas é através dos estudos das culturas negras que poderemos nos compreender como membros de uma coletividade, o povo brasileiro.

Conta a história que “Maculele” era um negro banto fugido que tinha doença de pele. Ele foi acolhido por uma tribo indígena e cuidado por eles, mas ainda não podia realizar todas as atividades com o grupo, por não ser índio também.

Certa vez “Maculele” foi deixado sozinho na aldeia, quando a tribo saiu para caçar. Eis que uma tribo rival aparece para dominar o espaço. Maculele lutou sozinho contra o grupo rival e, heroicamente, venceu a disputa. Desde então passou a ser considerado um herói na tribo. A dança com bastões significa a luta de Maculele contra os guerreiros. Há quem diga que o maculelê surgiu em Santo Amaro, entre os negros banto dos engenhos, numa forma de mostrar a luta dos escravos contra o feitor, daí a dança ter um mestre com uma grima maior, que bate em todos os demais.

Lendas como essas reforçam mais ainda os laços fortes existentes entre os banto no Brasil (Candomblés Congo/Angola) e os indígenas, cujo encontro trouxe uma enorme troca de saberes e um respeito mútuo muito grande. Hoje em dia, nos Candomblés Congo/Angola, o Caboclo é visto com tanto respeito e consideração, pois é tido como **ENCANTADO** das matas, sendo muito bem recebido pelos banto e tratado como o Primeiro Ancestral Brasileiro. Por isso recebe toda a deferência e respeito, entretanto, salvaguardando suas tradições, temos que as indígenas são indígenas e as africanas são africanas.

1.4.2.6 – “Jongo”

O jongo é uma manifestação cultural essencialmente rural, diretamente associada à cultura africana no Brasil e que influiu poderosamente na formação do samba, em especial, e na cultura popular brasileira como um todo.

Inserindo-se no âmbito das chamadas “danças de umbigada” (sendo portanto aparentada com o “semba” ou “masemba” de Angola), o jongo foi trazido para o Brasil por negros bantos, seqüestrados nos antigos reinos de Angola e do Congo, na região compreendida hoje por boa parte do território da República de Angola.

Composto por música e dança características, animadas por poetas que se desafiam por meio da improvisação, ali, no momento, com cantigas ou pontos enigmáticos (“amarrados”) , o jongo tem, provavelmente, como uma de suas origens mais remotas (pelo menos no que diz respeito à estrutura dos pontos cantados) o tradicional jogo de adivinhas angolano, denominado *Jinongonongo*. Uma característica essencial da

linguagem do jongo é a utilização de símbolos que, além de manter o sentido cifrado, possuem função considerada mágica, provocando, supostamente, fenômenos paranormais. Dentre os mais evidentes pode-se citar o fogo, com o qual são afinados os instrumentos; os tambores, que são consagrados e considerados como ancestrais da comunidade; a dança em círculos com um casal ao centro, que remete à fertilidade; sem esquecer, é claro, as ricas metáforas utilizadas pelos jongueiros para compor seus "pontos", cujo sentido é inacessível para os não-iniciados.

Hoje em dia podem participar do jongo homens e mulheres, mas esta participação, em sua forma original, era rigorosamente restrita aos iniciados ou mais experientes da comunidade. Esse fator relaciona-se a normas éticas e sociais bastante comuns em diversas outras sociedades tradicionais - como as indígenas americanas - baseadas no respeito e obediência a um conselho de indivíduos "mais velhos" e no "culto aos ancestrais".

Pesquisas históricas indicam que o jongo possui, na sua origem, relações com o hábito recorrente das culturas africanas de expressão banto, durante o período colonial, de criar diversas comunidades, semelhantes a sociedades secretas e seitas político-religiosas especializadas, dentre as quais podemos citar até mesmo irmandades católicas, como a Congada. Essas fraternidades tiveram importante papel na resistência à escravidão, como modo de comunicação e organização, e até mesmo comprando e alforriando escravos.

Dançado e cantado outrora com o acompanhamento de urucungo (arco musical banto, que originou o atual berimbau), viola e pandeiro, além de três tambores consagrados, utilizados até os nossos dias, chamados de tambu ou "caxambu", o maior – que dá nome à manifestação em algumas regiões – "candongueiro", o menor e o tambor de fricção "Ngoma-puíta" (uma espécie de cuíca muito grande), o Jongo é ainda hoje bastante praticado em diversas cidades de sua região original: o Vale do Paraíba na Região Sudeste do Brasil, ao sul do estado do Rio de Janeiro e ao norte do estado de São Paulo.

Entre as diversas comunidades que mantêm (ou, até recentemente, mantiveram) a prática dessa manifestação, podem-se citar, como exemplo, as localizadas na periferia das cidades de Valença, Vassouras, Paraíba do Sul e Barra do Piraí (estado do Rio de Janeiro) além de Guaratinguetá e Lagoinha (estado de São Paulo), com reflexos na

região dos rios Tietê, Pirapora e Piracicaba, também localizados no estado de São Paulo (onde ocorre uma manifestação muito semelhante ao Jongo conhecida pelo nome de "Batuque") e até em certas localidades no sul de Minas Gerais.

Na cidade do Rio de Janeiro, a região compreendida pelos bairros de Madureira e Oswaldo Cruz, já nos anos imediatamente posteriores à abolição da escravatura, centralizou durante muito tempo a prática dessa manifestação na zona rural da antiga Corte Imperial, atraindo um grande número de migrantes ex-escravos, oriundos das fazendas de café do Vale do Paraíba. Entre os precursores da implantação do Jongo nessa área se destacaram a ex-escrava Maria Teresa dos Santos e muitos de seus parentes ou aparentados, além de diversos vizinhos da comunidade, entre os quais Mano Elói (Eloy Anthero Dias), Sebastião Mulequinho e Tia Eulália, todos eles intimamente ligados à fundação da Escola de Samba Império Serrano, sediada no Morro da Serrinha.

A partir de meados da década 70, no mesmo Morro da Serrinha, o músico percussionista Darcy Monteiro "do Império" (mais tarde conhecido como *Mestre Darcy*), a partir dos conhecimentos assimilados com sua mãe, a rezadeira Maria Joana Monteiro (discípula de Vó Teresa), passou a se dedicar à difusão e recriação da dança em palcos, centros culturais e universidades, estimulando por meio de oficinas e workshops a formação de grupos de admiradores do Jongo que, embora praticando apenas aqueles aspectos mais superficiais da dança, deslocando-a de seu âmbito social e seu contexto tradicional original, dão hoje a ela alguma projeção nacional.

Ainda no âmbito da cidade do Rio de Janeiro, é digno de nota também o "Caxambu do Salgueiro", grupo de Jongo tradicional que, comandado por Mestre Geraldo, animou, pelo menos até o início da década de 1980, o Morro do Salgueiro, no bairro da Tijuca e era composto por figuras históricas daquela comunidade, entre as quais Tia Neném e Tia Zezé, famosas integrantes da ala das baianas da Escola de Samba G.R.E.S Acadêmicos do Salgueiro.

1.4.2.7 – "Caixa"

Poderia, aqui, deter-me durante muito tempo esmiuçando diversas contribuições banto para o povo brasileiro, porém citarei algumas que me foram transmitidas oralmente como, por exemplo, da possível influência no Brasil para a criação da Caixa Econômica dos dias de hoje. Tudo começa com a fundação das irmandades religiosas dos banto que

através dessas irmandades fixavam uma lista de prioridades para a compra da alforria de alguns irmãos que seriam muito mais importantes em liberdade como Negro Forro, para poder encampar a luta pela liberdade. Assim sendo, todos os irmãos que já tinham condições, contribuíam com um valor para que o dinheiro auferido desta forma servisse para comprar a liberdade de um irmão ou irmã. Essa prática encontra-se registrada até os dias de hoje nos livros das irmandades religiosas constituídas por africanos no Brasil e, em sua grande maioria, por africanos banto.

Essa prática foi tão importante e difundida que, até os dias de hoje, reúnem-se grupos de amigos que necessitam de uma soma maior de dinheiro para resolver algum problema financeiro e fazem uma caixa onde os participantes são sorteados com um número que significa a ordem em que receberá o dinheiro. Para exemplificar vamos citar um grupo de 10 (dez) pessoas que estão dispostas a fazer uma caixa cujo valor a receber será de R$ 1.000,00 (hum mil reais). Fica estipulado que cada um contribuirá com R$ 100,00 (cem reais) por mês num período de 10 (dez) meses, depois de realizado o sorteio da colocação de cada um. No final do mês aquele que foi contemplado com o 1º número receberá a quantia de R$ 1.000,00 (hum mil reais) e assim sucessivamente com o 2º, 3º, etc...

1.4.2.8 – "Kitanda"

Outra herança banto para os brasileiros era a forma de vender os hortifrutigranjeiros. Sabemos que a cultura banto é campesina por excelência, logo, tratar da terra, plantar e colher, adubar fertilizando a terra, sempre foi uma prática dos banto desde os primórdios do seu surgimento. Muitas negras que foram escravizadas no Brasil e conseguiam sua alforria, quando não estavam nos tabuleiros vendendo seus quitutes que eram admirados por todos, estavam colocando em suas próprias residências uma barraquinha na frente que era chamada de Quitanda, local onde se vendia de tudo.

Ao encerrar este item, acredito ter deixado claro a influência banto na herança cultural do povo brasileiro e ter demonstrado que será necessária a realização de muitas pesquisas para que possamos acumular conhecimentos e podermos socializar com os alunos que certamente deverão receber estes ensinamentos visando sua maior participação na comunidade convivendo melhor com a diversidade.

A seguir poderemos compreender melhor alguns aspectos da herança banto partindo do tráfico de escravos que perdurou por cerca de quatro séculos, unindo a Europa, a África e as Américas num imenso circuito comercial, ao mesmo tempo em que plantou as condições para que o continente africano fosse reduzido a migalhas após o período de coloniazação européia, sacrificando muitas culturas através da imposição de valores que estavam distantes do povo africano. O Brasil, o Caribe e os Estados Unidos são as regiões que receberam com maior intensidade a influência dos povos africanos que habitavam as chamadas costa da Guiné e costa do Congo e Angola. Nessas regiões, com as quais os comerciantes portugueses, espanhóis, ingleses, franceses, holandeses, americanos e brasileiros comerciavam com os chefes locais, trocando tecidos por armas, bebidas e utensílios diversos, por marfim e principalmente escravos, habitavam povos variados, falantes de línguas diferentes, com crenças e costumes próprios.

Ao serem retirados de suas aldeias e transportados à força pelo continente africano rumo às feiras regionais e aos portos costeiros, os escravos de diferentes etnias misturaram-se, e aprenderam a se comunicar, criaram novos laços de sociablidade, que se consolidaram durante os horrores da travessia transatlântica, e se institucionalizaram no seio da sociedade escravista colonial, na qual foram inseridos à força acabando por encontrar formas de integração. A transformação do africano em escravo e a mistura de etnias, provocada pelo tráfico e pela organização da produção colonial, foram acompanhadas pela constituição de novas identidades, nas quais as características étnicas cederam lugar a novas formas de diferenciação.

Ainda, conforme a Professora Marina de Mello e Souza, o sentimento de alteridade relativo ao senhor branco era muito maior do que qualquer diferença entre crenças e hábitos de sociedades africanas e, pouco a pouco, os africanos e seus descendentes foram se reagrupando a partir de afinidades criadas na América, construindo identidades apoiadas em um passado ideal, comum a todos, no qual a terra natal era resgatada por meio de algumas feições gerais, criadas a partir da situação colonial. A África era então retomada de maneira mítica, ponto germinal de onde vinham os significados das coisas, já afastadas de uma história concreta e inserida no universo onírico do mito.

Construindo um passado mítico, as comunidades negras na América portuguesa afirmavam uma identidade forjada a partir do encontro das diferentes culturas africanas, da cultura ibérica e, em alguns casos, das culturas nativas, no contexto da sociedade escravista. Os Calundus, Candomblés e Umbandas, são exemplos de produtos culturais mestiços, para os quais convergiram contribuições africanas diversas, elementos do catolicismo popular e do universo indígena. Enquanto essas práticas tinham feições predominantemente africanas, e por isto mesmo eram mais reprimidas, as coroações de reis negros e as congadas eram aceitas no seio das irmandades de leigos, importante espaço de integração dos africanos e seus descendentes no mundo colonial. Mas apesar de integradas ao catolicismo ensinado pelos senhores, as Congadas também remetiam a uma África mítica, central na elaboração de uma dada identidade negra, de negros cristianizados (Souza, Marina de Melo e. JB 500 anos – Idéias & Artigos).

1.4.3 – Línguas

O tráfico transatlântico trouxe ao Brasil entre os séculos XVI e XIX aproximadamente cinco milhões de africanos oriundos de duas regiões subsaarianas: a região banto situada na extensão sul da linha do equador e a região oeste-africana que vai do Senegal a Nigéria.

Até agora foi identificado na região banto um grupo de 500 línguas muito semelhantes entre elas, sendo que provavelmente as mais faladas no Brasil foram o quicongo (falada pelo povo Bakongo), o quimbundo (falada pelo povo Ambundu) e o Umbundu (falada pelo povo Ovimbundu).

Muito embora exista uma grande variedade de línguas faladas pelo grupo banto, todas pertencem a um mesmo tronco lingüístico chamado proto-bantu, falado há mais de três milênios, portanto todas são aparentadas (Greenberg, 1996).

Para que possamos compreender a contribuição das línguas africanas na construção da língua portuguesa no Brasil, precisamos entender o elemento negro africano como parte integrante da sociedade da época, interagindo de forma intensa na vida comunitária, bem como entendermos os acontecimentos relevantes que contribuíram para a ratificação da presença do elemento africano neste processo.

Com o final do tráfico em 1856 e a abolição da escravidão em 1888, houve um grande movimento de migração no Brasil, promovendo um grande fluxo de negros em todas as regiões do território brasileiro, onde era necessária a mão-de-obra escravizada.

A maior contribuição para esse movimento migratório foi sem dúvida a do povo banto devido a sua antiguidade e ao maior número de indivíduos deste grupo em solo brasileiro.

No século XVII a presença banto é tão contundente que no ano de 1697 foi publicada em Lisboa a mais antiga gramática banto, escrita na Bahia pelos jesuítas com o propósito de catequizar mais de 20 mil angolanos que viviam no Brasil sem falar português, de acordo com o Padre Antonio Vieira (cf. Pessoa de Castro. *Falares africanos na Bahia*, 2001. apud cf. Silva Neto. 1963:82)

Conforme ainda Yeda Pessoa de Castro em seu artigo "Das línguas africanas ao português brasileiro" (Patrimônio – Revista Eletrônica do IPHAN):

- *" diante de tantas evidências chega-se a conclusão compatível com as circunstâncias extralingüísticas que foram favoráveis a esse processo: o português do Brasil, naquilo em que ele se afastou do português de Portugal, é, historicamente, o resultado de um movimento implícito de aportuguesamento do africano sobre uma matriz indígena pré-existente e mais localizada no Brasil. Assim sendo, o português brasileiro descende de três famílias lingüísticas: a família indo-européia que teve origem entre a Ásia e a Europa, da qual faz parte a língua Portuguesa, a família Tupi, de línguas faladas pelos indígenas brasileiros e que se espalha pela América do Sul; e , por fim, a família Níger - congo que teve origem na África subsaariana e se expandiu por grande parte desse continente. Conseqüentemente, povos indígenas e povos negros, ambos marcaram profundamente a cultura do colonizador português que se estabeleceu no Brasil, dando origem a uma nova variação da língua portuguesa – mestiça, brasileira."*

1.4.4 – O candomblé

Ao chegar a terras brasileiras os africanos passaram por um processo desumano de despersonalização, sendo obrigados a abrir mão de todo um legado cultural e religioso

que possuíam no continente africano com toda a liberdade, para serem convertidos à religião cristã que, na visão européia, era a única e verdadeira salvação para as novas almas que aqui chegavam.

O que os dominadores não contaram foi com a astúcia e a sabedoria daqueles povos que foram colocados juntos num mesmo caldeirão de diversidades étnicas e que certamente encontrariam grandes dificuldades para poderem interagir entre si e manter qualquer tipo de cultura ou religião que porventura estivesse em sua memória.

Como a realidade brasileira era imensamente diferente da realidade africana, os negros começaram a experimentar formas de poder manter seu ritual sem, no entanto, bater de frente com os dominadores. Essa prática utilizada pelo povo banto causou um grande engano dificultando a compreensão dos seus rituais pela maioria da população e dos estudiosos que inferiorizaram sua cultura sem nem ao menos conhecê-la, pois o povo banto falava diversas línguas e possuía práticas rituais diversas, enquanto as outras etnias não possuíam a mesma diversidade lingüística, muito embora fossem todas aparentadas por terem vindo de um mesmo lugar, o continente africano. O território subsaariano ou o território abaixo da linha do equador era o domínio do povo banto.

Voltando ao Brasil, como fazer para praticar os rituais sem atrair castigos, brigas e a perseguição dos dominadores? Primeiramente era necessário que os rituais acontecessem em lugar neutro e escondido de todos, logo, na ocasião das celebrações para o Nkisi (divindade) os homens iam à frente, preparavam todos os Nguzo (força espiritual) no local escolhido e organizavam tudo para que, quando chegasse bem tarde da noite, todos pudessem ir para o local praticar seu ritual e, quando este terminava, tudo era desmanchado e qualquer pessoa que ali chegasse jamais perceberia o que tinha acontecido na noite anterior.

Os banto acreditavam que a terra, o chão, pertence a Ntoto (divindade da terra), logo todos teriam direito de usá-la comunitariamente, sendo que ninguém se considerava dono dela já que a terra sempre foi patrimônio de todos. Com o passar dos tempos e com determinadas influências de outras etnias africanas, foram sendo introduzidos os terreiros de Candomblé em lugares fixos, mesmo que isto custasse a fúria da polícia que invadia esses espaços, batiam nas pessoas, levavam-nas presas e ainda apreendiam os objetos de culto.

Até a segunda metade do século XX era necessário que se pagasse à Delegacia de Jogos e Costumes uma taxa para poder tocar o Candomblé, isto numa época em que já existia certa flexibilidade para com a religião. Porém como muitos Zeladores e Zeladoras não tivessem o dinheiro para pagar a licença, a polícia entrava em cena e acabavam todos na delegacia novamente.

Nada disso enfraquecia a vontade de manter viva sua tradição e celebrar sua ancestralidade com o objetivo de atingir as gerações futuras para dar continuidade ao processo de resistência.

Só no ano de 1975, no Governo do Professor Roberto Santos, os Candomblés da Bahia passaram a ter liberdade de celebrar suas divindades sem ter que pedir licença à Polícia.

Os Candomblés sempre foram extremamente acolhedores, receptivos e sensíveis aos problemas do ser humano. Talvez por terem sofrido tantas injustiças e perseguições injustamente, sempre teve lugar nos terreiros para aqueles que, por motivo de divergências com a sociedade, aí procuravam abrigo.

Esse ambiente acolhedor e humano tem sido o responsável pela manutenção e guarda de nossas tradições recebidas pelos nossos ancestrais africanos.

O Candomblé é uma interpretação brasileira das religiões de matrizes africanas, pois todos os rituais tiveram que se adaptar a nova terra, logo é ilusão querer ter uma etnia africana pura no Brasil, todas, todas as etnias africanas foram adaptadas, não existindo, portanto, nenhuma etnia pura ou superior uma a outra. Todos são irmãos no sofrimento do processo da escravidão em que a dor era igual para todos, até mesmo para os Malês que eram islamizados e tinham uma outra forma de resistência e as divergências porventura existentes em solo africano entre quaisquer etnias acabavam, por ser necessário manter a união para poder sobreviver àquela barbárie.

Mas o Candomblé denominado de Congo/Angola nunca perdeu sua autenticidade, sua força e sua beleza nas celebrações aos Bankisi e certamente por ter uma enorme troca entre o povo banto e os indígenas, no Candomblé Banto o acolhimento ao indígena é imenso pela solidariedade dos indígenas com africanos e vice-versa.

Mesmo havendo esse grande envolvimento entre africanos banto e indígenas, cada ritual é preservado na íntegra, de onde resulta que os africanos banto têm seus rituais de iniciação conforme as tradições dos ancestrais africanos e os indígenas de acordo com os antepassados indígenas que são bastante diferentes. Falaremos mais adiante sobre este assunto.

Preservam-se dentro dos terreiros de Candomblé a língua, os rituais e a cultura que se mantém viva através de novos seguidores adeptos do Candomblé.

O Candomblé quando chegou ao Brasil, no século XVI, era um núcleo familiar consangüíneo, porém com o passar do tempo passou a ser tradição familiar espiritual, pois para o Candomblé temos a família consangüínea e a família-de-santo, daí as relações de parentesco no Candomblé do Brasil como Pai-de-Santo, Mãe-de-Santo, Prima-de-Santo, Irmão-de-Santo e assim por diante. Acredito que realmente foi feita a vontade das divindades africanas que é a de acolher e agregar, pregando a irmandade entre todos os seres humanos, pertencentes a uma mesma família criada e conduzida por Ngana Nzambi.

Junto com os rituais de culto aos Bankisi, surge também a hierarquia que deve ser seguida à risca nas casas de Candomblé como, por exemplo: tomar a bênção aos mais velhos sempre ajoelhados, não sentar na mesma altura que um mais velho, não beber ou fumar na frente do Pai/Mãe-de-Santo, quando estiver em obrigações internas utilizar roupas de ração de cor branca, guardar os dias dedicados ao seu Nkisi e a Lemba, sem beber, fazer sexo ou estar em ambiente considerado de energia ruim.

Essa hierarquia privilegia a todos que fazem parte do terreiro desde o Tata dya Nkisi (pai-de-santo) até o Ndumbe (pretendente à iniciação), e desta forma democrática o Candomblé mantém a auto-estima de todos, sinalizando sempre com carinho e boa vontade para com os seus e com aqueles que por lá chegarem.

CAPÍTULO 2

MINHA APRENDÊNCIA NA RELIGIÃO

2.1 – Candomblé – Fonte de resistência e manutenção das tradições banto

A forma mais inteligente e sensata que os africanos encontraram de dar manutenção às suas práticas ritualísticas e à sua cultura em solo brasileiro foi o agrupamento de indivíduos de uma mesma etnia num local único denominado de "CANDOMBLÉ", palavra que é oriunda da língua banto Quicongo, originalmente CANDOMBE, que significa lugar de oração ou de adoração às suas divindades e que em nossos dias é a palavra que define os cultos aos Nkisi, Orixás e Voduns.

Além de manter e preservar as tradições ritualísticas e culturais, o Candomblé também funciona como um porto seguro para todos aqueles que sofrem de qualquer tipo de problema, seja ele amoroso, financeiro, de saúde ou de qualquer outra causa, o certo é que o Candomblé é uma religião acolhedora e receptiva que através de mecanismos próprios procura dar equilíbrio, respeitabilidade e autoconfiança àqueles que nele acreditam.

As tradições banto são muito diversificadas, pois existiam diversas tribos com rituais e culturas próprias e específicas que pertenciam ao grande grupo de africanos que habitavam a África subequatorial e que falavam línguas muito próximas derivadas de um mesmo tronco lingüístico, como já dissemos anteriormente. Assim sendo, foi muito difícil para os estudiosos entender, estudar e classificar os Candomblés de origem banto, pois quando pensavam que estavam conhecendo as tradições banto numa determinada casa de Candomblé, quando iam para outra casa percebiam que havia coisas parecidas porém desenvolvidas de um outro jeito e assim o Candomblé de origem banto foi deixado de lado em função de outras etnias africanas que não possuíam uma diversidade lingüística e cultural, facilitando desta forma o entendimento e ocasionando a falta de estudos para com as casas de origem banto.

Finalmente os descendentes do povo banto, por toda essa história de assimilação de culturas locais, tornaram-se alvo de discriminação até mesmo entre os afro-descendentes de outras etnias, já que de todas as manifestações religiosas de matrizes

africanas, a mais próxima da realidade do Brasil é a tradição banto. Esse fato, ao invés de deixar seus seguidores abalados, muito ao contrário, fez com que desenvolvessem uma resistência bem maior e que descobrissem a necessidade de manter viva sua tradição ancestral.

Esse fator pode parecer desfavorável, mas na realidade serviu de elemento fundamental para a construção de uma base forte das tradições banto e da sabedoria em aprender a conviver com a diversidade com respeito e amizade.

Se formos voltar no tempo, vamos observar que a maioria dos adeptos do Candomblé mantinha uma grande cumplicidade entre si digna de nota. Claro que essas estórias pertencem ao interior de cada casa de santo, pois não eram de domínio público, fazendo parte dos segredos do Candomblé. Naquela época não existia questão étnica e sim a consciência que todos estavam no mesmo barco e sem ajuda mútua não chegariam a lugar nenhum.

Era um tempo em que os sacerdotes e sacerdotisas se ajudavam mutuamente para poder manter as tradições trazidas pela sua ancestralidade. As estórias de dentro dos terreiros sempre foram muito lúdicas e de uma sensibilidade imensa.

Na minha família-de-santo podemos citar o caso de Seu João da Goméia, Pai-de-Santo de pouca idade, mas que conquistou a amizade e o respeito de muitas filhas-de-santo antigas das casas de Candomblé de Salvador.

Conta-se que, numa determinada época, Seu João recolheu uma sobrinha de um Pai-de-Santo de outra casa banto para ser iniciada do Nkisi Lemba. Quando a notícia chegou aos ouvidos do Pai-de-Santo imediatamente ele disse: *"- Ele botou, mas não tira".* Sabendo do acontecido, Seu João mandou um recado para o Pai-de-Santo informando-lhe que não só iria tirar sua filha de Lemba como mandou avisar o dia e a hora para que o próprio Pai-de-Santo pudesse assistir ao nome da muzenza.

No dia marcado, na hora da festa, uma kota de Nkosi Mukumbi da Casa do Pai-de-Santo em questão estava na porta da Goméia e, assim que o Nkisi completou seu ritual de iniciação e deu seu nome religioso, Seu João chamou a kota de Nkosi Mukumbi e disse em voz alta: *"- Agora vá e diga ao Seu Pai-de-Santo que Lemba já deu o nome, que não adiantou nada que foi feito para causar alguma atrapalhação"*. Desse fato,

aprendemos com Seu João que quando você se dedica a cumprir uma missão, não tema, não esmoreça, tenha fé que os Bankisi sempre estarão a seu favor, tanto sim que depois da filha de Lemba, sobrinha do referido pai-de-santo, seu João recolheu e iniciou uma sobrinha-neta dele do Nkisi Nzaze e desta vez sem nenhuma interferência ou zanga de quem quer que fosse.

Outra estória de família-de-santo que se conta é sobre a grande amizade que uniu Seu João com uma filha-de-santo também de outra casa banto. Essa amizade era muito forte e acabou causando ciúmes e muita injustiça contra a kota referida, pois corria um boato que ela estava passando alguns dos segredos rituais para Seu João da Goméia. Na época houve muita confusão e muito disse-que-disse, porém nada ficou provado, mas a mágoa ficou.

Hoje, passados tantos anos, a comunidade religiosa das duas casas sabe que nunca houve nada disso e a prova é que o Ngorosi (Rezas) da Goméia não é o mesmo utilizado na casa de origem da Kota amiga de seu João, ou seja, cada um tem sua tradição própria.

Outra grande lição que tiramos foi de não julgar para não ser julgado e não correr o risco de estar com o pensamento totalmente errado sobre aquele assunto. No Candomblé aprendemos a não julgar. Essa é a pedagogia dos terreiros que ensinam pelo exemplo, pelos casos, pelas experiências vividas e pelas lendas dos Bankisi que nos acompanham pelo resto da vida.

Mesmo quando havia algum mal-entendido como vemos acima, os Pais-de-Santo não deixavam de se dar, de se falar onde se encontrassem e de tirar muitas dúvidas uns com os outros sobre os rituais praticados no Candomblé.

Quantas pessoas conhecemos que eram parentes de gente que gozava de muito prestígio em casas ioruba e que tiveram que ser encaminhadas a sacerdotes amigos de Angola ou Jeje, pois seu santo não pertencia àquela nação e vice e versa, ou seja, todos privilegiavam o santo e a sua descendência, o que não acontece hoje com tanta freqüência já que alguns sacerdotes conseguem se fazer mais divinos do que as próprias divindades que representam na terra.

Essas experiências vividas em nossos terreiros são extremamente importantes para que possamos passar para outras pessoas os saberes específicos de uma tradição ancestral que está implícita na genética e na cultura do povo brasileiro.

2.1.2 – Entendendo o "ser banto"

Ser banto, antes de mais nada, é ser resistente e perseverante, é lutar com todas as suas forças para manter sua tradição ancestral sem permitir que ninguém a macule ou a diminua perante a sociedade em que vivemos.

Diversos fatores concorreram para que a auto-estima dos remanescentes banto sofresse uma baixa. Sempre tentaram desqualificar as tradições banto desde a época do Brasil Colônia em virtude da facilidade com que os banto se deixavam dominar, entretanto isto realmente foi uma tática utilizada com sucesso pelos nossos ancestrais, uma vez que além de manter viva nossa cultura até os dias de hoje, também aproximou, e muito, a cultura africana da cultura ameríndia existente no Brasil antes da colonização européia.

Essa prática foi muito mal interpretada pelos demais africanos no Brasil, porém a história nos conta exatamente o que os historiadores nunca quiseram contar. Foi através do povo banto que foram criados os quilombos, fonte de resistência e luta dos escravos de todas as etnias. Essa forma de se organizar em quilombos como se fossem fortes militares teve início em Angola com os guerreiros Jaga em sua época e tomou maiores proporções sob a influência da rainha Nzinga que exercia seu domínio com mão de ferro lá pelos anos de 1630. Os quilombos brasileiros na realidade foram construídos imitando tribos africanas, onde os refugiados do sistema da escravidão podiam viver em liberdade como se livres fossem. Não consigo entender a falta de citação da origem banto em todos os livros e pesquisas feitos até a presente data. O certo é que mesmo com toda a história dos quilombos estando diretamente ligada aos banto, pois as maiores lideranças do Quilombo dos Palmares (o maior do Brasil) com aproximadamente 20 mil pessoas em 1670, foram Nganga Zumba e seu sobrinho Zumbi, que nos dias de hoje é tido como o ícone da luta pela resistência e pela liberdade dos povos negros no Brasil (todos dois banto), ainda precisamos diariamente voltar ao nosso passado para poder manter acesa a chama da liberdade e da luta que faz parte da nossa tradição.

O movimento Quilombola se alastrou por todo o Brasil arrematando escravos de todas as etnias que nesse momento apenas se identificavam como irmãos e que tinham um objetivo comum a todos: a LIBERDADE.

Ao voltarmos no tempo, passamos a entender e nos orgulhar de nossa matriz e podemos lutar com muito afinco não para ser melhor do que ninguém, mas simplesmente para ter reconhecido o nosso valor que a história reservou.

2.1.3 – O acolhimento dos caboclos nos candomblés banto

Desde que foram desembarcados no Brasil, os negros africanos já tinham em mente a formação de estratégias de lutar visando alcançarem a liberdade e voltarem para sua terra natal, isto devido aos grandes sacrifícios e torturas a que eram expostos já na viagem de travessia do Atlântico. Naquele momento, todos, independentemente de etnia, se tornavam "**MALUNGOS**" (companheiros de viagem, de jornada, de infortúnio) já que os porões dos navios negreiros vinham com uma carga humana sempre muito maior do que a capacidade que o navio comportava, ocasionando uma viagem desumana com seres amontoados num local sem ventilação, sem instalações sanitárias e sem a mínima estrutura para que um ser humano pudesse efetuar uma viagem tão longa com um mínimo de conforto e dignidade. Dessa forma, muitos de nossos antepassados morreram por não suportar o local fétido, já que eram acorrentados num porão de um navio de 150 toneladas aproximadamente 800 africanos que emanavam seus gases, faziam suas necessidades fisiológicas, se alimentavam e isto tudo num lugar escuro, sem ventilação e sem as mínimas condições de higiene. Só nessa travessia muitos dos nossos antepassados foram jogados ao mar por não resistirem a tanto sofrimento físico e mental, morrendo ali mesmo na embarcação e sendo atirados ao mar para virar comida de peixe. Outros se desesperavam e não resistiam às pressões, tirando sua própria vida em algumas oportunidades que surgiam, de formas diversas, inclusive atirando-se ao mar alto em áreas repletas de tubarões onde se sabia que não haveria nenhuma possibilidade de salvação. Aqueles que, com as graças das suas divindades, sua fé e perseverança conseguiam chegar a terra firme algumas vezes já estavam bastante doentes e precisavam de um tempo para se recuperar e entrar no mercado como mercadoria e alguns, mesmo após esta suposta recuperação, já estavam em estado de saúde tão grave que morriam sem ter tempo de serem explorados pelos mercadores de gente.

Através de todo esse sofrimento, os negros africanos que aqui se estabeleceram primeiramente tinham um tratamento hostil para com todos aqueles que habitavam a colônia, o que lhes causou uma variedade de castigos, imposições sobre o trabalho que iriam desenvolver, a separação de famílias inteiras como forma de punição e receio de revoltas. Dessa forma nossos antepassados descobriram, à custa de muito sofrimento, que não poderiam nunca entrar em conflito de enfrentamento com os dominadores, pois eles só teriam a perder, e foi nesse momento que começaram a surgir as diversas estratégias de sobreviver mantendo sua tradição e sua cultura, visando a tão sonhada liberdade.

Essas estratégias banto foram confundidas por diversos historiadores como aceitação das práticas dos dominadores absorvendo diretamente as influências européias em detrimento de suas próprias tradições. Ledo engano. Essa foi a forma mais inteligente de vencer o domínio, preservar a tradição e cultura para as gerações futuras e não estar em conflito permanente.

Várias estratégias foram colocadas em prática, desde o pedido de autorização para participarem das festas religiosas de sua própria maneira e, assim, enquanto os senhores dominadores estavam festejando em grande estilo Santa Bárbara, nas senzalas os ngomas (tambores) soavam em louvor a Bambulusema. Quando festejavam São Jorge era a vez de Mutalombô e assim por diante. Da mesma forma eram conservadas as pedras dedicadas aos Nkisi. Era aberto um buraco no chão e ali eram colocados todos os elementos pertencentes ao Nguzo (energia espiritual) dedicados ao Nkisi e sobre este buraco era colocada uma imagem do santo católico sem jamais levantar suspeita de que ali estava sendo cultuado um Nkisi. Outra estratégia de manutenção da tradição banto foi escolher um determinado local (sempre dentro de mata fechada), energizar os pontos principais deste local e ali celebrar ritualisticamente algum Nkisi, fosse através de iniciações, obrigações ou mesmo oferendas. Terminada a celebração, tudo era desmanchado e todos voltavam para suas casas tentando não levantar suspeita de ninguém.

Essas eram algumas estratégias banto de preservar sua tradição cultural e religiosa que foram tão habilmente conduzidas por nossos antepassados, sendo que até mesmo os ditos estudiosos não perceberam inicialmente a força e a hegemonia dos povos banto no Brasil, com muitos deles chegando a negar que existisse uma cultura religiosa tão rica

entre os povos banto, que não houvesse uma diversidade imensa de línguas faladas por estes povos e criaram ainda uma perversa forma de mensurar a superioridade ou inferioridade de etnias africanas imitando alguns estudiosos da época que estudavam para provar que a raça negra era uma raça inferior. Mais uma vez a história tratou de mostrar aos enganados que a realidade era bastante diferente e que para comprovar a existência de uma forte religiosidade, cultura e resistência fiel aos seus costumes e tradições era necessário se aprofundar um pouco mais.

A participação dos povos banto na formação do povo brasileiro foi bastante significativa e importante, o que não significa de forma alguma que exista uma superioridade nesta contribuição. Todas as etnias são importantes, cada uma preservando sua tradição ancestral que, aqui no Brasil, unidas pela dor do sofrimento, do abandono e de toda a sorte de perseguições, conseguiram se unir e criar o maior pólo de resistência e manutenção de povos oriundos do continente africano que se chama: Candomblé.

Um fator foi preponderante para que os povos banto amenizassem seus sofrimentos em terras brasileiras: o acolhimento dos índios nativos e verdadeiros donos da Terra Brasileira. As afinidades entre as culturas africanas e ameríndias são tão grandes que até hoje ainda existe quem faça algum tipo de entendimento errôneo sobre as duas culturas e suas afinidades.

O Candomblé Banto tem sua origem em tribos africanas que habitavam a linha abaixo do equador, ou seja, na área subsaariana e tem seus rituais baseados em conhecimentos ancestrais daqueles povos que são compostos de ritos iniciáticos e de injunções religiosas específicas. Já os indígenas são nativos do Brasil, com um sistema religioso bem parecido com os africanos de culto aos elementos da natureza, porém de ritos próprios e diferentes dos africanos. Apenas a grande afinidade entre os dois povos deu origem ao acolhimento incontestável do Caboclo brasileiro no seio dos Candomblés de origem banto, sendo tratados como Encantados e sempre bem-vindos nas casas de Candomblé Angola/Congo.

As manifestações indígenas são respeitadas na sua essência, logo não existe nenhum ritual africano que possamos destinar ao Caboclo. A eles dedicamos todo o aprendizado herdado de nossos antepassados africanos para promover um melhor acolhimento e

demonstrar o respeito existente entre as culturas, mantendo cada uma suas especificidades.

Vou transcrever a seguir uma entrevista feita com uma senhora que durante toda a sua vida se dedicou aos Caboclos e que vai nos esclarecer sobre a forma de existir e de serem cultuados por nós no Brasil e nos Candomblés de origem banto.

4.1.3 – O culto ao caboclo e candomblé

Uma das atividades desenvolvidas nas religiões de matriz africana de maior importância sem dúvida é o acolhimento. Quando chegamos numa casa onde se pratica qualquer manifestação religiosa de matriz africana somos levados a participar do grupo como se já praticássemos aquelas atividades há muito tempo, ou seja, nos sentimos parte de tudo.

Nunca houve dúvida na minha vida religiosa em relação à divindade que toma conta de mim, ou seja, a minha filiação divina. Todas as pessoas, seja através de um simples olhar ou através de jogo de búzios, visão em copo d'água ou qualquer outra forma de

oráculo, sempre me diziam que eu era de DANDALUNDA (OXUM) e que tinha uma missão muito grande com ela nesta terra.

Na casa de D. Mariá me senti muito mais confortável por saber que ela tratava do Caboclo de cada um e, quando se tratava de Orixá, ela só assentava uma quartinha e oferecia comidas votivas tentando sempre promover o equilíbrio entre o indivíduo e o seu Orixá, porém nunca foi mais longe que isto, como poderemos observar adiante na reprodução da entrevista que fiz com D. Mariá no ano de 2007:

Foto: D. Mariá (Julho/2008)

- Anselmo: Qual o seu nome completo?

- D. Mariá: Catarina Marques dos Santos.

- Anselmo: Quantos anos a senhora tem e qual a data do seu aniversário?

- D. Mariá: Eu tenho 84 anos e a data é 6 de abril.

- Anselmo: Como a senhora foi chamada para trabalhar com os Caboclos?

- D. Mariá: Com quatro anos de idade eu já entrava dentro do mato e dava remédio ao povo. Com quatro anos de idade, eu entrava dentro dos mato assim, juntava aquele povo atrás de mim, minha mãe dizia, minha mãe tinha medo, ela

dizia:"Olhe Mariá é uma criança se tiver alguma coisa eu não sou responsável". Aí eles diziam "Minha doutora sabe o que faz".

- Anselmo: E onde era isso?

- D. Mariá: Aqui em Salvador.

- Anselmo: A senhora morava onde?

- D. Mariá: Ali no fim de linha, não era aqui, era do lado dos Dois Leões.

- Anselmo: A senhora teve alguma iniciação no Candomblé ou em outra religião de matriz africana?

- D. Mariá: Não.

- Anselmo: Como podemos identificar sua casa? Como Candomblé de Caboclo?

- D. Mariá: É como Casa de Caboclo, né?

- Anselmo: A senhora dentro desta vertente de Candomblé de Caboclo, a senhora executa algum ritual de iniciação?

- D. Mariá: Como?

- Anselmo: A senhora faz alguma iniciação para alguém, para algum dos seus filhos-de-santo ou a senhora assenta só a quartinha e cuida do Orixá dele?

- D. Mariá: Assento só a quartinha e cuido do Orixá.

- Anselmo: Como a senhora encara o Candomblé?

- D. Mariá: Eu encaro o Candomblé como uma corrente boa, quando justamente o pessoal que se inicia segue uma meta direitinho. Eu encaro como uma coisa boa.

- Anselmo: A senhora teve o aprendizado de algum mais velho? A senhora freqüentou a casa de alguém?

- D. Mariá: Não.

- Anselmo: Como a senhora mantém a hierarquia da casa? É como no Candomblé que é por ordem de idade dos filhos-de-santo? Pra dançar na roda, o mais velho vai à frente e os demais vão atrás?

- D. Mariá: É. É o mesmo ritmo.

- Anselmo: Quais são as maiores celebrações que a senhora tem na casa e quais as datas em que elas acontecem?

- D. Mariá: Como?

- Anselmo: Quais são as maiores festas que a senhora tem na casa?

- D. Mariá: A de Oxossi em 23 de abril, 28 de agosto a de Mata Grossa e a do Velho que é em agosto também.

- Anselmo: Sua casa também tem processo de sucessão? A senhora está preparando alguém pra ficar junto da senhora para continuar seu trabalho?

- D. Mariá: Não. Quem fica junto de mim é Iara que me ajuda.

- Anselmo: Sua Filha ?

- D. Maria: É.

- Anselmo: Como a senhora definiria sua relação com Oxum?

- D. Mariá: É a melhor possível. Ave Maria! Oxum eu adoro! Ela que é a dona da minha cabeça, né, e junto com Iansã.

- Anselmo:E com o Caboclo da Mata Grossa?Qual é a sua relação com ele?

- D. Mariá: Muito grande. Muito grande mesmo.

- Anselmo: Porque, segundo a senhora informou, ele é quem iniciou tudo e ele é quem dá as diretrizes da casa?

- D. Mariá: Olhe, é muito grande a minha relação com Mata Grossa. Mata Grossa me salvou de um perigo muito grande. Hoje eu não sei o que pedir a ele, que foi numa hora muito aflita que ele me pegou e me livrou de uma coisa muito grande e daí pra cá ele prometeu que ia trabalhar e fazer muita caridade.

- Anselmo: Que conselho a senhora daria para os novos sacerdotes de religiões de matriz africana?

- D. Mariá: Que encarem tudo com muito respeito, com seriedade e que seja pessoas fiel a justamente a quem dirigir.

- Anselmo: E para a humanidade, que conselho a senhora daria hoje para este momento turbulento que a gente tá vivendo, um conflito nas relações interpessoais, de tanta violência, de tanto mercantilismo, as pessoas vivem o ter, não vivem o ser, as pessoas valem pelo que tem e não pelo que são. Que conselho a senhora daria para a humanidade, que tipo de atitude as pessoas deveriam tomar para viver melhor:

- D. Mariá: Rezar, ter muita fé em Deus e praticar o bem.

- Anselmo: D. Mariá, muito obrigado

- D. Mariá: Meu filho, qualquer coisa estou às suas ordens.

- Anselmo: Que o Caboclo da Mata Grossa nos guarde hoje e sempre porque mesmo com estes anos todos afastado eu o chamo nas minhas aflições. Sua bênção.

- D. Mariá: Axé ! Axé ! Fiquei muito satisfeita de você ter chegado até aqui.

Como podemos observar, D. Mariá é uma pessoa autodidata que teve na sua relação com o Caboclo da Mata Grossa todo o ensinamento necessário para que ela venha cumprindo sua missão sem no entanto passar por nenhum ritual de iniciação em qualquer religião de matriz africana ou mesmo ter a experiência advinda de um mais velho. Seu conhecimento litúrgico vem exclusivamente do ensinamento da cultura ameríndia do Caboclo da Mata Grossa, em que podemos observar claramente a relação de troca que existiu no início do processo escravocrata do Brasil entre os africanos que traziam a cultura banto (oriundos de Congo/Angola) e os nativos indígenas hoje considerados como primeiros ancestrais, os donos da terra. Dessa forma, os rituais africanos foram passando por um processo de identificação muito forte com a cultura brasileira, surgindo daí o Candomblé brasileiro, ou seja, rituais africanos por excelência, porém adaptados perfeitamente ao solo brasileiro.

Vale ressaltar que esse fenômeno ocorreu em todas as etnias africanas no Brasil. Nenhum ritual africano praticado no Brasil pode ser considerado puro: todos passaram por um processo de absorção da cultura brasileira, portanto não existem etnias superiores ou inferiores, apenas não houve uma maior dispersão nos estudos efetuados com os africanos no Brasil, quer dizer, não houve uma preocupação ou interesse dos estudiosos em resgatar os valores das outras etnias como Congo, Angola, Ijexá, Xambá e até o próprio Jeje que hoje em sua maioria pratica rituais iorubas, e aquelas etnias que não aceitaram ou não se adaptaram a esta iorubanização acabaram por ser absorvidas por ela e/ou sucumbiram durante o passar dos anos.

A cultura banto se mantém firme em sua tradição absorvendo alguns ritos de outras etnias. Afinal, a mistura dos africanos de diversas etnias com o advento da escravidão no Brasil, contribuiu para a troca de experiências e a absorção de alguns valores e rituais de outras etnias que passaram a ser brasileiros, como o nosso Candomblé.

Entendo a ligação das pessoas com as religiões de matrizes africanas como uma missão ancestral e não como uma escolha ou opção religiosa, logo trazemos um grau de satisfação que será preenchido a partir do momento em que nos identificamos com aquela facção religiosa, e temos satisfeitos nosso interior, somos religiosos plenos e não religiosos cheios de dúvidas, necessitando ainda de muito esclarecimento para poder entender a religião que praticam.

Amo e respeito muito o trabalho desenvolvido por D. Mariá, e se dependesse de mim ou só da minha vontade estaria lá até hoje, entretanto minha missão designada por Ngana Zambi e Dandalunda iria mais adiante no sentido de necessitar de uma iniciação religiosa nos padrões afro-brasileiros nos Candomblés de Angola. Assim sendo, fui dando continuidade a minha vida, tendo na minha memória e no meu coração a imensa satisfação de conhecer a cultura ameríndia através das orientações recebidas diretamente do Caboclo da Mata Grossa e de ter sido acolhido de uma forma tão gratificante por D. Mariá que para mim até hoje é um exemplo de sabedoria, respeito e amor pelo próximo.

2.2 – Meus caminhos no candomblé Congo/Angola

Chegando ao Rio de Janeiro, na casa de meus pais, tive a sensação plena de acolhimento e a impressão de segurança tão forte que para mim nada daquelas manifestações que aconteceram comigo na Bahia voltariam a acontecer.

Minha vida retorna ao seu ritmo normal. Quando saí da Bahia fui transferido da Escola Técnica Federal da Bahia (ETFBa) para a Escola Técnica Federal Celso Suckow da Fonseca e dei continuidade aos meus estudos, morando em Realengo e estudando no Maracanã.

Sempre gostei de fazer amigos por onde passo e desta forma além dos amigos antigos que já tinha no Rio de Janeiro fui conhecendo muitas pessoas que passaram a fazer parte do meu dia-a-dia. Uma dessas pessoas chama-se Paulo Sérgio, um dos amigos que mais ficaram próximos de mim nesse período. Saíamos, íamos a festas, a bailes, a ensaios de escolas de samba, enfim tínhamos uma vida social bem animada até que um dia foi aniversário da irmã dele e ele me convidou para jantar na sua casa. Qual não foi minha surpresa quando cheguei à casa do meu mais novo amigo e vi que era um terreiro de Candomblé, onde sua mãe era a sacerdotisa da casa. Sem ter a mínima consciência, estava entrando no solo sagrado de Kavungo onde se procederia minha iniciação religiosa no Candomblé de nação Angola.

Hoje para mim é muito claro que essa forma era o chamado do Nkisi Dandalunda dirigindo minha religiosidade ancestral afro-brasileira para aquele lugar.

Um detalhe muito importante é que eu nasci na casa da minha mãe que fica na Rua Marechal Joaquim Inácio nº 68 – Realengo – Estado da Guanabara – Rio de Janeiro e

Dandalunda deu seu nome (ou seja, meu renascimento) na mesma rua no número 624 onde funcionava o Abacá de Kavungo: acredito que fosse necessário que nascêssemos na mesma rua, no mesmo bairro e na mesma cidade.

Como essa, muitas estórias aconteceram até chegar ao momento efetivo da minha iniciação religiosa. Entretanto, a mais marcante e definitiva foi numa tarde de janeiro em que nós estávamos no terreiro conversando sobre assuntos diversos quando chegou um irmão-de-santo do meu amigo (que nesta altura dos acontecimentos eu já sabia que era iniciado para o Orixá Oxossi no Ketu, na casa de Dona Áurea de Iansã e já tinha aproximadamente de dois para três anos de iniciado) que estava completando três anos de santo naquele dia e foi pedir a bênção dos mais velhos do terreiro (costume religioso nos terreiros de matrizes africanas no Brasil). Quando o rapaz foi tomar a bênção da mãe-de-santo, ele entrou em transe e eu fiquei simplesmente apavorado. Nesse momento o meu amigo virou para mim e disse o seguinte: "- Você deve se ajoelhar e tomar a bênção deste Orixá, que quando for a sua vez de se iniciar é para este Orixá que você será iniciado. Este Orixá chama-se Oxum". Todo desajeitado, fui sendo orientado pela mãe-de-santo sobre o que fazer para tomar a bênção daquele Orixá e fui fazendo. A última lembrança que tive foi quando o Orixá me deu um forte abraço e eu caí no chão e não vi mais nada. Quando voltei a mim estava numa outra sala completamente diferente daquela que eu estava antes e comecei a chorar convulsivamente por aproximadamente uma hora, tamanho foi o susto que levei.

Quando fiquei mais calmo, a mãe-de-santo D. Maria Magdalena de Paiva Lopes, filha de Kavungo com Bambulusema, chegou perto de mim e passou a explicar o que acontecera comigo. Ela disse que o meu santo tinha bolado e eu ainda meio aturdido perguntei o que era bolar. Ela me explicou que, quando o nosso Nkisi encontra o local onde nossa ancestralidade está sendo zelada, ele emana uma energia muito forte para aquele filho de forma que o mesmo seja tomado por aquela força sem controle nenhum e caia no solo se debatendo e rolando o corpo da pessoa para todos os lados onde haja um ponto de energia no terreiro. Nesse ato, interpretamos que o Nkisi está dizendo aos mais velhos da casa que aquele filho necessita de iniciação e que há concordância tanto da ancestralidade do filho quanto da ancestralidade da casa, bastando apenas a combinação entre as partes e ver uma data propícia para o evento. Logo podemos observar que até para a iniciação dependemos da indicação do Nkisi e não da nossa

vontade, pois se não for da vontade do Nkisi não seremos iniciado naquela casa. Sendo assim, minha iniciação aconteceu com meu recolhimento no dia 26 de julho de 1975, Dandalunda deu o nome (Dijina) no dia 16 de agosto de 1975 e retirei o Kelê (resguardo mais longo e efetivo) no dia 16 de novembro de 1975 no Abaçá de Kavungo aos cuidados da Mameto dya Nkisi Maria Magdalena de Paiva Lopes e de minha Mameto Kamukenge (mãe-pequena), ou seja, auxiliar da mãe-de-santo, a Makota conhecida como Tia Márcia de Angorô.

Na realidade esse momento é repleto de alegria e júbilo pela ancestralidade da casa, pois esta é a forma da família religiosa estar sendo aumentada e será formado (a) mais um importante agente multiplicador das nossas tradições.

2.2.1– Aprendendo as tradições banto - Divindades, entidades, encantados

Dessa forma teve início minha vida religiosa propriamente dita no Abaçá de Kavungo no Rio de Janeiro aos cuidados da Mameto dya Nkisi Maria Magdalena de Paiva Lopes. Vale ressaltar que nessa oportunidade eu já havia saído da casa dos meus pais e fui morar na Roça, o que me valeu de aprendizado e até a presente data defendo a teoria que o Instituto de Teologia do Sacerdote das Religiões de Matrizes Africanas é o terreiro onde se iniciou e a partir daquele momento deverá dar manutenção àquela tradição.

Por não possuir um relacionamento estreito com as culturas afro-descendentes e por querer forçosamente fazer comparativos com a religião católica da qual eu tinha maiores referências, começaram os problemas de interpretação que certamente até hoje é o grande enigma para a cabeça dos leigos.

Para começar, precisamos entender que o Candomblé tem sua essência, sua ancestralidade e sua base religiosa no continente africano e que foi trazida ao Brasil com o início do tráfico atlântico ou “travessia da Calunga grande”, o que aconteceu entre o século XV e o século XIX, sendo considerada a maior diáspora compulsória de seres humanos (José Barbosa Filho – História do Negro no Brasil – Cadernos PENESB 7, 2006). Essa diáspora trouxe para o Brasil mais de quatro milhões de africanos de diversas etnias, línguas e culturas diferentes, que em nosso País se irmanaram incondicionalmente na dor da escravidão, surgindo daí uma grande cadeia de trocas de

informações, vivências e solidariedade entre estes indivíduos, inclusive dando origem à religião do Candomblé, que é uma expressão religiosa de matriz africana, porém genuinamente criada no Brasil com a colaboração das diversas etnias africanas aqui presentes e mais os ameríndios que habitavam o Brasil na época.

Os escravos precisavam de um forte aparato para poder desenvolver seus rituais religiosos que na época eram totalmente proibidos pelos dominadores que colonizaram nosso país e trouxeram indivíduos livres africanos para serem escravizados aqui. Na época, a igreja católica exercia uma grande influência junto aos governos e começou a desenvolver um trabalho de catequese a todos os povos que encontravam pela frente, sem nem mesmo se importar ou reconhecer alguma manifestação religiosa existentes entre eles. Dessa forma os escravizados africanos foram obrigados a receber o evangelho como verdade absoluta, Jesus Cristo como o único Salvador, renegar qualquer tipo de fé ou religiosidade que porventura existisse em sua alma, passar por um processo de embranqueamento na igreja, senão era castigado fisicamente na terra além de ter seu castigo celestial.

Interessante como era dada como certa a extinção do negro com o passar do tempo. Manuel Querino cita em seu livro (*Costumes africanos no Brasil*, p. 21) que o Frei Beneditino Camilo de Monteserrate já dizia: "Conviria muito, pois, antes da extinção completa da raça africana, no Brasil, e, sobretudo, antes que desapareçam as variedades mais interessantes e menos vulgarmente conhecidas, apanhar dos próprios indivíduos, que as representam, informações que dentro de pouco tempo serão impossíveis ou pelo menos muito difíceis de obter. Há, entre os negros transportados da África, indivíduos oriundos do interior do continente, até onde nenhum viajante conseguiu ainda ir, e que não se acham mencionados em nenhuma relação publicada. Pode-se ainda distinguir e estudar os tipos diversos, constatar-lhes autenticamente a origem, interrogar os indivíduos sobre suas crenças, suas línguas, seus usos e costumes e recolher assim da própria boca dos negros, tanto mais facilmente quanto é certo que eles falam a língua comum, informações que os viajantes só a muito custo obtêm, correndo grandes riscos em custosas expedições e ainda sujeitos aos mais graves erros."

O que não foi levado em consideração era que através da união, os negros começavam a criar um movimento de resistência contra os dominadores. Primeiramente era uma resistência silenciosa e contínua, criando associações religiosas nas igrejas que

pretendiam angariar fundos para comprar a liberdade uns dos outros. Sabiamente começaram o movimento sincretista, isto é, para poder continuar mantendo seus rituais tribais africanos era necessário que estes se assimilassem ao que acontecia religiosamente na época, daí começaram a festejar Santo Antonio na casa grande enquanto na senzala os Ngomas soavam forte para Nkosi Mukumbi, o Nkisi da guerra, do ferro e o protetor da agricultura. Sendo assim, quando os senhores coloniais ouviam o barulho nas senzalas e mandavam os capatazes se certificarem do que estava acontecendo, o que eles viam era uma grande festa em louvor a Santo Antonio, o mesmo que estava sendo festejado na casa grande, logo os senhores se acalmavam, pois não havia motivo para maiores preocupações. Esse ritual, até os nossos dias, confunde a cabeça não só dos adeptos do Candomblé como dos leigos, sendo que na realidade o que se chama de festa de Candomblé é uma celebração religiosa como uma missa, um culto ou qualquer outra manifestação religiosa com a diferença que o africano celebra a vida com orações melodiosas e reza com o próprio corpo, o que para nós ocidentais significa dança.

Desses rituais surgiu também a comida, pois as melhores partes eram destinadas à casa grande restando apenas as sobras para os escravos. Aí reside a criatividade de um povo, porquanto daqueles restos surgiriam diversos pratos compondo uma forte e peculiar gastronomia entre os escravos, e foi assim que surgiu a feijoada (miúdos de carne salgada de porco misturados ao feijão preto) de sabor inenarrável, o sarapatel (miúdos de porco cortadinhos em pedaços muito bem lavados e temperados) e diversas outras comidas nascidas das mãos criativas das escravas africanas em solo brasileiro.

Quanto às tradições religiosas na tradição banto aprendemos a lidar com três formas de energia distintas:

A – **A divindade** – que chamamos de NKISI, nome oriundo do verbo Kinsa que significa equilíbrio, pacote de remédio, cura, ou seja, uma energia elementar da natureza extremamente benéfica ao ser humano, que está diretamente ligado ao seu próprio elementar natural como Dandalunda e Kisimbi (água doce), Kayala, Mikaia e Kokueto (água salgada), Mutalombô, Kabila, Gongobila, Tauá (caçadores), etc.

B – **A entidade** – energia de seres humanos que já viveram entre nós e partiram para o duílo (céu) de onde serão parte integrante da comunidade a que pertenceram em nosso

mundo. A parte negativa das entidades é chamada Kiumbas, energias de seres humanos que se foram e não encontraram ainda seu lugar definitivo na ancestralidade, por isso ficam soltas, promovendo uma série de problemas aos seres humanos que estão na terra sendo encaminhados através dos SAKULUPEMBAS (rituais de encaminhamento de Kiumbas para o encontro de sua ancestralidade). Essas energias não devem entrar em transe no corpo de uma pessoa que tenha passado pelos processos iniciáticos nos moldes africanos seja de qualquer etnia, porque durante o processo de iniciação são desenvolvidos determinados rituais que protegem o corpo do iniciado visando a promoção do equilíbrio das energias que estarão agindo em seu corpo durante toda sua vida. Vale ressaltar que a Iniciação é um processo delicado em que o iniciado na realidade renasce para a sua vida religiosa, inclusive passando a possuir um nome religioso que chamamos de DIJINA.

C – **O encantado** - energia pura normalmente ligada aos índios nativos do Brasil que foram os primeiros ancestrais das religiões de matrizes africanas quando do processo de acolhimento e de troca de informações entre os mesmos em terras brasileiras. Essa energia é de uma leveza tamanha que é possível o transe em pessoas iniciadas com todos os rituais africanos. Simboliza normalmente a energia das matas e florestas existentes no Brasil.

Assim sendo o **CABOCLO** é tido como um encanto das matas e florestas podendo ser cultuado dentro de suas próprias especificidades culturais dentro dos Candomblés de origem banto.

Terreiro Mokambo Salvador - Bahia - Brasil

CAPÍTULO 3

BAHIA MINHA RAIZ

3.1 – Mãe Mirinha de Portão – O encontro pré-destinado

Neste capítulo procuro ratificar nossa vinculação com a nação Angola/Congo, minha raiz, a partir do Terreiro São Jorge Filho da Goméia e nossa ancestralidade.

ALTANIRA MARIA CONCEIÇÃO SOUZA
MÃE MIRINHA DE PORTÃO
*** 21/12/1924 +18/02/1989**

Era uma manhã de verão daquelas com o céu bem azul e assim que levantei pensei em ir conhecer Mirinha de Portão, uma figura que já habitava meu imaginário, pois já a conhecia muito de nome da Casa de Toninho de Obaluayê no Rio de Janeiro, onde a fotografia de Mirinha era estampada em tamanho bem grande na parede do terreiro e a ela eram oferecidos todos os rituais de agradecimento e reconhecimento pelas atividades religiosas daquela casa.

No meu retorno a Bahia, claro, minha maior curiosidade era conhecê-la e conversar sobre a minha vida religiosa.

Morávamos no Edifício Apolo XXVIII, na Avenida Sete de Setembro, Corredor da Vitória, no 14º andar e no 3º andar morava um recente amigo chamado Aldair que, prevalecendo a cultura baiana do apelido, chamava-se Dico para os mais próximos. Como ele possuía carro, pedi que fôssemos a Portão a fim de conhecer Mirinha, o que logo foi aceito porque ele tinha também a mesma curiosidade.

Seguimos rumo a Portão, tomamos a então recém inaugurada Avenida Paralela, onde só havia mato e pouquíssimas construções e fomos sair na Estrada do Coco, também pouquíssimo habitada e com muito mato, para que na entrada da Praia de Buraquinho virássemos à esquerda e entrássemos no Distrito de Portão. Mirinha morava na Rua Queira Deus, que era a rua principal de Portão.

Lá chegando entramos nas dependências do terreiro e nos mandaram ir para o fundo onde havia uma cozinha e ali, uma das filhas-de-santo da casa nos pedia desculpas, pois Mirinha estava adoentada e não poderia nos receber. Entreolhamo-nos com certo ar de desencanto, mas não poderíamos fazer nada a não ser remarcar nossa visita, o que fizemos imediatamente. Quando estávamos saindo e passávamos pela frente da casa de Mirinha, a porta se abriu e uma pessoa nos disse que entrássemos que Mirinha queria nos ver. Fomos conduzidos a um quarto onde havia uma cama de casal ocupada por Mirinha que, ao nos ver, mandou que eu me sentasse na beira da cama e solicitou à menina que estava na casa que trouxesse uma cadeira para o meu amigo Dico.

Esse foi o momento mágico entre Mirinha e eu, e a partir daquele momento ela nos pediu desculpas por não poder nos atender naquela oportunidade, mas disse que viéssemos em outra ocasião que ela teria o maior prazer em fazer isso. Achei que aquilo fosse parte do processo de acolhimento que é comum aos terreiros de Candomblé e que seria apenas uma forma educada de nos acolher, mas sua imagem ficaria para sempre na minha mente e a vontade de me aproximar dela era incontestável.

Passaram-se os dias e repentinamente lembrei-me de Mirinha e falei comigo mesmo: “vou visitá-la hoje”. Como o local era bem distante, consegui o carro de minha irmã emprestado e rumei a Portão. Chegando lá, para a minha felicidade Mirinha estava

presente e gozando de boa saúde, entretanto completamente envolvida com algumas atividades da casa. Mais tarde eu saberia que tudo na casa sempre passaria por ela, que sua voz de comando era inabalável.

Quando ela teve um tempo para mim aproximou-se e falou: "- Meu filho, vamos conversar sentados ali debaixo daquela árvore." Nossa primeira conversa teve como testemunha o Caboclo da Pedra Preta, que pertencia ao Seu Joãozinho da Goméia, Pai-de-Santo de Mirinha que por amor ao Caboclo fez uma representação dele em sua Casa. Acho que a conversa não poderia ser melhor, e em mim ficou a sensação de me reconhecer naquela senhora preta, baixinha, gordinha, com um carisma imensurável e de precioso acolhimento. Naquele momento entendi que nossas vidas estariam interligadas para sempre, pois nosso amor e respeito foram mútuos.

A partir desse momento fiquei freqüentando o Terreiro São Jorge Filho da Goméia, gozando de muito carinho de Mirinha que me acolheu de braços e coração bem abertos, até a oficialização da minha pertença àquele terreiro através da obrigação de sete anos. Nela, pelo processo de raspagem da cabeça, passei definitivamente a ser filho de Mirinha de Portão, tendo como companheiras de Barco (conjunto de noviços que se iniciam juntos) Adelina de Mutalombô e Tunga de Kavungo. Nossa obrigação foi um excelente acontecimento em minha vida porque para mim Mirinha foi um porto seguro que me ensinou não só fundamentos religiosos, porém, o mais importante, a capacidade de amar e ter fé, o que até então eu não sabia que tinha.

Foto no Terreiro São Jorge: Adelina, Valdete e Anselmo (Assentamento de Tempo).

Através do meu amor por Mirinha aprendi a amar Mutalombô, seu Nkisi que enchia nossos olhos e corações com aparições mágicas e participações inenarráveis nas

celebrações do Terreiro São Jorge. Aprendi a amar Seu Joãozinho da Goméia, por quem ela tinha um profundo carinho e respeito.

O Caboclo Boiadeiro de Mirinha é um capítulo à parte em toda a minha estória dentro do Candomblé. Meu amor por ele é tão grande que mesmo após a morte de Mirinha ainda me emociono quando vejo algum boiadeiro. Seja no Terreiro Mokambo ou em qualquer terreiro que eu vá, sempre peço que ele esteja perto de Mirinha, que a ajude na construção de um processo na proteção de todos aqueles que para ela foram caros.

Não posso lembrar sem emoção das noites em que Seu Boiadeiro chegava ao meu quarto que ficava ao lado do de Mirinha e batia na sola dos meus pés me chamando para irmos à cozinha, pois ele precisava conversar. Ali, naquele momento eu aprendia as dores e os dissabores de quem ocupa o cargo de Sacerdote ou Sacerdotisa das Religiões de Matrizes Africanas e a importância dos Caboclos para o povo-de-santo. Bendito seja o Caboclo Boiadeiro de Mirinha de Portão que me ensinou a ser um Sacerdote de respeito e um bom guardião das tradições banto!

Esses e outros encontros foram importantíssimos para a construção da identidade sacerdotal que adquiri durante anos e anos de aprendizado, pois os saberes dos terreiros do Candomblé são passados durante anos de aprendizado e é vivendo na Roça que podemos aprender tudo aquilo necessário para nossa missão religiosa no futuro.

3.2 – A convivência no Terreiro São Jorge Filho da Goméia

Foto no Terreiro São Jorge: Valdete, Anselmo e Mirinha.

Meu acolhimento por Mirinha de Portão no Terreiro São Jorge foi de forma inteira e definitiva, e a partir do momento em que aí entrei passei a ser para ela um filho dileto como todos os outros sobre quem ela tinha responsabilidade enquanto Zeladora.

No terreiro aprendi, inicialmente, o respeito à hierarquia existente na casa, que tem por finalidade estabelecer um relacionamento mais ameno entre todos os adeptos em busca do equilíbrio.

Por nos reconhecermos como Mãe e Filho, no sentido mais puro que as palavras possuem, morando na casa de Mirinha passei a gozar de alguns privilégios que outros filhos-de-santo não tinham, nem mesmo os filhos-de-santo que eram netos consangüíneos dela, o que gerava certo desconforto para as pessoas. Entretanto ninguém ousava dizer nada, pois a vontade dela era absoluta.

Comecei a ocupar a função de arrumar o barracão para os dias de celebrações e nesta função consegui evoluir bastante com a ajuda de outros irmãos-de-santo: colocamos o terreiro todo branco e enfeitávamos sempre com folhas porque Mirinha nunca gostou de flores, mas sim de mato. Assim sendo, conseguíamos decorações maravilhosas apenas com folhas como Costela de Adão grandes, nas quais colocávamos outra folha no centro, parecendo uma mão que segurava um ramo de mato; as conchinhas de São Cosme que colocávamos na parede e dentro colocávamos duburu (pipocas), nas celebrações de Kavungo e Nsumbo.

No canto do barracão tinha um altar em que sempre era colocado um santo católico a depender da celebração, por exemplo, nas festas de Mutalombô colocava-se a imagem de São Jorge, nas festas de Bambulusema a imagem de Santa Bárbara, nas de Nzaze a imagem de São Jerônimo, e assim por diante.

Nas paredes, além dos arranjos feitos com mato colhido no local, havia dois quadros: um em homenagem a Kavungo e outro em homenagem a Seu Joãozinho da Goméia.

Aprendi com Mirinha de Portão que só colocamos quadros de pessoas na parede do barracão quando for em homenagem a quem já se foi e contribuiu para a formação daquela casa, ou seja, o Pai ou Mãe-de-Santo que deu origem àquela tradição. Fora esta condição não se deve colocar. Aprendi a colocar as cadeiras dos Tatás e Makotas e dos Kotas em ordem, o que era sagrado e o que era profano durante a execução de uma

celebração religiosa, como os visitantes deveriam se comportar e como nós deveríamos nos comportar com relação ao povo de fora.

Acompanhei a iniciação de diversos Muzenzas, Tatas e Makotas durante meu período de residente no terreiro; participei como Pai-Pequeno na iniciação de diversos dos meus irmãos-de-santo e aprendi com Mirinha a importância de cada detalhe num processo de iniciação ou de obrigações na religião do Candomblé.

Procurei manter uma relação cordial com todos os meus irmãos-de-santo e até o dia de hoje mantenho boas relações com eles. Apenas a minha dedicação ao sacerdócio, aos meus estudos e a procurar desenvolver projetos sociais que venham a melhorar a qualidade de vida do povo que habita a comunidade onde o terreiro está inserido, não me permite estar com mais freqüência na casa dos meus irmãos, porém, peço ao Nkisi Dandalunda que abençoe sempre o caminho de todos e que haja equilíbrio e crescimento em seus caminhos.

Alguns dos meus irmãos tiveram uma relação tão próxima a mim que são meus compadres e comadres, pois batizei algumas crianças, filhas dos freqüentadores do Terreiro São Jorge.

Foto no Terreiro São Jorge: Adelina, Anselmo (Anselmo afilhado no colo) e Valdete.

3.2.1 - Casos e aprendizado pelo exemplo

Morar no terreiro de Candomblé para mim foi de extrema valia para o aperfeiçoamento da minha aprendizagem, pois pude participar de cada ação, ora como ator ora como

espectador. Gozar da intimidade de Mirinha de Portão não era uma coisa muito fácil, porque ela era uma pessoa muito exigente e rígida no que se referia aos seus filhos-de-santo.

Ela sempre nos ensinou a separar a necessidade de estar na Roça e a vontade de lá estar sem nenhuma utilidade, o que ela chamava vulgarmente de "MORONGONHA". Ao usar esse termo ela queria dizer que terreiro de Candomblé é lugar de convivência e aprendizado e não de "morongonha" (traduzíamos como aquelas pessoas que chegam a um terreiro de Candomblé com sua malinha debaixo do braço e vão se instalando sem ter data de ir embora). A presença dessas pessoas muitas vezes atrapalha os rituais diários da casa que só poderiam acontecer com o pessoal interno sem a interferência de terceiros; quando tínhamos essas visitas dávamos uma volta enorme para realizar nosso intento sem que o visitante nem mesmo percebesse (outra estratégia do povo banto).

Um dos primeiros ensinamentos que tive foi de não deixar de fazer nada que fosse importante para a nossa tradição por estar sendo interrompido por outra pessoa, porque sempre existe uma forma de fazermos tudo sem deixar que o outro perceba e nos atrapalhe em nossa missão cotidiana.

Por ter este perfil de uma Zeladora firme e autoritária em seus domínios, muitos dos filhos-de-santo mantinham uma relação cordial e amiga, porém ninguém foi abrigado por ela em sua casa para morar. O único filho-de-santo que morou no terreiro com ela foi eu: aos outros ela deu o abrigo e acolhimento necessários.

Foto Terreiro São Jorge: Mirinha, Garrincha, Anselmo, Adelina e Valdete.

Hoje digo com muito orgulho que o Terreiro São Jorge Filho da Goméia foi minha casa por uns bons anos e lá desenvolvi muitos dotes que certamente já estavam em mim, mas que nunca eu os tinha colocado para fora.

Um desses dotes foi costurar. Mirinha tinha uma máquina de costura que só ela utilizava e mais ninguém, porém quando eu comecei a aprender ajudando-a a cortar tecidos, bater bainhas ou fazer qualquer outra coisa na máquina, ela passou a permitir que eu mexesse na máquina, mas só com a ordem dela.

Daí em diante fizemos uma parceria e pude ter o prazer de costurar algumas roupas de Mutalombô e algumas roupas de Bambulusema. Costurei ainda muitos lençóis de letras (faixas apreendidas pela prefeitura que Garrincha (marido dela) levava para casa). Depois de costurados, Mirinha os passava numa água de sabão e água sanitária para tirar as tintas e o referido tecido acabava virando lençol para cobrir muita gente que lá chegava.

Daí aprendi a costurar roupa de santo, roupa de ração (utilizada pelos adeptos para as obrigações internas da casa), fazer adê (indumentária de cabaça do Nkisi), bordar faixas de confirmação de Tatá e Makota e muitas outras peças que hoje são de imensa importância para o meu aprendizado e que transmito no Terreiro Mokambo para a Kota Dianvuta (responsável pelas costuras, que é de Mutalombô).

Morávamos no Terreiro São Jorge Filho da Goméia Minha Mãe Mirinha, Garrincha, eu e um sobrinho-neto dela de uns nove ou dez anos que ajudava indo fazer compras, dar recados ou qualquer outra necessidade que ela tivesse. Assim sendo, comecei também a aprender a lidar na cozinha, pois muitas vezes Mirinha estava ocupada com o atendimento de seu povo e eu precisava adiantar a comida para o almoço. Dessa forma também descobri um outro dom que eu tinha, que era o de cozinhar e daí por diante me interessei em aprender a fazer o Nguzu (força espiritual) composto de vísceras moqueadas (apenas passadas por cima do fogo) e outras comidas votivas do Nkisi que compõem as mesas das obrigações litúrgicas no Candomblé. Mais tarde me vi fazendo carnes e frangos grelhados com verduras para atender à dieta de Minha Mãe Mirinha que já estava adoentada e não podia se alimentar com comidas muito condimentadas e gorduras.

Muito mais que tarefas desenvolvidas no Candomblé que são de extrema importância para o bom andamento do terreiro como costurar, cozinhar, fazer contas, tecer palhas e outras coisas mais, aprendi com Minha Mãe Mirinha a dignidade religiosa, o respeito à ética, a humildade e o que é muito importante para qualquer sacerdote: o limite.

Certa vez Mirinha marcou com uma pessoa de fazer um Sakulupemba (limpeza de corpo) e a pessoa ficou de contribuir com a quantia de CR$ 77,00 (setenta e sete cruzeiros). Tudo marcado, Mirinha comprou os materiais, fez tudo que precisava fazer e ficou aguardando que a pessoa chegasse para concluir o trabalho. A pessoa em questão era um ilustre político, muito conhecido em nosso estado e em nosso país, logo o sigilo era indispensável para que muitas pessoas leigas não ficassem fazendo suposições erradas do que ele estava buscando lá em casa. Ao terminar o sakulupemba, antes de tomar o banho de kijauá (folhas), o senhor entregou a Minha Mãe Mirinha um envelope que ela imediatamente colocou no bolso do vestido. Enquanto o senhor estava no banho ela abriu o envelope e, de repente, ficou branca e me chamou correndo dizendo: "*Ansermo, meu filho, olha que valor tem aqui pra mim*." Contei o dinheiro e vi que tinha CR$ 777,00 (setecentos e setenta e sete cruzeiros). Quando disse a ela o valor, ela colocou no bolso novamente e ficou inquieta até que o senhor saísse do banho, sentado num banquinho da cozinha tomando um chazinho quente e conversando com minha Mãe, quando ela disse "- *Meu filho, o dinheiro que você me deu está errado, não foi isso que combinei com você*". Devolveu-lhe o envelope e pediu que ele desse apenas o que eles tinham combinado. O senhor levantou-se do banco, deu um forte abraço em minha mãe e disse com a voz meio embargada de emoção "– *Dona Mirinha aí no envelope tem a quantia que eu quero lhe oferecer, espero que a senhora aceite, pois é de coração*". Minha mãe agradeceu a ele não sem antes pedir que Mutalombô e Bambulusema lhe ajudassem em dobro pela gentileza que estava tendo com ela.

Assim aprendi que num terreiro de Candomblé não temos clientes, temos amigos que se aproximam de nós por intermédio de outros amigos para que possamos tocar nossa missão para frente sem precisar deturpar nossos valores tradicionais e principalmente respeitar as pessoas pelo que elas são e não pelo que elas possuem.

Em outra ocasião, todos sabiam que Minha Mãe Mirinha sempre gostou de lavar roupa, desde os tempos de menina em que lavava roupas no Rio Joanes. Muitas vezes ela contava que ficava esperando as lavadeiras saírem da beira do rio para que ela pegasse

as pontinhas de sabão para lavar sua roupa. O tempo passou, a menina Mirinha tornou-se Dona Mirinha de Portão e sua fama já corria o chão da Bahia, do Brasil e de alguns países, mas ela não deixou de gostar de lavar roupas. Sentava-se num banco com as pernas bem abertas e no meio uma bacia com bastante água; eta que alegria! Ela passava não sei quantas águas de sabão na roupa até que ficassem limpinhas no varal. Um certo dia, um dos seus incontáveis filhos-de-santo perguntou a ela: "- Minha mãe, a senhora não quer uma máquina de lavar ? "Ela respondeu de imediato: " – Para que ? Eu não sei usar e não acredito que essas coisas vão lavar minha roupa como eu. Obrigado meu filho." Mas, o filho era insistente e como morava no Rio de Janeiro, comprou a máquina numa loja de eletrodomésticos no Rio de Janeiro que tinha filial na Bahia e mandou que fôssemos buscar a máquina sem nada dizer a ela, pois seria uma surpresa. Quando chegamos em casa com a máquina foi uma novidade: primeiro ela deu uma bronca danada, pois não queria que gastassem dinheiro com máquina que não tinha necessidade. Depois que tiramos a máquina da embalagem ela começou a se chegar tentando descobrir os mistérios da máquina. Depois que rodou a máquina toda ela soltou esta "- Não tá vendo que eu lavo melhor?". E assim foi: quando ela resolveu usar a máquina, não tinha paciência para esperar encher automaticamente e ajudava a máquina com muitos baldes de água para que enchesse depressa. Assim Dona Mirinha descobriu um brinquedo chamado máquina de lavar que ela usou umas duas ou três vezes para depois aposentá-la e voltar para sua bacia, feliz da vida. Isso mostra o espírito desarmado, desinteressado, de uma pessoa que nunca soube se beneficiar do que era dos outros.

Nas celebrações em homenagem ao Nkisi Mutalombô, diversos amigos mandavam a sua ajuda para a festa, alguns em dinheiro e outros em mercadorias. Quantas vezes Minha Mãe Mirinha recebia sacas e mais sacas de arroz, caixas de latas de óleo e demais mercadorias que quando passava a festa eram divididas com toda a comunidade de Portão.

Foto de Mirinha de Portão na morte de Seu João da Goméia. (1971)

Dileta amiga do escritor Jorge Amado, um belo dia foi estar com ele na casa do Rio Vermelho a seu chamado e para sua surpresa foi convidada para participar das filmagens de seu romance *Tenda dos milagres*. Primeiro ela ficou assustada, mas as palavras convincentes de Jorge Amado a deixaram tranqüila para desenvolver mais esta missão em sua vida. Tal qual seu pai Joãozinho da Goméia que participou do filme "Copacabana mon amour", lá ia Mirinha de Portão participar da sétima arte e num romance de um amigo tão querido.

A grandeza dessa mulher foi tamanha que ficou a critério dela escolher os figurantes que seriam remunerados. E o que ela fez? Trouxe as pessoas da comunidade para o trabalho que, a partir daquele momento com os recursos advindos das filmagens, construíram suas casas e ajeitaram suas vidas. Houve até quem se casasse com um repórter cinematográfico, e os dois foram para o Rio de Janeiro e vivem uma união estável e feliz até os dias de hoje. Pelo exposto, podemos observar a forma bem positiva da interferência de Mirinha de Portão em sua comunidade.

Hoje existe um hospital da Estrada do Coco chamado Menandro de Farias que foi solicitado por minha Mãe Mirinha na cozinha do Terreiro São Jorge Filho da Goméia ao

então Governador Professor Roberto Santos, com a finalidade de atender aos moradores da região.

Solidariedade, este era o lema de Dona Mirinha, mesmo sem ter consciência que era aquilo que ela estava praticando, pois estava na sua essência de ser humano, de Zeladora, de mãe e de amiga da comunidade.

Tinha apenas uma filha carnal a quem sempre cuidou, bem como a todos os seus netos dando-lhes aquilo que ela pudesse, fosse materialmente, fosse espiritualmente. Através do seu vasto conhecimento criou várias possibilidades de ocupação para todos, inclusive para aqueles da comunidade ou do entorno que batiam à sua porta para tentar também, através do seu prestígio, galgar algum lugar no mercado de trabalho tão competitivo de Salvador.

Mirinha sempre gostou de comer manga com farinha e, por gostar muito, às vezes parecia criança sem querer dividir com ninguém. Certa vez estava em casa com Mirinha e fui comprar pão para tomarmos café. Quando cheguei não havia ninguém em casa e coloquei o pão sobre a mesa e fui para o quintal que naquela hora já estava bem escuro. De repente ouvi uma voz me chamando bem baixinho e a voz vinha exatamente da casa de Nvumbi (antepassados), olhei para um lado e para o outro e nada. Já estava começando a ficar preocupado quando vi que a voz que me chamava era de Mirinha. Quando cheguei perto, ela estava sentada na calçada da Casa de Nvumbi com uma manga enorme na mão e com um prato de farinha e me disse baixinho: "- Qué um pedaço Ansermo? Não deixe ninguém ver."

Neste sutil jogo de esconde-esconde pude perceber a grandeza da alma de Minha Mãe Mirinha: mesmo sem que eu a tivesse visto ela não conseguiu comer sozinha e certamente se aparecesse outra pessoa ela agiria da mesma maneira. Ali aprendi que devemos dividir o que temos com todos aqueles que se aproximarem de nós, jamais deveremos obter algo só para nós mesmos, e que tudo que a vida nos oferecer é para ser dividido.

Em outra oportunidade, na semana em que se comemoraria Santo Amaro de Ipitanga, que era uma festança sem par para os moradores de Portão, Buraquinho, Busca Vida e região, todos sabíamos que muita gente viria de Salvador para participar da festa e se

hospedar na Casa de Mirinha. Foi quando ela disse: "- Este pessoá, quando chegá vai batê com a cara na porta. Que diacho de gente que pensa que sou rica, vem para minha casa comê, bebê e vai embora na maior cara de pau. Desta vez vão quebrar a cara." Aí então ela começou a se arrumar para sair de Portão e deixar sua casa fechada. Naquela época não tínhamos telefone, logo as notícias eram na hora. Ela combinou com sua neta que morava na casa da frente (Maria das Graças - Gracinha) que não dissesse a ninguém para onde ela teria ido senão ficariam esperando sua volta na casa de sua neta. Ela rodou para lá, rodou para cá e finalmente saiu-se com essa: "- Sabe de uma coisa, eu vou ficar é em casa mesmo. Se este povo chegar e não me encontrar vão ficar na casa de Gracinha, então é melhor eu ficar por aqui mesmo." Nesta passagem percebi que a responsabilidade do acolhimento ela chamou para ela e não deixou para sua neta. A festa foi maravilhosa, as pessoas ficaram na casa dela e ela estava muito feliz. Quando perguntei a ela:

"- E agora minha mãe, todos acabaram ficando aqui mesmo?" E pude ver nela o semblante da felicidade dizendo "- Meu filho esta casa dá para todos."

3.3 – Conhecendo a ancestralidade do Terreiro Mokambo

3.3.1 – SR. SEVERIANO MANOEL DE ABREU (JUBIABÁ)

***20/04/1886 + 28/10/1937**

Fonte: acervo do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia.

Durante minhas pesquisas procurei voltar no tempo e buscar informações sobre a minha ancestralidade para que eu pudesse situar a Comunidade do Terreiro Mokambo em relação à nossa origem.

Temos informações familiares de que o Sr. João Alves Torres Filho – Joãozinho da Goméia, nosso avô-de-santo, foi levado ainda menino por sua madrinha à casa de um Pai-de-Santo, muito conhecido na sua época, em virtude dos sintomas que o mesmo vinha sentindo há algum tempo: uma dor de cabeça muito forte e a visão de um homem coberto de penas que o perseguia constantemente, provocando-lhe muito medo. Assim foi a chegada de Joãozinho da Goméia na casa de Jubiabá para resolver seus problemas espirituais.

Em família ainda se sabe que as dores de cabeça violentas sentidas por Joãozinho eram um meio do seu Nkisi Mutalombô encaminhá-lo para a iniciação e o homem de penas que o apavorava era na realidade seu Caboclo Pedra Preta que também precisava de cuidados; cuidados estes tão bem recebidos pelas Divindades que transformaram o menino João Alves Torres Filho, nascido no interior da Bahia, precisamente na cidade de Inhambupe, no maior Pai-de-Santo do Brasil e o pioneiro em levar as religiões de matrizes africanas para toda a sociedade brasileira.

O jornal *O Estado da Bahia* no dia 09 de maio de 1936 publicou uma série de reportagens e artigos sobre a cultura afro-brasileira, extremamente depreciada na época. Uma delas tinha o subtítulo "Jubiabá – o célebre Pai-de-Santo faz sensacionais revelações".

Muito famoso no seu tempo, líder religioso de um Candomblé de Caboclo no Morro da Cruz do Cosme (atual bairro da Caixa D'Água), Jubiabá foi o primeiro Pai-de-Santo a participar de reportagens em combate a Pais e Mães-de-Santo de outras etnias africanas que se julgavam possuidores de uma "pureza" africana que, segundo eles, os banto não possuíam. Nessa mesma época era lançado o romance do escritor Jorge Amado, intitulado *Jubiabá*, o que despertava bastante a curiosidade em torno da sua imagem. Adiante vamos ver a discussão deselegante que Jubiabá e Jorge Amado travaram através das páginas do *Jornal da Bahia*.

Essas reportagens serviriam de ponto de partida para o pleito do jornalista e etnógrafo Edison Carneiro trazer para Salvador a organização do 2º Congresso Afro-Brasileiro, depois do 1º Congresso, realizado em Recife no mês de novembro de 1934. Essa série de reportagens visava preparar o terreno para a instalação do 2º Congresso em Salvador, buscando o apoio da comunidade negra e de outros intelectuais.

Nessa época as reportagens contavam com pouco interesse dos pesquisadores e da população sobre a cultura afro-brasileira enfatizando a realização do 1º Congresso em Recife e a transmissão de um ritual africano pela rádio Tupy.

A entrevista com Severiano Manoel de Abreu – Jubiabá é datada de 11 de maio de 1936 no jornal *O Estado da Bahia* com o título: "No mundo cheio de mistérios dos espíritos e "Pais-de-Santo" e dois subtítulos, sendo o primeiro "Iniciando uma larga reportagem sobre espiritismo e Candomblé o Estado da Bahia viu e ouviu o famoso Jubiabá, herói do último romance de Jorge Amado" e o segundo "De incrédulo a médium curador – Morro da Cruz do Cosme é seu reduto – Até entre os espíritos há melindres e vaidades – Pai de 22 filhos vivos e influência política".

Como podemos perceber, na sua leitura, sempre existem falas sobre Espiritismo e Candomblé porque naquela época os Candomblés sofriam preconceitos muito fortes. Por isso, para esconder sua verdadeira função de dar manutenção às culturas afro-brasileiras, muitos Pais-de-Santo tiveram que se esconder atrás do Espiritismo, tida como uma ciência vinda da Europa, o que sempre provocava melhor impressão e aceitação pela sociedade local da época.

Jubiabá outra vez é confundido com seu homônimo da obra de Jorge Amado, tido como vaidoso e muito influente politicamente. Essas influências devem-se à ligação do Capitão Severiano Manoel de Abreu com diversos políticos importantes e influentes como o Oficial de Gabinete do Governador Juracy Magalhães, Sr. Martinelli Braga, que lhe conferiam prestígio referido pelo próprio Jubiabá em outras ocasiões e que acabavam contribuindo para troca de favores, atração de diversas melhorias para a comunidade e para preservar sua casa de culto da violência policial.

Nessa época havia um preconceito explícito nos jornais referente às religiões de origens africanas ou indígenas; ao contrário do ocultismo e do espiritismo que eram muito mais

aceitos socialmente, porquanto possuíam raízes européias e eram tidos como doutrinas mais civilizadas.

Reportagens de cunho pejorativo eram freqüentes contra as religiões de origem africana, e denunciavam sessões de cura, cárcere privado, envenenamento, ebós, e muitas vezes o próprio jornal se dizia vítima de "despachos" por conta das matérias preconceituosas e notícias que publicavam sobre a prisão de líderes religiosos.

Muitos jornais definiam os ebós e outras oferendas como algo "porco" e "degradante", entretanto a causa mais utilizada para se atacar os Candomblés era pelo barulho dos seus tambores, considerados perturbadores do silêncio público.

Severiano Manoel de Abreu – Jubiabá – é descrito na reportagem como um tipo caboclo forte, estatura acima da mediana, fala mansa e boas maneiras, 50 anos feitos há poucos dias e que possui um domínio absoluto sobre a comunidade do Morro da Cruz do Cosme. No livro de Jorge Amado ele descreve Jubiabá como um negro velho, com pernas tortas, de corpo curvo e seco que anda apoiado num bastão bem devagarzinho, benzendo os negros com seus ramos de folhas.

Jubiabá não gostava de ser chamado de macumbeiro ou candomblezeiro: preferia ser chamado de espírita, pois sua fama como Pai-de-Santo já tinha lhe rendido algumas prisões e a apreensão de alguns objetos rituais. Jubiabá tinha raiva de Jorge Amado pelo fato de o escritor ter utilizado seu nome para dar título ao seu novo romance e de tê-lo descrito como um velho candomblezeiro de pernas tortas, o que para ele foi detestável. Dias depois o escritor se retrata nos jornais dizendo que não se inspirou no Jubiabá Pai-de-Santo para dar título ao seu livro.

Em todas as suas entrevistas, Jubiabá fazia questão de deixar bem claro que não era feiticeiro e que tocava algumas vezes para agradar aos Caboclos e em seguida convidava as pessoas para entrarem e conhecerem sua casa para terem certeza de não existir nenhum objeto de culto utilizado no Candomblé.

A Origem do nome JUBIABÁ - Conta na reportagem o próprio Severiano Manoel de Abreu que Jubiabá é o nome do seu obsessor e começa a descrever como começou sua vida espiritual: *"– Há trinta e seis anos, ainda rapaz, fui procurado por um parente de um rapaz chamado Sydronio para fazer uma consulta numa sessão espírita na Cidade*

de Palha em beneficio de sua saúde. Até então eu não acreditava nestas coisas, mas fui. Manifestou-se então um espírito mau e atrasado. Este espírito declarou que do corpo do homem só sairia daí a 15 dias no cemitério.Quinze dias depois o homem morria. Esse fato me decidiu a acreditar nos espíritos. Reforçada a minha fé, tornei-me médium – o 1º espírito obsessor. Passei a freqüentar daí em diante a sessão, com bastante fé me tornei médium sem saber. Nesta sessão manifestou-se em mim um espírito que leva o nome de Cândido Ribeiro".

Perguntado pelos jornalistas o que teria sido em vida o espírito de Cândido Ribeiro, respondeu "Jubiabá" que nunca o investigara.

Médium influente e curador – sua capacidade psíquica, contudo, foi-se elevando gradativamente. Na zona das docas do Wilson, nos coqueiros do Pilar, existia naquele tempo uma sessão espírita nomeada, na residência do Dr. Valério, presidida pelo Professor Firmo. De uma feita surgiu um rapaz chamado João Miranda para tratar-se. Foi entregue aos cuidados de Severiano.

Surge Jubiabá – O espírito de um Caboclo baixou sobre um dos médiuns. Era o assistente Severiano. Caído em transe, manifestou-se, então, o espírito que declarou chamar-se Jubiabá. Começou a cura do então paciente João Miranda que já apresentava consideráveis melhoras quando sobreveio um acidente.

Uma briga entre espíritos leva Jubiabá a abrir seu próprio Centro Religioso - no decorrer da cura de João Miranda, por intermédio de Severiano, manifestou-se num filho da casa, de nome Nelson, um atrasado que deu o nome de "Rei de Minas".

Esse entrou logo a demolir a influência de Jubiabá, qualificando-o de impostor e perturbado. Houve, por isso, desinteligência no ambiente astral e o espírito de Jubiabá, melindrado com seu irmão mediúnico, abandonou a cura do doente, que veio a falecer vítima da vaidade dos espíritos.

Firmado o seu conceito, Severiano ou "Jubiabá" passou a trabalhar por conta própria em sua casa, abrindo uma sessão na Rua Nova do Queimado, a seguir Caixa D'Água nº 10 e depois no Morro da Cruz do Cosme 205, hoje Avenida Saldanha Marinho, surgindo aí o "Centro Espírita Paz, Esperança e Caridade", na foto abaixo.

Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia.

Com o intuito de esquivar-se da imprensa e da polícia, Jubiabá comunica sua aposentadoria como Pai-de-Santo e reforça sua imagem de médium, ao mesmo tempo em que nega a cura com auxílio de medicamentos e a realização de festas de atabaques, ou seja, nega tudo aquilo considerado contravenção naqueles anos terríveis de repressão aos terreiros. A afirmação de Jubiabá em relação à cura com remédios tem o intuito de defendê-lo de uma acusação comum da polícia e da imprensa contra Pais e Mães-de-Santo - o da prática ilegal da medicina.

Apesar de ser um período de forte repressão policial aos terreiros de Candomblé, muitos policiais freqüentavam-nos e às vezes se confirmavam em terreiros ou, ao contrário, muitos adeptos do Candomblé se tornavam policiais a fim de defenderem seus terreiros, avisando aos Pais e Mães-de-Santo das possíveis investidas contra o terreiro.

O fim da amizade de Jubiabá com o ex-subdelegado Antonio Coelho deu margem a uma série de batidas policiais e apreensão de diversos objetos de culto, e numa delas foi levada uma cadeira de onde Jubiabá comandava sua sessão, a qual se encontra hoje no acervo do Museu do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia e se constitui em uma das poucas entre muitas peças apreendidas durante a repressão policial aos Candomblés da Bahia, junto a um par de máscaras da Sociedade das Gueledés e outras peças mais comuns. Até hoje não foi identificado o paradeiro dessas peças que teriam sido descartadas durante a reforma da instituição em 1992.

Muito embora o jornalista (ainda na mesma reportagem) utilize, por vezes, uma linguagem em tom irônico ou jocoso, a entrevista com "JUBIABÁ" representa um marco na imprensa local. Pela primeira vez, uma reportagem sobre cultura africana é publicada fora das páginas policiais, anunciada previamente, com chamadas na capa da edição e diagramada com destaque gráfico em página inteira. Acompanhando o texto, cinco fotos foram publicadas. Ao centro, a maior delas, um retrato de Jubiabá sentado em sua famosa cadeira com a legenda "Severiano Manoel de Abreu (Jubiabá) capitão do exército de 2ª linha e curador espírita, posando para o Estado da Bahia para mostrar-se como ele verdadeiramente é. Acima e à esquerda vê-se uma imagem de santo com a legenda "S. Thomé, o guia da sessão espírita de Jubiabá fotografado na capela grande da casa da Cruz do Cosme e ante a qual anualmente se prosternam centenas de crentes." Acima e à direita, a foto mostra "A capela de Santo Antonio, na sala principal do palacete de Jubiabá". Abaixo outras duas fotografias. À esquerda "A Casa de Jubiabá onde funciona o Centro Espírita Paz, Fé, Esperança e Caridade. À direita "O altar de S. Thomé, objeto especial de devoção de Jubiabá."

De incredulo a medium e curador — Cruz do

Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia.

Sem a pretensão de defender a liberdade religiosa, depois de já ter sido preso, Jubiabá prefere se valer da influência junto a políticos e pessoas da alta sociedade. Também por conveniência, chamava sua casa de culto de Centro Espírita, assim como fizeram outros

Pais-de-Santo da sua época, já que os terreiros de Candomblé eram noticiados como "templos de bruxaria" ou "antros de feitiçaria". Como se sabe, a casa de culto de Severiano Manoel de Abreu expressava sua crença através de uma forma abrasileirada dos Candomblés que unia espiritismo Kardecista a elementos da espiritualidade indígena e a outros de origem africana, reproduzindo aquilo que hoje é reconhecido com o Candomblé de Caboclo.

Não obstante, ao revelar publicamente sua influência política e sua representatividade como líder religioso que reúne centenas de fiéis em torno de si, a entrevista com Jubiabá anuncia a chegada de um novo momento para a legitimação das religiões afro-descendentes. Foi o momento em que aquilo que era considerado como "coisa de ignorante e primitiva" passa a atrair a curiosidade intelectual, despertar o interesse de pessoas influentes, além de reunir mais e mais devotos.

Através dessas descobertas podemos imaginar o grande sofrimento do povo-de-santo na Bahia para se manter dentro de sua fé e religiosidade com a obrigação de manter viva a tradição trazida de sua terra natal.

Visualizar esses saberes dos terreiros, com suas versões menos estereotipadas e desprovidas de qualquer preconceito é de extrema importância para que os nossos jovens estudantes possam abrir seus horizontes e possam enxergar culturas diferentes das que eles praticam como uma fonte de novos conhecimentos e não de obscurantismo sobre outras culturas.

Vê-se que as manifestações religiosas de matrizes africanas foram violentamente rechaçadas com o único objetivo de descaracterizar os saberes deste povo que graças às forças da natureza conseguiu transpor a barreira da crueldade humana e nos deixou um legado maravilhoso guardado a sete chaves dentro dos muros dos Candomblés no Brasil e que agora estamos conseguindo preservar para as futuras gerações.

O processo de invisibilidade da cultura banto está diretamente ligado ao processo de negação das suas próprias tradições que eram repudiadas pela sociedade da época como uma forma de se manter vivo, pois não era possível enfrentar de igual para igual nossos dominadores. Por conta dessa falsa idéia de aceitação de outros valores culturais, muitos estudiosos desprezaram totalmente a cultura banto, inclusive taxando-a de inferior às

outras culturas africanas e agora podemos ver com clareza que eles estavam enganados e que existe hoje um grande movimento de valorização das culturas dos povos banto que no Brasil deram origem aos Candomblés Congo/Angola. Acredito que o capitão Severiano Manoel de Abreu, JUBIABÁ, foi um exemplo de luta e determinação para poder manter seu culto ao Nkisi resguardado na forma de centro espírita, muitas vezes necessitando do apoio de políticos e pessoas influentes da sociedade para ajudá-lo a manter seu aprendizado ancestral.

Poder ensinar essa experiência nas escolas para o nosso povo será de grande importância para todos nós e principalmente poder dar visibilidade à grande contribuição deixada para o povo brasileiro a partir da vivência deste grande homem que não só soube preservar a cultura ancestral africana, mas enveredou pelos caminhos dos ensinamentos espíritas e, ainda por cima, criou formas de poder conviver com as adversidades de maneira eficaz e definitiva, pois até os dias de hoje ainda se fala da sua obra, dos seus méritos e da sua grande luminosidade para captar, mesmo que discretamente, a iniciação de pessoas tão significativas para o Candomblé brasileiro.

3.3.2 – JOÃO ALVES TORRES FILHO (JOÃOZINHO DA GOMÉIA)

*** 27/03/1914 + 19/03/1971**

Joãozinho da Goméia, Tatá dya Nkisi Londirá, nasceu João Alves Torres Filho no município baiano de Inhambupe no ano de 1914 e, desde cedo, demonstrou uma personalidade forte e guerreira de quem sabe o que quer, sendo que aos 10 anos de idade veio para Salvador instalando-se na residência de sua madrinha na Liberdade e logo começou a trabalhar num armazém de secos e molhados.

Ele sentia fortes dores de cabeça e tinha uma visão de um homem cheio de penas que o perseguia diariamente e que lhe causava muito medo. Como na sua cidade natal não tinha terreiros de Candomblé, foi sua madrinha (que era iniciada de Bambulusema) que o acolheu em sua casa, sendo a responsável por levá-lo ao terreiro de seu Pai-de-Santo com o objetivo de tratar da espiritualidade do seu afilhado. Dessa forma, e com a ajuda de sua madrinha, Joãozinho se iniciou no Terreiro de Severiano Manoel de Abreu, Pai-de-Santo muito famoso na sua época e mais conhecido como "JUBIABÁ", em 21 de dezembro de 1931.

Segundo palavras do próprio Joãozinho da Goméia, com a morte de sua madrinha ele teve que assumir o Candomblé como Pai-de-Santo, tornando-se o mais jovem sacerdote com apenas 15 anos de idade, como podemos verificar na entrevista que segue abaixo na qual Joãozinho da Goméia fala numa entrevista para Edison Carneiro no Jornal *O Estado da Bahia* no dia 07 de Agosto de 1936, quando era conhecido ainda como João da Pedra Preta:

> *Jornalista: - Pode nos dizer como se tornou pai-de-santo?*
>
> *Joãozinho: - Eu nunca pensei nessas coisas. Acredite. Sou filho de Inhambupe, lá não tem Candomblé ... Veja. Eu estava empregado num armazém na Calçada. Tinha 15 anos. Aí eu tive uma dor de cabeça tão forte que alguns dias depois me saíam bichos pelo nariz. Sabe onde eu fui me curar? Numa casa de Candomblé. Já tinha experimentado quase tudo quanto foi remédio. No Candomblé foi que eu soube que estava sendo perseguido pelo meu santo. A mãe-de-santo de lá era minha madrinha feita de Iansã. Ela me obrigou a fazer o santo. Aconteceu que pouco depois ela morreu e eu tive que substituí-la na chefia do Candomblé. Sabe por quê? Fui forçado pelo meu santo.*

Sua madrinha era filha-de-santo de Jubiabá e foi ela quem ajudou na iniciação de Joãozinho, apesar de existir alguma polêmica sobre esta versão da iniciação dele.

Continuando a entrevista, todos sabiam da dificuldade em assumir a condição de Pai-de-Santo naquela época, ainda mais que era da tradição Angola/Congo numa cidade onde prevalecia a cultura Jeje/Nagô e ainda por cima ele cultuava os Caboclos, o que para as Mães-de-Santo mais antigas era incompatível com a tradição africana.

Jornalista: - Quantos anos tem de pai-de-santo?

Joãozinho: Sete. Estou agora com 22 anos, logo sou pai-de-santo desde os 15. Forçado. Se não fizesse isso, talvez endoidecesse. O meu santo não me permite fazer o que ele não quer. Por exemplo, apesar da vontade que tenho, ainda não pude ir ao Rio de Janeiro...

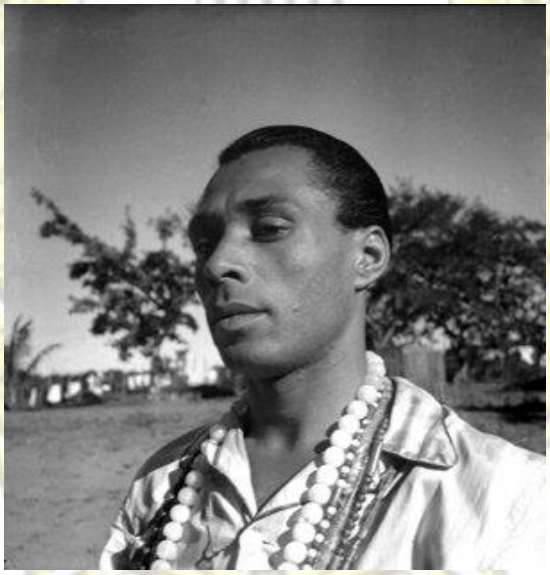


Foto: Joãozinho da Goméia de São Caetano Salvador/BA.

Acompanhante do Jornalista: - Ele não deixa? Puxa! Santo exigente!

Joãozinho: - Isso mesmo. O meu santo é Oxossi, o deus da caça, o São Jorge do Catolicismo. Agora a minha nação é Angola.

Jornalista: - Soubemos de sua adesão ao 2º Congresso Afro-Brasileiro – pode nos dizer alguma coisa sobre ele?

Joãozinho: - Acho que o Congresso dará bom resultado, e ainda mais se contar com o apoio de outros pais-de-santo da Bahia. Por mim, farei o que puder pelo Congresso. Já prometi ao Edison Carneiro, encarregado do Congresso, dar uma festa aqui para os intelectuais, mandar alguns orixás e alguns instrumentos para a exposição, aparecer nas sessões e levar gente para assistir aos trabalhos. Já é coisa, hein? Tenho por exemplo uma imagem de Anamburuku muito velha. Esta vai para o Congresso.

É interessante observar a grandeza de Joãozinho da Goméia em trabalhar pelo 2º Congresso, organizado por Edison Carneiro, justamente aquele que mais desfez da cultura banto em seus trabalhos, inclusive rotulando o povo banto de inferior.

A participação de Joãozinho da Goméia no 2º Congresso Afro-Brasileiro de 1936 foi um sucesso, inclusive com uma estrondosa apresentação na Rádio Comercial no dia 15 de dezembro de 1936, organizada por Edison Carneiro para promover o 2º Congresso, com a participação de Joãozinho da Goméia, Filhos e Filhas-de-Santo. O evento foi manchete do Jornal *O Estado da Bahia* de 12 de dezembro de 1936 (três dias antes), com o título "Uma noite africana na Rádio Comercial" e com o subtítulo "O pai-de-santo João da Pedra Preta, com sua orquestra de negros, executará musicas religiosas dos Candomblés". Na oportunidade Edison Carneiro falaria sobre o 2º Congresso Afro-Brasileiro que aconteceria aqui discutindo suas propostas. A nota foi redigida assim:

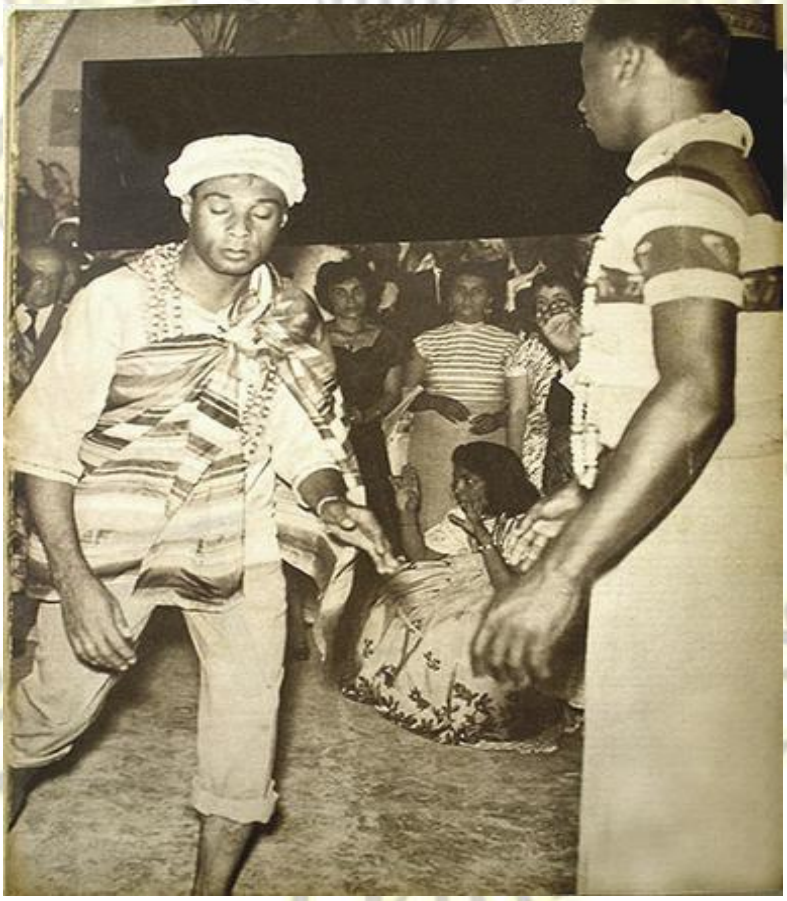
> *"No próximo dia 15, terça-feira, a Rádio Comercial oferecerá aos seus fãs um número sensacional. Em colaboração com a comissão do 2º Congresso Afro-Brasileiro e com o Estado da Bahia a Rádio Comercial vai organizar um programa tipicamente africano regional.*
>
> *O pai-de-santo João da Pedra Preta levará ao estúdio daquela rádio difusora uma legítima orquestra negra constituída por atabaques, agogô, cabaças, a cargo dos mais exímios tocadores de Candomblé da Goméia.*
>
> *As filhas-de-santo que o acompanharão, farão coro a belos cânticos religiosos nagôs, bantos e caboclos. Antes da audição de canto e música dos aderentes do Candomblé da Goméia deverá falar, sobre as finalidades do 2º Congresso Afro-*

Brasileiro da Bahia, o escritor Edison Carneiro, da comissão encarregada do mesmo.

Assim a noite africana da Rádio Comercial está fadada a um sucesso sem precedentes na história das nossas broadcastings."

Mais uma vez Joãozinho da Goméia inova e parte para o estúdio de rádio levando a nossa cultura para um número cada vez maior de pessoas e sofrendo críticas das Mães-de-Santo que se achavam a chave da tradição africana no Brasil, porém nada disso para Joãozinho era empecilho e mais uma vez brilhou a estrela da Goméia.

No dia 17 de dezembro de 1936 (dois dias após a apresentação) foi publicada uma matéria no jornal *O Estado da Bahia* com o título "A noite africana da Rádio Comercial da Bahia", com o subtítulo "O sucesso inigualável alcançado pelos cânticos religiosos do pai-de-santo João da Pedra Preta."



"Dançar para ele é como se fosse uma religião" (Paulo Siqueira)

A nota foi redigida desta forma:

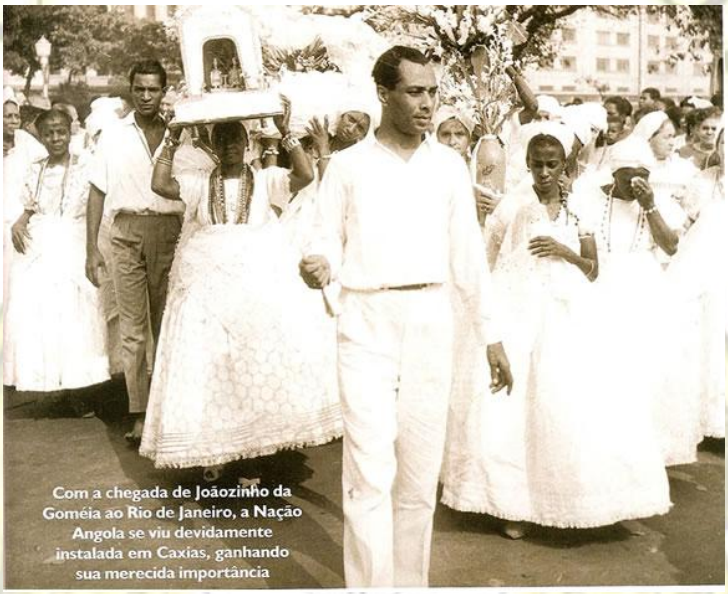
> *"Em colaboração com o Estado da Bahia e com a comissão do Congresso Afro-Brasileiro da Bahia, a Rádio Comercial proporcionou aos rádio-ouvintes da cidade a audição de músicas e cânticos dos Candomblés afro-baianos.*
>
> *O pai-de-santo João da Pedra Preta, chefe do Candomblé da Goméia, na Estrada da Rodagem Bahia-Feira, levou para o estúdio da emissora a sua orquestra de negros, dando início às 21 horas, à audição de cânticos religiosos africanos ou de origem africana da Bahia.*
>
> *João da Pedra Preta cantou, anteontem, o despacho de Exu e várias canções de Ogum, de Oxossi, Xangô, Oxalá, Omolu, Oxumare e de Iansã, todas em Ketu, língua Norte Africana, e canções de Oxossi, de Nana, de Oxum, de Tempo, de Katendê, de Iansã, em Kimbundu, língua de Angola. Os negros do Candomblé da Goméia, sob a direção de João da Pedra Preta, cantaram ainda canções na língua dos caboclos do Brasil.*
>
> *Por motivo de força maior, deixou de falar sobre as finalidades do 2º Congresso Afro-brasileiro da Bahia o escritor Edison Carneiro, da comissão encarregada do Congresso na Bahia.*
>
> *Cercado e apoiado pelas suas filhas-de-santo, o chefe do Candomblé da Goméia executou números interessantíssimos, ouvidos com entusiasmo, tanto pelos rádio-ouvintes nas suas casas particulares, como pelos populares que se aglomeravam à porta de bares e dos cafés da cidade para escutar o velho lamento africano dos Candomblés."*

A comoção foi tão grande para aqueles que participavam do evento e para aqueles que ouviam que, como está escrito na matéria, o representante da comissão do Congresso não pôde nem falar.

Apesar de toda essa contribuição ao povo brasileiro e especificamente ao povo baiano, Joãozinho continuava a ser ignorado pelas autoridades religiosas locais, exceto por D. Maria Escolástica da Conceição Nazareth (Menininha do Gantois), sacerdotisa do Axé Ilê Ya Massê – Terreiro do Gantois, por quem ele tinha um grande afeto e respeito e

onde futuramente ela faria as obrigações rituais de Seu João da Goméia, por motivo de desaparecimento de Severiano Manoel de Abreu – JUBIABÁ.

Em 1946, Joãozinho muda-se definitivamente para o Rio de Janeiro, com 32 anos de idade e funda a Goméia do Rio num bairro da Baixada Fluminense chamado Copacabana, no Município de Duque de Caxias.



Com a chegada de Joãozinho da Goméia ao Rio de Janeiro, a Nação Angola se viu devidamente instalada em Caxias, ganhando sua merecida importância

Daí por diante foram crescimento e sucesso entre a sociedade que o apoiava, inclusive com toda a mídia sempre a seu favor, junto ao reconhecimento e respeito de todos. Sem dúvida Joãozinho da Goméia foi a expressão máxima do Candomblé, revelando a beleza dos rituais banto para todo o mundo. Sua casa sempre foi muito bem freqüentada por artistas, políticos e até mesmo pelos presidentes Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek de Oliveira, cuja sogra era filha-de-santo de Joãozinho. Ele chegou a receber da Rainha Elizabeth da Inglaterra o título de Rei do Candomblé pela imensa contribuição dada por ele à comunidade onde ele se integrou até a morte.

Joãozinho da Goméia faleceu em São Paulo no Hospital das Clínicas onde estava se submetendo a uma cirurgia para a retirada de um tumor na cabeça, no dia 19 de março de 1971 e sua morte provocou uma enorme comoção no Terreiro da Goméia no Rio de Janeiro, na Bahia, no Brasil e em alguns países onde ele tinha filhos-de-santo.

Velório em Duque de Caxias
19/03/1971

Muito embora a dor da separação física seja muito penosa para todos nós que ficamos dando continuidade a nossa vida terrena, existem almas que são imortais e que conseguem a façanha de viver naqueles que o amam e que sabem que o que aconteceu foi apenas um processo de transformação e não o fim em si. João Alves Torres Filho, Joãozinho da Goméia, João da Pedra Preta, Seu João, ou seja, quantas mais adjetivações se utilizem para se referir a este ser iluminado que acredito tenha vindo predestinado para romper com diversas hipocrisias religiosas, principalmente no Candomblé que, pela sua própria história de dor e resistência, tem como diretriz o acolhimento do ser humano indistintamente, o não julgar, pois todo o sofrimento vivido e sentido por nossos ancestrais passou pelo julgamento, o sentimento de pertencimento que sempre deve ser reforçado. Assim, ele ajudou a que nossos descendentes possam ter uma identidade forte e que possam se sentir seguros com o patriotismo em sua alma, pois antes de termos qualquer descendência estrangeira somos, sim, **BRASILEIROS** até o último fio de cabelo e isto **Joãozinho da Goméia** deixou para seus descendentes, este amor imenso pelo Brasil, terra em que viveu, fez história e vive até os dias de hoje em nosso imaginário.

Terreiro da Goméia em São Caetano – Salvador/BA.

Salvador - Bahia - Brasil

CAPÍTULO 4
TERREIRO MOKAMBO
NZO NGUZO ZA NKISI NDANDALUNDA YE KITEMBO
(Casa da Força Espiritual das Divindades Ndandalunda e Kitembo)

O terreiro de Candomblé é o local de resistência onde nossos ancestrais iniciaram manter e transmitir sua religiosidade e cultura herdadas de seus antepassados ainda em território africano, e recriado ou reinventado em solo brasileiro.

Ao serem retirados abruptamente de seu continente de origem e trazidos para serem escravizados no novo mundo, surge a necessidade da criação de um espaço onde seria possível que se reportassem à África mítica e pudessem, através da convivência diária, manter e fortalecer sua identidade.

As diversas etnias que aqui se estabeleceram tiveram que se adaptar à nova realidade, aperfeiçoando suas práticas rituais tradicionais no Brasil. Daí se conclui que a reivindicação de "pureza" étnica dos rituais africanos no Brasil nunca pôde ser obtida, passando então seus seguidores a reinventar suas práticas religiosas e culturais criando a

base de matriz africana de onde foi constituído o Candomblé, uma manifestação de origem africana, porém genuinamente brasileira.

Em virtude de ter sido trazido primeiro e num contingente de indivíduos muito grande, os povos banto, originários de diversas tribos, se adaptaram rapidamente ao Brasil e aos seus nativos. A palavra Candomblé vem de "Kandombele<kulombela<lomba", de origem banto e significa orar, rezar, invocar, pedir intercessão dos Deuses e local onde se realiza os cultos (Yeda Pessoa de Castro, 2001). Nos dias de hoje a palavra Candomblé é utilizada para denominar os locais onde são realizados os cultos às divindades africanas de todas as etnias e para designar essa religião de matriz africana.

O Terreiro Mokambo, como tantos terreiros no Brasil, nasce com o objetivo principal de manter as tradições (religiosas e culturais) banto e transmiti-las, visando no futuro à continuidade destas tradições através da formação de agentes multiplicadores da mesma.

4.1 – A pedagogia dos terreiros

Por tratar-se de uma cultura oral, precisamos aprender, respeitar e praticar as formas de transmissão de conhecimentos desenvolvidas no terreiro de Candomblé. Devemos manter um aprendizado constante e eficaz como uma compensação pela falta da escrita levando o povo-de-santo a desenvolver outros sentidos que são vitais para o Candomblé.

A convivência entre os adeptos do Candomblé está baseada na hierarquia e no código de ética, implícitos nas próprias relações cotidianas, reforçando o aprendizado e ajudando a manter sua tradição.

O Candomblé privilegia o respeito aos mais velhos. Quanto mais velho um membro da comunidade mais respeitado ele se torna, inclusive recebendo cargos que ratificam sua autoridade e mantêm o respeito dos demais integrantes do grupo a que pertence e em outros grupos que preservem uma relação de amizade ou religiosa.

Para o Candomblé as pessoas mais idosas são portadores de mais experiência de vida, logo de mais conhecimentos que possam socializar com o grupo. É muito comum se

ouvir nas tribos africanas, quando perdem um membro mais velho da comunidade, que se perdeu uma biblioteca. Para a comunidade perdeu-se uma fonte de saber.

Além do aprendizado pelo exemplo, como falaremos a seguir, temos também a transmissão de saberes específicos que são importantes para a manutenção da tradição, como a língua, a musicalidade, as formas rituais, entre outras.

4.1.1 – Transmissão de saberes através do exemplo

Na hierarquia existente no Candomblé, a figura principal é o Sacerdote (isa), Zelador (a) ou, como se conhece popularmente, Pai ou Mãe-de-Santo. Sendo assim, as regras existentes para manter um bom relacionamento entre os membros de uma comunidade de terreiro são as seguintes:

- todos devem tomar a bênção ao sacerdote de joelhos;
- não se fuma ou bebe na presença do sacerdote;
- após receber do sacerdote algum conselho ou orientação, deve-se tomar a bênção em agradecimento;
- não se senta na mesma altura que o sacerdote;
- quando o sacerdote estiver conversando com alguém, não se pode aproximar ou interromper a conversa, caso seja muito necessário pede-se “banagira” (licença) e a resposta do sacerdote é “giraê” e fala-se o necessário, se afastando em seguida;
- são vedadas as relações sexuais entre membros do mesmo grupo, sob pena da prática de incesto, o que caracteriza uma ofensa grave às energias daquela comunidade trazendo o desequilíbrio;
- o sacerdote sempre é servido em primeiro lugar quando das refeições, seguido dos mais velhos até os mais novos;
- tudo que chegar ao Candomblé, presentes, alimentos ou qualquer outro tipo de ofertas, deverá passar primeiramente pelo sacerdote.

Esses são alguns dos itens importantes que são compartilhados numa comunidade de terreiro para que as relações sejam mantidas em paz e equilíbrio. Como o aprendizado acontece pelo exemplo, é necessário que o sacerdote seguido pelos mais velhos da comunidade viva esta hierarquia de forma que sirva de exemplo para os mais novos. A

orientação é fortalecer e privilegiar as relações religiosas numa comunidade de terreiro acima de quaisquer outras relações que porventura possam acontecer.

4.1.2 – Transmissão de saberes através dos rituais

4.1.2.1 - A iniciação

O processo de iniciação no Candomblé exige uma série de renúncias e sacrifícios. Para receber os sacramentos religiosos previstos numa iniciação, é necessário que o indivíduo fique recolhido durante pelo menos por 21 (vinte e um) dias num quarto preparado especialmente para este fim, conhecido como "roncó" ou "bakisse". Durante esse período de recolhimento inicia-se o processo de aprendizado das tradições que aquela casa representa. Todas as atividades nesse período de recolhimento são realizadas através de rezas musicadas. Reza-se para dar início ao dia, para acender a luz, para ir tomar o banho (maionga), antes das refeições, tudo isto na língua falada naquela comunidade, inclusive reforçando o aprendizado do vocabulário.

Nesse período também se confecciona todo o material utilizado, como contas (guias nas cores do Nkisi), objetos de palha da costa necessários nos rituais de iniciação, roupas e outras coisas indispensáveis.

Nesse período o indivíduo está mantendo uma relação mais íntima com as tradições representadas pela comunidade onde ele (a) está se iniciando. Dessa forma temos uma maneira singular de manter viva a língua, elemento de vital importância para a sobrevivência e longevidade das culturas.

4.1.2.2 – A musicalidade

Os tambores têm um significado mágico para os adeptos do Candomblé, pois é através deles que se pode entrar em contato com as divindades e trazê-las para propiciar o transe da divindade nos humanos. Os banto chamam os tambores de "ngomas" e sua forma de manuseio é com as mãos diretamente sem a necessidade de nenhum outro objeto que as auxilie. Os sons que são tirados dos ngomas funcionam como prece de chamada para as divindades e estes toques são entoados de acordo com a dança que também é uma forma de oração para as divindades. Assim sendo, temos toques como cabila, barra vento, congo de ouro, entre outros, que são dedicados ao chamado das

divindades. Assim, estamos mantendo, vivas e fortes, nossas tradições ritualísticas e culturais.

4.1.2.3 – As danças

As celebrações nas culturas africanas sempre são de alegria e amor à vida, logo, sempre vemos no Candomblé as atividades realizadas com muita música e dança. Na realidade o que o mundo ocidental chama de dança é uma forma de rezar com o corpo, isto é, cada divindade tem um movimento de corpo específico para si, acompanhado de um ritmo próprio também. Dessa forma, quando ouvimos uma determinada canção, acompanhada de ritmo e dança específicos, podemos identificar a qual divindade estão homenageando naquele momento.

4.1.2.4 - As cantigas

Outro fator de muita importância para a manutenção das tradições banto são as cantigas utilizadas religiosamente para chamar as divindades a entrar em transe nos adeptos do Candomblé. As cantigas são entoadas na língua mãe da tradição mantida pelas casas de Candomblé e podem ser em Quicongo, Quimbundo e Umbundu. Dentre as línguas faladas pelos povos banto, estas são as que foram mais preservadas nos terreiros de Candomblé, mantendo-se até os dias de hoje. A preservação da língua é um ponto forte em que se apóiam os adeptos do Candomblé para preservarem suas tradições e jamais perderem o vínculo sagrado com seus ancestrais. Dessa forma as peculiaridades inerentes a cada tribo africana e seu legado para os adeptos do Candomblé no Brasil são mantidas pelos sacerdotes e sacerdotisas, fortalecendo a sua cultura e mantendo viva a sua tradição ancestral, sendo a língua um fator preponderante para manter a identidade de cada grupo e a garantia de sobrevivência da tradição no futuro.

Como podemos ver os terreiros de Candomblé vão muito mais adiante do que se imagina.

Nossos ancestrais desenvolveram uma pedagogia própria, pois tinham uma tradição oral e precisavam de uma forma, um jeito para que sua cultura e religião permanecessem vivas e fortes para as gerações futuras, ou seja, precisavam ratificar os aprendizados para que o futuro fosse melhor e mais equilibrado.

O legado das culturas africanas para o povo brasileiro é muito grande na socialização dos saberes da forma como são mantidos nos terreiros, que ainda permanecem com uma cultura oral, muito embora nos dias de hoje exista mais espaço para discussão e entendimento das atividades e objetivos dos terreiros de Candomblé, uma vez que a contemporaneidade exige dos novos sacerdotes e sacerdotisas muito mais.

4.2 – Nasce o Terreiro Mokambo

O nome religioso do Terreiro Mokambo é Nzo Nguzo za Nkisi Dandalunda ye Kitembo e significa Casa da Força Espiritual das Divindades Dandalunda e Kitembo, localizado na Rua Heide Carneiro nº 89 – Vila Dois de Julho – Salvador/BA e tem como objetivo principal dar manutenção ao legado dos povos banto no Brasil.

O terreiro encontra-se localizado numa área remanescente da mata atlântica, e hoje faz parte de uma APA – Área de Proteção Ambiental do Município de Salvador conforme PDDU (Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano), o que nos favorece bastante em virtude das áreas verdes estarem desaparecendo de nossos mapas e o Candomblé necessitar de folhas para a execução de seus rituais. Essa área é parte integrante da periferia da cidade do Salvador onde prevalece um grande contingente de afro-descendentes, em sua maioria com baixo poder aquisitivo e com um nível de renda e de vida bastante precários.

Primeiramente foi necessária uma confirmação através do jogo de búzios sobre a autorização ou não do Nkisi Dandalunda, que é a divindade principal do Terreiro Mokambo, para a instalação do terreiro no terreno em questão, com a concordância do Nkisi. A outra etapa consistiu na preparação do terreno, com rituais próprios definidos através de séculos pelos nossos ancestrais e, finalmente, a instalação propriamente dita do terreiro.

O Terreiro Mokambo ocupa uma área de aproximadamente 1500 m. Em sua entrada existe um grande muro branco que a protege toda, com um portão que ostenta o símbolo do Nkisi Mutakalombô (arco e flecha) e de duas espadas (Nkisi Nkosi Mukumbi) visando a proteção da casa.

Terreiro Mokambo

Descendo a escadaria que possui aproximadamente 57 degraus até chegar ao Barracão do Candomblé, do lado esquerdo temos a casa dedicada ao Nkisi Mpoombo Nzila, protetor da casa, mensageiro, intermediário entre o mundo do Nkisi e o nosso mundo, o mais importante Nkisi do Panteão Africano Banto.

Esse Nkisi sempre é homenageado antes de qualquer outro, isto porque se trata do responsável pelo caminho e sem caminho não podemos andar.

Com o crescimento dos adeptos, surgiu a necessidade de construirmos outra casa destinada ao Nkisi Mpoombo Nzila, que fica situada em outra plataforma abaixo, próxima à casa dos Bakulos (antepassados) e da fábrica de velas que funciona nas dependências do terreiro, necessária para guardar os assentamentos pertencentes a outros filhos da casa.

Suzana Duarte

Nkisi: Mpoombo Nzila

Cor – vermelho e preto

Dia da semana – segunda-feira

Domínio – é alegria, as festas, o sexo, a bebida, o prazer, brincadeiras de um modo geral e seu lado negativo domina as brigas, os mal-entendidos, as desavenças.

Dentro do processo de sincretização (forma estratégica dos negros africanos que, para poder manter viva sua religião, atribuíam a um santo católico um Nkisi, Vodun ou Orixá, assim sendo, quando na casa grande se festejava Santa Bárbara, nas senzalas os Ngomas (tambores) reverenciavam ao Nkisi Bambulusema, quando reverenciavam São Jorge nas senzalas se celebrava Mutakalombô, e assim por diante), ele foi sincretizado com o DIABO CRISTÃO, pois tudo que é do seu domínio para a Igreja Católica é pecado, o que entendemos ter sido um grande engano haja visto que o Diabo é a personificação do mal para os cristãos e Mpoombo Nzila é um Nkisi do bem e da luz, inclusive detém também o domínio da comunicação entre os homens. O nome deste Nkisi com o passar dos anos teve sua grafia aportuguesada para Pombagira e tem confundido muitas pessoas em sua essência, pois segundo as tradições africanas

recebidas de nossos ancestrais o Nkisi Mpoombo Nzila é uma divindade (energia que representa um elementar da natureza e nunca viveu na terra) como qualquer outro Nkisi, inclusive tendo filhos diletos que são iniciados para ele, não cabendo a nenhum dos iniciados de outro Nkisi entrar em transe com Mpoombo Nzila, o que vemos muito hoje em dia e sabemos que existe uma grande distorção com relação às entidades (energia de quem já teve uma vida na terra) que deixaram este mundo de uma forma drástica e que são cultivadas como forma de espírito e entram em transe em pessoas de Umbanda em virtude desta manifestação religiosa não promover em seus seguidores um ritual de iniciação como ocorre com as etnias africanas que são preservadas através do Candomblé. Aqueles que possuem um processo iniciático de acordo com as tradições do Candomblé não devem entrar em transe com estas energias, pois a iniciação prevê uma proteção justamente contra estas energias que, sendo mal cuidadas, podem trazer um enorme malefício para as pessoas. A casa destinada a Mpoombo Nzila sempre fica na entrada dos terreiros porquanto uma das suas atribuições é tomar conta da entrada, livrando a casa de qualquer energia ruim que queira se estabelecer por ali. No Terreiro Mokambo essa casa é destinada a Mpoombo Nzila que trabalha para o Nkisi Dandalunda, que é a divindade do Sacerdote do terreiro e também dos Nkisi dos Tatas (homens) e Makotas (mulheres) iniciados (as) e que não entram em transe.

Terreiro Mokambo: Assentamento de Kitembo

Do lado direito de quem desce encontra-se a frondosa árvore conhecida como Gameleira Branca, destinada ao Nkisi Kitembo, Rei de Angola, que em nossos dias chamamos de Tempo. Essa poderosa divindade tem nessa árvore sua morada e nossos ancestrais a definiam assim: A parte aérea da árvore que compreende seus galhos e folhas significa o mundo dos vivos, o mundo que habitamos e onde vivemos e a parte subterrânea, que compreende as raízes, significa o mundo dos ancestrais, sendo de extrema importância para a nossa ligação com a ancestralidade. Esse Nkisi divide o domínio dos caminhos com Mpoombo Nzila e Nkosi Mukumbi.

Suzana Duarte

Nkisi: Kitembo (Tempo)
Cor – verde e branco
Dia da semana – terça-feira
Domínio – os caminhos, as mutações da terra (estações do ano).

Segundo algumas lendas, no topo dessa árvore deve ser colocada uma bandeira branca que determinará que ali funciona uma casa de tradição ancestral banto e serve também para orientar o Nkisi quando estiver vindo para entrar em transe em seus filhos nas

celebrações religiosas. Esse Nkisi é sincretizado com São Lourenço e sua celebração acontece no dia 10 de agosto e é composta do seguinte: primeiramente, depois da meia noite do dia 9 para o dia 10, retira-se a bandeira branca e o mastro, substituindo-os por novos e retiramos todos os tecidos que foram pendurados na árvore no ano anterior, juntamos os materiais necessários e construímos uma fogueira que será acesa durante a madrugada num ritual de purificação quando os ngomas (tambores) tocam forte para chamar o Nkisi Kitembo, bem como outros Nkisi, para que, através do ritual a ele dedicado, leve todas as mazelas que porventura estejam trazendo o desequilíbrio para a comunidade do terreiro e simpatizantes que tem fé neste Nkisi. Esse ritual leva praticamente toda a madrugada. Quando o dia está começando a amanhecer ocorrem então os sacrifícios dos animais em agradecimento às graças recebidas no ano anterior e pedindo abertura de caminhos para as novas atividades do ano que virá. Após o término das oferendas animais tem início um ritual de limpeza de corpo pela manhã do dia 10, bem cedinho, com milho branco, milho alho e madrasto branco que após serem passados no corpo da pessoa são pendurados nos galhos da Gameleira para que todas as suas impurezas, doenças e mazelas de qualquer sorte fiquem no pano que aí se coloca aos cuidados do Nkisi Kitembo. Acredita-se que durante o ano se cair um daqueles panos significa que os pedidos feitos durante a limpeza pela pessoa estão sendo atendidos. Esse Nkisi, por ser mais raro, ainda sofre diversas interpretações diferentes, porém o certo é que sem o culto a ele não existirá Candomblés Banto.

Terreiro Mokambo
Salvador - Bahia - Brasil

Suzana Duarte

Nkisi: Nkosi Mukumbi

Cor: azul-marinho

Dia da Semana: terça-feira

Domínio: os caminhos, as estradas, as viagens, a metalurgia, a informática e as novas tecnologias.

Ao lado da escada e por todos os assentamentos que existem na entrada do Terreiro Mokambo vêem-se muitas espécies de plantas nativas. Abaixo do Assentamento de Kitembo, entre dois enormes dendezeiros, vemos os assentamentos de Nkosi Mukumbi, o Nkisi que é o patrono da metalurgia e o senhor da guerra e que fica próximo a Mpoombo Nzila e Kitembo, formando assim uma poderosa tríade que protege o terreiro e seus filhos de todo o mal. Por fazer da floresta sua moradia (Mukumbi), esse Nkisi também é conhecido como o patrono da agricultura, pois através da metalurgia é que foram feitas as ferramentas que servem para preparar a terra e a seguir promover o plantio. Esse Nkisi tem como cor o azul-marinho, seu dia votivo é terça-feira e sua sincretização mais conhecida é com Santo Antonio, o santo mais popular da Igreja

Católica. Habitualmente nos Candomblés Angola/Congo, as celebrações a Nkosi Mukumbi acontecem no dia 13 de junho e na oportunidade é oferecida aos presentes uma suculenta feijoada, oferenda esta em agradecimento ao bom resultado nos campos, onde se espera abundância de alimentos, por isso também se oferecer para ele inhame assado com talas de folha de dendê, com mel por cima e milho vermelho também com mel. Essas comidas votivas são oferecidas em agradecimento a tudo que a terra nos proporciona de bom e servem também para acalmar a índole agressiva e guerreira desse Nkisi.

Terreiro Mokambo (Pena Dourada e Boiadeiro)

No patamar abaixo, encontramos as representações dos Caboclos Pena Dourada (Encantado que entra no Sacerdote da Casa) e de Boiadeiro (Encantado de Mirinha de Portão, mameto do Sacerdote da casa).

A relação entre a cultura africana e a cultura indígena se dá no século XVI quando teve início o trafico negreiro e com esta aproximação veio a troca de conhecimentos entre os dois povos, entretanto, apesar do relacionamento muito próximo e da troca de experiências, cada um ficou com sua tradição de origem, ou seja, os afro-descendentes cultuavam seus ancestrais, Nkisis e Encantados do seu modo ritual e os indígenas do seu modo ritual também.

Por conta disso, dentro dos Candomblés Angola/Congo, os Caboclos sempre tiveram uma acolhida especial e dentro da tradição do Terreiro Mokambo são considerados Encantados, isto é, seres que representam o encanto das matas sem, no entanto, nunca terem vivido uma vida terrena o que lhe propicia entrar em transe nas pessoas que possuem uma iniciação tradicionalmente africana. Já que para nós eles não são Vumbis (espírito de mortos) é possível perfeitamente o transe nas pessoas iniciadas sem causar nenhum malefício à pessoa ou a quem quer que se aproxime dos Caboclos.

Para nós o Caboclo não tem assentamento e sim uma representação que geralmente é um pote de barro com panos coloridos amarrados e o Caboclo Pena Dourada, além deste pote, tem como representação dele um pé de Pau Brasil, já que nós do Candomblé de Angola/Congo o respeitamos como primeiro ancestral, ou seja, o dono da terra, logo damos a eles uma reverência especial e mostramos a gratidão dos Nkisi, Voduns e Orixás, pelo acolhimento na nova terra e o reconhecimento que seus rituais são parecidos, pois ambos prestigiam os elementares da natureza. No Terreiro Mokambo, a data de fazermos a celebração aos Caboclos é no dia 2 de julho, data consagrada à comemoração da Independência da Bahia, porquanto na História oficial o Brasil se viu independente de Portugal em 7 de setembro de 1822, mas a luta se estendeu pelo interior do Brasil e na Bahia só foi declarada a Independência em 2 de Julho de 1823 e nesta luta houve uma grande participação dos índios que nesta data, até os dias de hoje, são aclamados na Bahia.

O Caboclo é patriota, ama a terra brasileira e não se cansa de cantar e de empunhar a bandeira nacional com muito orgulho. Nas celebrações tradicionais dedicadas aos Caboclos, a bebida oferecida aos mesmos é a JUREMA, bebida feita à base de raízes, mel e vinho e a comida que se serve ao povo que se vai prestigiar é muita fruta, comidas à base dos produtos da terra como verduras, legumes, peixes e carnes.

No mesmo pavimento onde estão representados os Caboclos do terreiro, foram construídas as instalações que abrigam o Sacerdote da casa, compostas de uma sala/cozinha, um quarto, um pequeno closet e o banheiro. Esse local é destinado ao descanso do Sacerdote da casa que ali encontra o sossego necessário para suas meditações e tranqüilidade necessária para escrever seus trabalhos sobre o Candomblé.

Em frente à sala existe uma pequena varandinha que dá de frente para o remanescente de mata atlântica que existe no local.

Chegando à primeira parte plana do terreiro, do seu lado direito encontra-se erguida a casa principal que é composta de um amplo salão onde são colocadas mesas para receber os convidados nas celebrações religiosas, um grande cômodo que serve como vestiário feminino, e um que abriga os equipamentos da cozinha. Outro cômodo tem a finalidade de dispensa onde são armazenados os alimentos, panelas e louças do terreiro; um sanitário para atender a parte de baixo e, saindo, encontramos a cozinha onde são feitas as comidas.

O andar de cima é composto de quatro quartos para visitantes, dois sanitários, um quarto para habitante da casa e uma área livre onde existem tanques para lavar roupas.

No pátio há um viveiro de periquitos, e ao lado da casa existe um corredor que deve conter aproximadamente uns 30 cágados, um grande pé de São Gonçalinho e um canteiro redondo com palmeiras ficam em frente à entrada do Barracão e da Casa de Dandalunda. Entrando no Barracão deparamos na parede com uma imagem de Dandalunda feita em mosaico e ao fundo outra imagem de Dandalunda feita em batique, sendo que este espaço é destinado às pessoas que vêm assistir as celebrações religiosas. Ao centro encontramos uma pedra diferente que contém elementos mágicos para equilibrar as energias do terreiro e, acima, encontramos outro ponto de energia que chamamos de cumeeira. Na frente dela temos um grande luminoso que tem escrito o nome da casa e que fica acima do local consagrado aos ngomas (tambores) que são três. As paredes laterais, à direita, contêm alguns vasos de barro pintados de dourado que são parte da decoração nos dias de celebração. Na parede esquerda tem um grande quadro de Dandalunda em óleo sobre tela e ao lado há uma pintura, também em óleo sobre tela, da Mameto dya Nkisi Altanira Maria Conceição Souza (Mãe Mirinha de Portão) e ao lado está a porta do quarto de Dandalunda. É nesse local que os noviços ficam para receber as obrigações pertinentes ao seu grau dentro da hierarquia do terreiro que poderá ser desde um simples Kibana Mutuê até à obrigação de 21 anos sob as bênçãos do Nkisi Dandalunda, cujo assentamento fica num quarto sobre uma fonte que existe neste local.

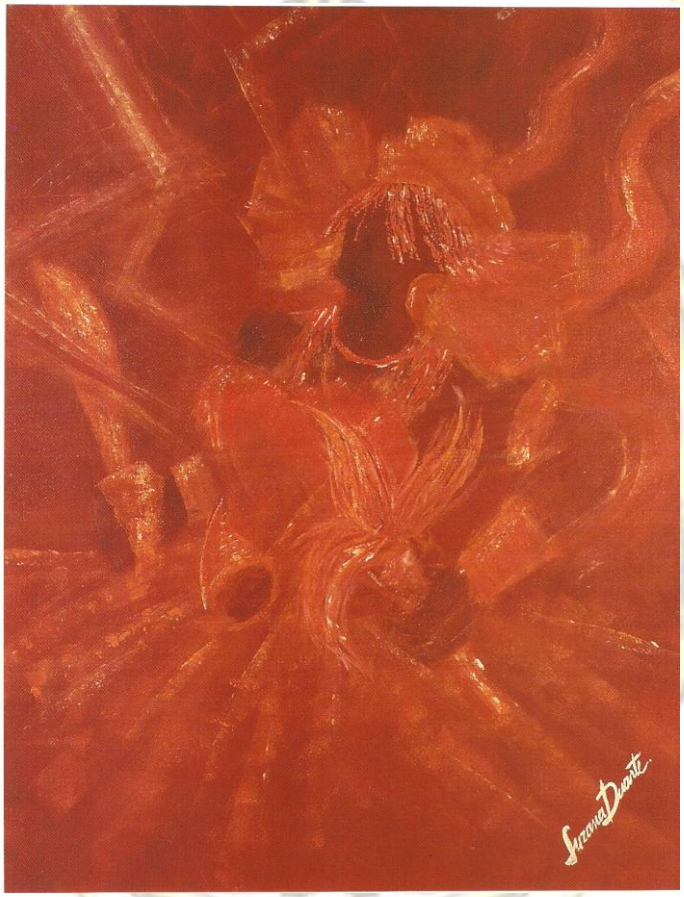
Saindo do Barracão encontramos à direita um pequeno lago coberto por plantas aquáticas conhecidas como erva de Santa Luzia e, no centro, há uma escultura de Dandalunda em frente à casa onde está seu assentamento.

FOTO DA ENTRADA DA CASA DE DANDALUNDA

Seguindo em frente, encontramos uma pia de aço inox com duas cubas que servem como suporte nas atividades da casa em geral e um armário debaixo da pia para guardar alguidar e louça. Ao lado existem dois sanitários, um masculino e um feminino para atender ao público, um vestiário masculino que serve para os adeptos da religião trocar a roupa em dias de festas, um Telecentro onde são desenvolvidos projetos de inclusão digital para adeptos do terreiro e para jovens da comunidade da Vila Dois de Julho, um quarto de costura onde são feitas as roupas utilizadas no Candomblé que chamamos de ração (roupa de trabalho) e as roupas do Nkisi nos dias de celebração e um quarto dedicado ao Jogo de Búzios, onde são efetuadas as consultas conduzidas pelo Sacerdote da Casa. Descendo a escada para um novo patamar, vamos encontrar um pátio grande que também serve para receber convidados nas celebrações e as instalações de uma pequena fábrica de velas que é utilizada para o desenvolvimento de projetos sociais com

jovens adolescentes da comunidade. A seguir encontramos outra casa dedicada ao Nkisi Mpoombo Nzila, guardando os assentamentos dos filhos da casa. Em frente há uma casa dedicada aos ancestrais onde são efetuados todos os rituais aos antepassados.

Descendo mais um degrau encontramos diversas casinhas colocadas uma ao lado da outra dedicadas a outros Nkisis como segue:



Suzana Duarte

Nkisi: Bambulusema.

Cor: vermelho.

Dia da semana: quarta-feira.

Domínio: divindade dos raios, dos ventos e tempestades, transita no meio dos vumbis (espíritos).

Terreiro Mokambo
Salvador - Bahia - Brasil

Suzana Duarte

Nkisi: Dandalunda.

Cor: amarelo-ouro.

Dia da semana: sábado.

Domínio: divindade das águas doces, da fertilidade, da fecundidade da terra e de toda parte líquida do corpo humano.

Terreiro Moçambo
Salvador - Bahia - Brasil

Suzana Duarte

Nkisi: Nzaze.

Cor: vermelho e branco.

Dia da semana: quarta-feira.

Domínio: divindade da justiça e do trovão.

Terreiro Mokambo
Salvador - Bahia - Brasil

Suzana Duarte

Nkisi: Mutalombô.

Cor: verde.

Dia da semana: quinta-feira.

Domínio: divindade da caça, tido como o provedor do Candomblé.

Terreiro Mokambo
Salvador - Bahia - Brasil

Suzana Duarte

Nkisi: Kavungo/ Nsumbo.

Cor: vermelho, preto e branco e preto e branco.

Dia da semana: segunda-feira.

Domínio: divindade que domina as pestes e doenças endêmicas, seu elemento é a terra.

Terreiro Mokambo
Salvador - Bahia - Brasil

Suzana Duarte

Nkisi: Kayala.

Cor: cristal, prateado e azul-claro.

Dia da semana: sábado.

Domínio: divindade das águas salgadas, favorece a maternidade e toma conta da cabeça dos seres humanos.

Terreiro Mokambo
Salvador - Bahia - Brasil

Suzana Duarte

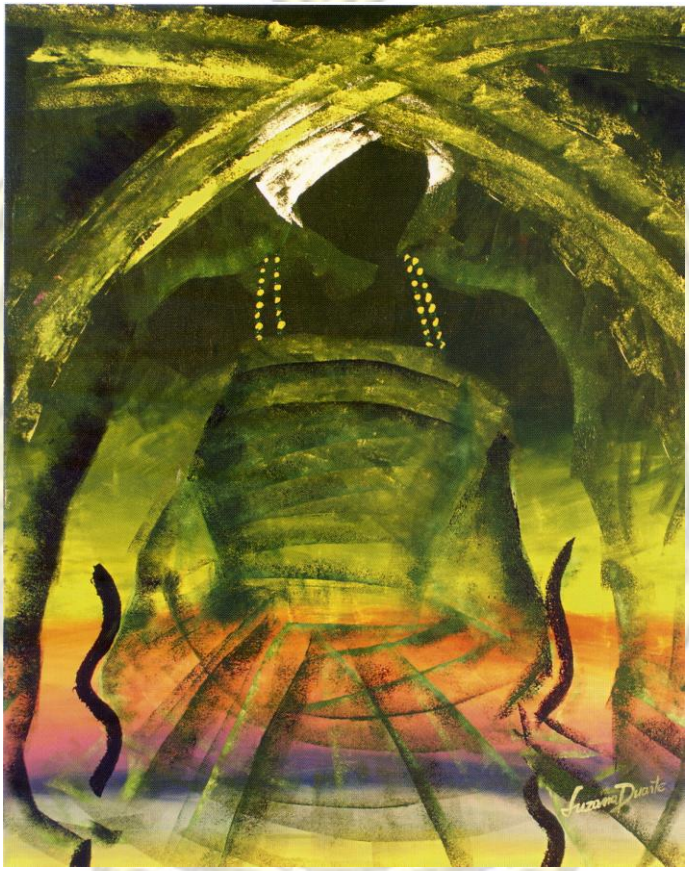
Nkisi: Mameto Zumbá.

Cor: lilás ou roxo.

Dia da semana: sábado.

Domínio: divindade das águas salobas, dos pântanos, seu elemento é a lama de onde surgiram os seres humanos, é a divindade mais velha do Panteão Africano.

Terreiro Mokambo
Salvador - Bahia - Brasil



Suzana Duarte

Nkisi: Angorô/Angoroméia.

Cor: verde e amarelo.

Dia da semana: terça-feira.

Domínio: a chuva que fecunda a terra, simboliza a prosperidade e a riqueza, seu símbolo é o arco-íres e a cobra.

Terreiro Mokambo
Salvador - Bahia - Brasil

Suzana Duarte

Nkisi: Lemba.

Cor: branco.

Dia da semana: sexta-feira.

Domínio: divindade da criação, considerada o criador do mundo, dos seres humanos e dos Nkisi. Possui duas versões: Lembarenganga na figura de um jovem e o mais velho, Lembafurama.

Terreiro Mokambo
Salvador - Bahia - Brasil

Suzana Duarte

Nkisi: Katendê.

Cor: verde, branco e vermelho.

Dia da semana: quinta-feira.

Domínio: divindade das folhas (nsaba) detém o conhecimento das folhas de todos os Nkisi e promove a saúde.

Terreiro Mokambo
Salvador - Bahia - Brasil

De um lado há uma espécie de capela em construção para abrigar as imagens dos santos católicos que normalmente são oferecidos ao Sacerdote da Casa e precisam de um lugar digno para serem visitados. Saindo, temos uma área plana plantada com palmeiras, alfazema, Tontice, abacate, fruta-pão, nativo, água de levante da graúda, bete cheirosa e akokô de diversos tamanhos. Nessa praça existe o assentamento de uma divindade banto que não incorpora em ninguém e se chama Ntoto.

Do outro lado, encontramos uma fonte dedicada a Dandalunda que necessita de cuidados para que não perca sua função e, acima, encontramos o assentamento de outra divindade chamada Katendê que detém os saberes das folhas tão necessárias para o desenvolvimento dos rituais do Candomblé.

Dessa forma conseguimos recriar uma África mítica, onde procuramos manter forte nossa tradição ritual e poder transmiti-la aos mais novos, visando sua perpetuação entre nós. Infelizmente existe uma má interpretação sobre manutenção de tradições, existem aqueles que dizem que uma tradição poderá ser reinventada, pois é uma manifestação humana de manter determinados ensinamentos de uma religião, logo, é passível de mudança. Já no meu ponto de vista, a tradição jamais poderá ser mudada, afinal ela é a razão de ser do nosso trabalho, o que pode mudar, e muda efetivamente, são as formas com que você lida com aquela tradição. Para exemplificar vamos citar o banho de amassi, que é um banho composto de folhas frescas, maceradas à mão, com rituais dedicados ao Nkisi Katendê que é o detentor do conhecimento sagrado das folhas, rezando para que ele sacralize aquelas folhas para fazer o efeito desejado em quem vai tomar o banho. Essa é a tradição que nunca será mudada, pois sempre foi e sempre será feita dessa forma, porém algumas pessoas entendem que contemporaneidade é você pegar todas essas folhas de uso ritual e colocar dentro do liquidificador e, pronto, está feito o amassi. É evidente que quem age dessa forma não teve conhecimento iniciático para saber que a diferença está justamente no contato com as mãos, a reza e os rituais próprios para poder tornar sagradas aquelas folhas.

Como podemos ver, a manutenção das tradições das matrizes africanas para que chegasse aos nossos dias só foi possível devido a muita luta e muita perspicácia do negro africano que precisou usar de diversos artifícios para poder manter seus valores vivos com o intuito de poder transmiti-los às novas gerações que certamente fariam da

mesma forma, visando a que seus conhecimentos perdurassem por muitos e muitos anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Poder falar sobre a cultura banto é, para mim, um fato muito relevante por tratar-se de um assunto muito pouco explorado e difundido. Dessa forma, sei que não só estou contribuindo para dar visibilidade à cultura banto, como também para fazer aflorar a inquietação da comunidade científica para uma visão mais positiva sobre esta tradição africana que contribuiu sensivelmente para a formação da identidade nacional.

À medida que a pesquisa foi se conduzindo por caminhos ainda pouco conhecidos pela sociedade acadêmica, foram aumentando o prazer e o contentamento de contribuir para uma revisão mais concreta e menos preconceituosa do legado banto para a sociedade brasileira.

Dentre os escritores que se debruçaram sobre o assunto, temos o trabalho pioneiro do médico Nina Rodrigues (1862 – 1906) cuja contribuição maior, a meu ver, foi a de despertar o instinto da pesquisa em alguns estudiosos da sua época que o seguiram, inclusive na falta de aprofundamento da cultura banto no Brasil, uma vez que todos citam esta presença em território nacional, sem no entanto se aprofundar na questão.

Manoel Querino (1851 – 1923), Artur Ramos (1903 – 1949), Roger Bastide (1898 – 1974), entre outros escritores da época, não se preocuparam no desenvolvimento de caminhos diferentes daqueles percorridos pelo Dr. Nina Rodrigues e acabaram não produzindo materiais para pesquisas futuras relacionadas à importância da cultura banto para o Brasil.

Primeiramente procuramos descrever em nossa pesquisa a origem do povo banto, de onde foram trazidos e quais os locais que ainda habitam em continente africano nos dias de hoje. Demos ênfase à cosmovisão banto em virtude da necessidade de dar visibilidade às bases em que está assentada toda a tradição banto mantida no Brasil através dos terreiros de Candomblé.

Dedicamos uma parte da nossa pesquisa às irmandades religiosas no Brasil Colônia, na qual pudemos observar que seus componentes fundadores, em sua maioria, eram de

origem banto, e também registramos um artigo da revista *Scientific American*, que fala sobre a etnomatemática, citando o continente africano como o berço da matemática há 20 mil anos, inclusive com provas encontradas entre o Congo e Uganda, o que precisamos como áreas de origem do povo banto. Isso, para comprovarmos a antiguidade das influências desses povos na história da humanidade.

Falar de uma época que todos querem esquecer, pois as feridas, mesmo que cicatrizadas, ainda nos reportam a uma época de dor, sofrimento e falta de liberdade, é a melhor forma de procurarmos demonstrar como foi distribuído o povo banto em território brasileiro, deixando suas marcas por onde passaram.

Como foram trazidos, possivelmente em grande maioria do continente africano para o Brasil, os povos banto logo procuraram se adaptar e manter uma boa relação com os indígenas que aqui encontraram como nativos do Brasil. Essa adaptação, no entanto, gerou uma equivocada interpretação por parte de alguns historiadores e de alguns membros da sociedade da época. A adaptação mais fácil, no entanto, tinha razões de ser, pois os negros banto trazidos ao Brasil Colônia já tinham um contato com os portugueses no próprio continente africano, o que facilitava bastante a adaptação dos mesmos e um fator preponderante nesta adaptação foi a língua portuguesa.

O conjunto de fatores que facilitaram a adaptação do povo banto em solo brasileiro foi traduzido como fraqueza, falta de cultura e falta de religiosidade o que, supostamente, teria levado o povo banto a buscar aportes culturais e religiosos em outras tradições africanas pertencentes a outras etnias como forma de se manterem vivos em solo brasileiro.

Hoje em dia, com as manifestações herdadas do povo banto surgindo em nossa vida a cada instante e através de trabalhos de pesquisa dos novos investigadores, como a Professora Doutora Yeda Pessoa de Castro (que muito tem contribuído para o entendimento das línguas banto no Brasil), o povo de origem banto está podendo ter visibilidade de tudo aquilo que foi preservado através dos terreiros de Candomblé, terreiros esses que sofrem, até os dias de hoje, um estigma negativo muito grande pela falta de conhecimento da população como um todo ou, até mesmo, pela intolerância de alguns devido ao fundamentalismo religioso.

O processo de invisibilidade das tradições banto entra em declínio a partir das evidências apontadas pela herança banto que está vindo à tona cada vez com mais força em nossa sociedade.

O legado banto para a formação do povo brasileiro foi muito significativo e hoje encontramos diversos traços da cultura banto em nosso dia-a-dia, seja no vocabulário da língua portuguesa falada no Brasil que sofreu uma forte influência banto e mantém mais de duas mil palavras que são utilizadas pelos brasileiros de forma constante, seja através de diversas manifestações culturais como a congada, a capoeira, o samba, e muitas outras que citamos em nossa pesquisa, seja na gastronomia, cujas receitas oriundas do continente africano ainda dão o tom na famosa e prestigiada cozinha baiana (à base de dendê), na manutenção das tradições religiosas representadas em solo brasileiro pela manifestação de raiz africana, porém genuinamente brasileira, o Candomblé, e, finalmente, a memória coletiva dos negros afro-descendentes que hoje podem se orgulhar do seu passado e de seus ancestrais como Zumbi dos Palmares, grande ícone da luta pela liberdade no Brasil.

Minha própria experiência de vida religiosa no Candomblé passa a ser de grande importância para o entendimento desta pesquisa, pois se trata de um processo em que o autor também é ator nas ações desenvolvidas no decorrer de todo o trabalho desenvolvido.

Ser descendente de povos banto, o que significa? Como podemos aplicar e transmitir, de forma benéfica, todos os saberes recebidos da nossa ancestralidade visando melhorar a qualidade de vida, a auto-estima, os valores éticos e religiosos de um povo, pensando na manutenção destas tradições no futuro? Podemos executar tal tarefa mostrando o entrosamento que existiu entre os povos africanos e os indígenas nativos do Brasil, as trocas de informações, os cultos africanos e ameríndios como base de um relacionamento respeitoso, porém de manutenção das tradições distintas, sem que um interfira no desenvolvimento do outro, e fazendo o papel de agente multiplicador das tradições banto recebidas religiosamente, visando sua manutenção para as gerações futuras.

Poder constatar que houve uma intensa distribuição dos povos banto no Brasil, levando conhecimentos específicos de técnicas agrícolas, de metalurgia, de sua cultura e religião

com muita riqueza, é sem dúvida uma oportunidade ímpar de dar visibilidade a saberes que foram ficando invisíveis aos olhos de nossa sociedade.

Com a criação do Terreiro Mokambo, criou-se também uma forma de manter vivo o legado banto, possibilitando a implantação de uma pedagogia muito específica desenvolvida nos terreiros de Candomblé, que é a de transmitir os saberes ancestrais através de exemplos pessoais, lendas, orientação pessoal e através dos rituais religiosos.

Este trabalho procura elevar o sentimento de aceitação por parte dos brasileiros de sua própria origem, orgulhando-se dela, melhorando sua auto-estima e seu sentido de pertença. O sistema de socialização que conhecemos e é divulgado pela própria escola privilegia idéias racistas e separatistas, valorizando sempre a idéia de raça pura, branca, catequizada pela igreja católica, como um modelo de superioridade étnica.

Nesta pesquisa procuramos dar uma contribuição trazendo à luz da sociedade em que vivemos os valores de uma formação étnica e cultural forte e diversificada, igualitária, que prioriza o ser humano enquanto pessoa e não pelos estereótipos físicos que possam vir a gerar qualquer forma de preconceito, seja religioso, de orientação sexual, de gênero ou qualquer outro.

Procuramos propiciar ao elemento negro africano, o conhecimento do valor real que desempenhou para a formação de uma identidade nacional brasileira, colorindo e alegrando esta mistura proporcionada pelo encontro com europeus e indígenas, de onde nasce efetivamente a essência do povo brasileiro.

A forma com que se aplica a pedagogia dos terreiros de Candomblé é, sem dúvida, um importante fator de mais pesquisas, ainda no sentido de ampliar o leque de conhecimentos sobre a cultura banto. Cria-se aqui uma possibilidade real de poder dar continuidade a esses estudos através do Doutorado, o que certamente trará mais conhecimentos e maiores possibilidades de ensinar ética, responsabilidade, humildade, honestidade e diversos saberes que estão ainda esperando para serem descobertos e socializados com todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O Trato dos Viventes. Formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII.* São Paulo: Cia das Letras. 2000.

ALMEIDA, Mara Zélia de. *Plantas Medicinais*. Salvador: EDUFBA. 2000.

BÂ, Hamadou Hampâtè. *Amkoullel, o menino fula*. Trad. VASCONCELLOS, Xina Smith de. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas. 2003.

BANDEIRA, Maria de Lourdes de. *Território Negro em Espaço Branco. Estudo antropológico de Vila Bela.* Brasília: Editora Brasiliense. 1988.

_____. *As Religiões Africanas no Brasil. Contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações.* Trad. CAPELATTO, Maria Eloisa e KRAHENBUHL, Olívia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1971. Primeiro e Segundo Volumes

BASTIDE, Roger. *As Américas Negras*. 5ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1973.

_____. *Estudos Afro-Brasileiros.* São Paulo: Editora Perspectiva.1983.

_____.*O Candomblé da Bahia. Rito Nagô*. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.

BEATA DE YEMONJÁ, Mãe. *Caroço de Dendê. A Sabedoria dos Terreiros.* Rio de Janeiro: Pallas Editora. 1996.

CADÓRNEGA, Antonio de Oliveira de. *História Geral das Guerras Angolanas.* Lisboa: Agência Geral do Ultramar. 1972. 3 volumes.

CARNEIRO, Edson, *et al. O Negro no Brasil. Trabalhos apresentados no segundo Congresso Afro-Brasileiro em Salvador-Bahia (1937).* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1940.

_____. *Ladinos e Crioulos: estudos sobre o negro no Brasil.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1964.

CASCUDO, Luiz da Câmara. *História da Alimentação no Brasil.* São Paulo: Universidade de São Paulo. 1983. 2 volumes.

CLAY, Vinicius. *O Negro em O Estado da Bahia.* Salvador. 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Faculdade de Comunicação – Departamento de Jornalismo - Universidade Federal da Bahia.

EDUARDO DE OLIVEIRA, David. *Filosofia da Ancestralidade, corpo e mito na filosofia da educação brasileira.* Curitiba: Editora Gráfica Popular. 2007.

FERNANDES, Caloca. *Viagem gastronômica através do Brasil.* São Paulo: SENAC São Paulo. 2005.

FERNANDES, João e NTONDO, Zanoni. *Angola: Povos e Línguas*. Luanda. Editora Nzila. 2002.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro.* São Paulo: Editora 34. 2001.

GREENBERG, Joseph. *Studies in African Linguistic Classification*. Connecticut: Compass Publishing Company. 1955.

_____. *The Languages of Africa.* Bloomington: Indiana University. 1966.

GÜTHRIE, Malcom. *The Bantu Language of Western Equatorial Africa.* London: Oxford University Press. 1953.

_____. *The Classification of the Bantu Languages*. London: Oxford University Press. 1948.

HALL, Stuart. Da Diáspora. *Identidade e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2003.

LIMA, Vivaldo da Costa. *A Família de Santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia. Um estudo de relações intragrupais.* 2ª edição. Salvador: Corrupio. 2003.

LOPES, Nei. *Bantos, Malês e Identidade Negra.* Rio de Janeiro: Forense Universitário. 1988.

MAGALHÃES, Elyette Guimarães de. *Orixás da Bahia*. Salvador: Editora Mensageiro da Fé. 1973.

MENDONÇA, Renato, *et al. Estudos Afro-Brasileiros.* Trabalhos apresentados no 1º Congresso Afro-Brasileiro em Recife/Pernambuco em 1934. Recife: Editora Massangana. 1988.

OLIVEIRA, Eduardo. *Cosmovisão Africana no Brasil. Elementos para uma filosofia afrodescendente.* Fortaleza: Editora Ibeca. 2003.

PANTOJA, Selma. *Nzinga Mbandi: Mulher, Guerra e Escravidão.* Brasília: Thesaurus. 2000.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. *A Língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto no Século XVII.* Belo Horizonte: Secretaria de Cultura de Minas Gerais. 2001.

_____. *Falares Africanos na Bahia. Um vocabulário Afro-Brasileiro.* Rio de Janeiro: Topbooks. 2001.

_____. *Língua e Nação de Candomblé.* Em África 4.São Paulo: CEA/USP. 1981.

_____. *Os falares africanos na interação social do Brasil Colônia.* Centro de Estudos Baianos. Salvador: Universidade Federal da Bahia.1980.

PRIORI, Mary Del e VENÂNCIO, Renato Pinto. *Ancestrais: Uma introdução a África Atlântica.* Rio de Janeiro: Elsevier. 2004.

QUERINO, Manoel. *Costumes Africanos no Brasil.* 2ª Edição ampliada e comentada. Em LODY, Raul (org.). Recife: Editora Massangana. 1988.

QUIPUNGO, José. *Teologia e Cultura no Contexto Sócio-Político de Angola.* São Paulo: Instituto Metodista de Ensino Superior. 1987.

RAMOS, Arthur. *As Culturas Negras do Novo Mundo*. 4ª Edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1979.

_____. *O Negro Brasileiro. Etnografia religiosa e psicanálise.* Recife: Editora Massangana. 1988.

REGINALDO, Lucilene. *Os Rosários dos Angolas: Irmandades negras, experiências escravas e identidade africana na Bahia setecentista.* Campinas. 2005. Tese (Doutoramento em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Estadual de Campinas.

RIBEIRO, Darcy. *O Brasil como problema*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves. 1995.

RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*. 6ª Ed. Brasília: Universidade de Brasília. 2005.

SANTOS, Jocélio Teles dos. *O Dono da Terra: O Caboclo nos Candomblés da Bahia.* Salvador: Sarah Letras. 1995.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os nagô e a Morte*. 2ª Edição. Petrópolis/RJ

SODRÉ, Muniz. *Claros e Escuros: Identidade, Povo e Mídia no Brasil.* Petrópolis: Vozes. 1999.

SOUSA, Vilson Caetano de. *Orixás, Santos e Festas. Encontros e Desencontros do Sincretismo Afro-Católico na Cidade do Salvador.* Salvador: Editora UNEB. 2003.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil Escravista. História da coroação de Rei Congo.* Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2006.

TEMPELS, Placide. *Bantu Philosophy*. Paris Ve: Présence Africaine. 1969.

VIANA FILHO, Luis. *O Negro na Bahia. Um Ensaio clássico sobre a escravidão*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1988.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás*. Salvador: Corrupio. 1997.

OUTRAS FONTES

BAHIA. Arquivo do Estado. *Guia de Fontes para a História da Escravidão Negra na Bahia.* Salvador: APEB. 1988.

Educação na Bahia: Memória, Registros, Testemunhos/Jaci Maria Ferraz de Menezes, et al. (coords.). Salvador: Editora UNEB. 2005/2006.

Instituto Histórico e Geográfico da Bahia.

MAIA, Padre Antonio da Silva (org.). Dicionário Complementar Português- Kimbundu – Kikongo. Angola: Tipografia das Missões Cucujães. 1961.

OLIVEIRA, Iolanda de; SISS, Ahyas (orgs.*). Cadernos PENESB 7. População Negra e Educação Escolar.* Niterói: Quarter e EdUFF. Novembro de 2006.

Entrevista: Dona Mariá - Ladeira do Paiva nº 22 – Caixa D'Água – Salvador/BA. Tradição do Candomblé de Caboclo.

INTERNET:

- Wikipédia – A enciclopédia livre.

- Brasil 500 anos. IBGE.

- SciELO – Scientific eletronic library online

- http:/www.ritosdeangola.com.br

- http://www.espacoacademico.com.br

PUBLICAÇÕES:

Revista *Scientific American*. Edição Especial nº 11. ETNOMATEMÁTICA. São Paulo: Ediouro. Novembro de 2004.

Jornal Irohin. Nº 20. Brasília. Julho de 2007.

FOTOGRAFIAS:

Acervo do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia.

Acervo particular do Terreiro Mokambo.

ILUSTRAÇÕES:

Obras da artista plástica SUZANA DUARTE extraída do catálogo da exposição "INKISIS" ocorrida em 22 de novembro de 2002 na Casa de Angola em Salvador na Bahia.

Depoimentos colhidos dos mais velhos, seguindo a tradição do Candomblé Congo/Angola (tradição oral), não só da minha família de santo mas também de amigos e parentes de santo de outras casas.

Terreiro Mokambo
Salvador - Bahia - Brasil